

RESENÇA

ÓRGÃO DA SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO DO PIAUÍ ANO VIII • 17 • TERESINA, ABRIL/JULHO 1986

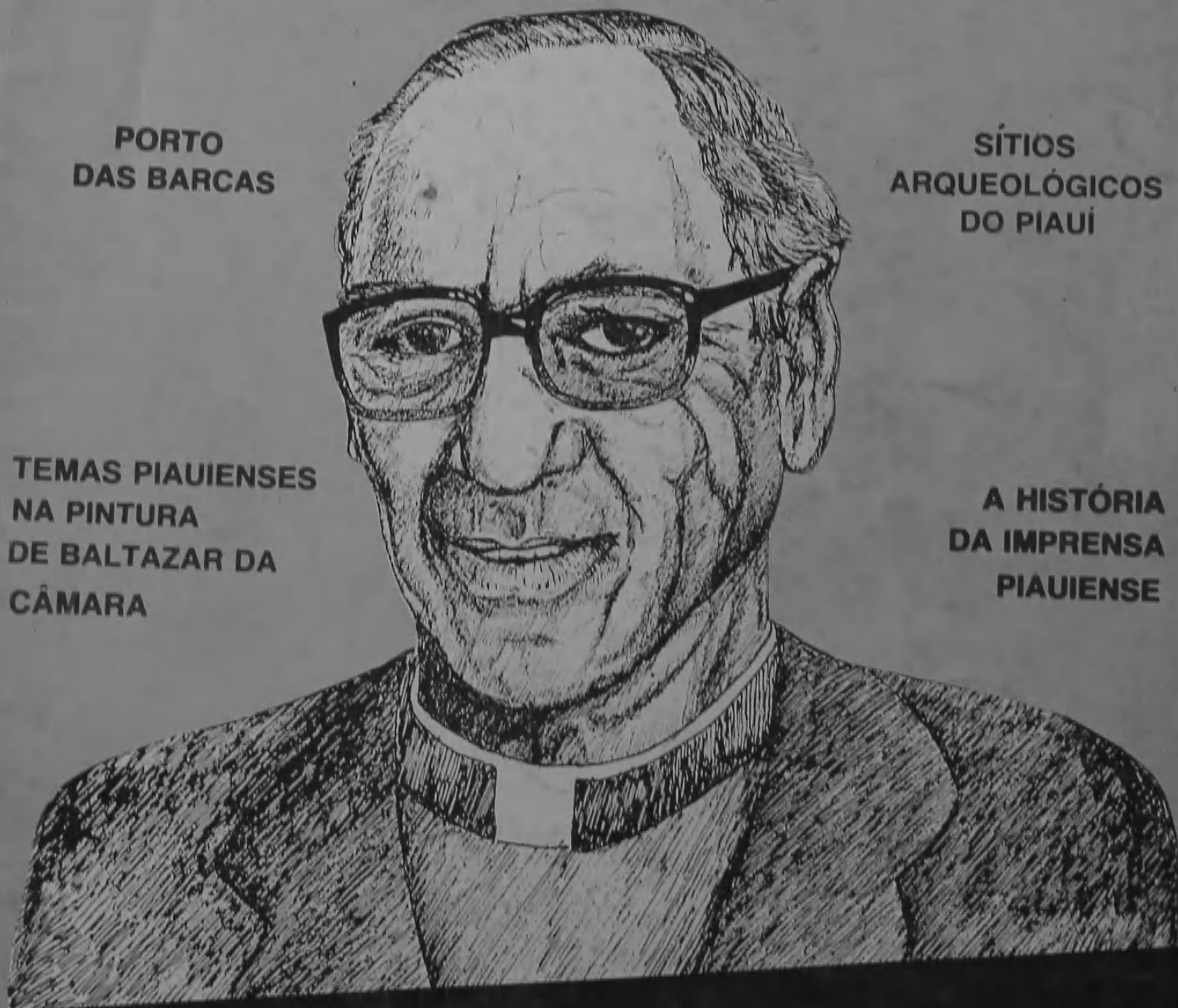
MEMORIAL TERTULIANO BRANDÃO FILHO

PORTO
DAS BARCAS

SÍTIOS
ARQUEOLÓGICOS
DO PIAUÍ

TEMAS PIAUIENSES
NA PINTURA
DE BALTAZAR DA
CÂMARA

A HISTÓRIA
DA IMPRENSA
PIAUIENSE



**PE. SOLON
CORREIA DE ARAGÃO**

ENTREVISTA:

ABRA SUA Bepoupar



A maneira nossa de fazer poupança

PRESENÇA

Órgão Oficial da Secretaria de
Cultura, Desportos e Turismo do
Piauí

Governador do Estado do Piauí
JOSÉ RAIMUNDO BONA
MEDEIROS

Secretário de Cultura, Desportos
e Turismo
PE. SOLON CORREIA DE
ARAGÃO

Presidente da Fundação Cultural
do Piauí

José Elias de Area Leão

Presidente do Conselho Estadual
de Cultura
BENJAMIM DO REGO
MONTEIRO NETO

Editor:
PEDRO FERRER MENDES
FREITAS

Conselho Editorial
Fco. Miguel de Moura, Carlos
Evandro Eulálio, José Aírton
Gomes e Alcília Afonso
Albuquerque

Secretaria
Sônia Maria Setúbal Cunha e
Silva

Diretora Comercial
Ionísia Peterson Albuquerque

Transcritor
Virgílio Queiroz

Colaboradores

Cunha e Silva, José Aírton
Gonçalves, Humberto
Guimarães, Chico Castro, Maria
Figueiredo dos Reis, Fco.
Rodrigues, Fco. Miguel de
Moura, Elmar Carvalho, Eleazar
Moura, Carlos Alberto Gramosa,
Fco. Rodrigues, Wilton Santos,
Maria Auxiliadora p. Lima,
Alcília Afonso Albuquerque,
Carlos Evandro Eulálio,
Humberto de Campos, Luiz Pires
de Freitas, Dagoberto Carvalho
Júnior, Ací Campelo, Sarah
Manção M. Paulo Nunes, Ana
Clélia Correia, Odílio Queiroz e
Chico Castro

Fotolito e Impressão
COMPEI

PRESENÇA

ÓRGÃO DA SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO DO PIAUÍ - Nº 11 - 11.ª EDIÇÃO - ABRIL - 1982 - 100 PAG.

MEMORIAL TERTULIANO
BRANDÃO FILHO

PORTO
DAS BARCAS

SÍTIOS
ARQUEOLÓGICOS
DO PIAUÍ

TEMAS PIAUIENSES
NA PINTURA
DE BALTAZAR DA
CÂMARA

A HISTÓRIA
DA IMPRENSA
PIAUIENSE



PE. SOLON
CORREIA DE ARAGÃO

NOSSA CAPA

Pe. Solon Aragão — desenho e produção de
capa do artista plástico Arnaldo
Albuquerque

A Revista Presença é,
hoje, um compromisso
intelectual do
Piauí. Honrá-lo é tarefa dos
que executam a
política cultural do Estado.
Dos que fazem, portanto,
a Secretaria de
Cultura, Desportos e
Turismo e a Fundação
Cultural do Piauí.

Temos consciência disso.
Como, também, da
intemporalidade da revista,
enquanto intérprete —
veículo de formação e
informação que é —
de nossas manifestações
culturais. O que registra esta
edição é, cronologicamente,
novo tempo administrativo.
Tempo que marca o
Governo Bona Medeiros,
o comando, a nível
de Secretaria, do Padre
Solon Correia de Aragão. E
porque acreditamos no
Piauí e em suas
potencialidades intelectuais
e turísticas; porque
nos temos empenhado na
preservação e defesa

dos mais caros bens de nossa
cultura; porque se
tem feito, justamente,
através da "Presença",
seu registro e
divulgação, apostamos na
revista.

Resgatada — tivera vida
efêmera em sua primeira
fase — em fins de
1982, no pequeno-grande
mandato de Manoel Paulo
Nunes, a **Revista Presença**,
transcendeu os
limites da província e se
inscreveu como sua
realização maior.
Associa-se-lhe, em seguida,
os nomes do Deputado
Jesualdo Cavalcanti e da
Professora Lena Monteiro,
de dedicação e zelo,
que convém ressaltar. Agora
a missão é nossa. Sob a
orientação bem
intencionada do Secretário
Solon Aragão, temos
certeza saberemos honrar
este compromisso do
Piauí cultural.

Ferrer Freitas



ENTREVISTA:
PE. SOLON CORREIA DE
ARAGÃO

PAG. 5



PORTO DAS BARCAS
ALCILIA AFONSO
ALBUQUERQUE

PAG. 27



O CARNAVAL EM
PARNAÍBA
HUMBERTO DE CAMPOS

PAG. 50



ARQUIVO PÚBLICO
(CASA ANÍSIO BRITO)
JOSÉ AIRTON
GONÇALVES

PAG. 21



A EDUCAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO
LUIS PIRES DE FREITAS

PAG. 33



SÍTIOS ARQUEOLÓGICO
DO PIAUÍ
ANA CLÉLIA CORREIA

PAG. 56



TEMAS PIAUIENSES NA
PINTURA DE BALTAZAR
DA CÂMARA

PAG. 24



LENA MONTEIRO
UM EXEMPLO DE
CULTURA E EDUCAÇÃO

PAG. 48

DEVIA SER TUDO NOITE
FRANCISCO MIGUEL DE
MOURA

PAG. 70

A HISTÓRIA DA
IMPRENSA PIAUIENSE
CUNHA E SILVA

PAG. 76



Entrevista

Pe. SOLON CORREIA DE ARAGÃO

Secretário de Cultura, Desportos e Turismo,
concedida a Ferrer Freitas,
Sônia Cunha e Virgílio Queiroz.



DESENHO DE ARNALDO ALBUQUERQUE

PRESENÇA O ex-Secretário de Cultura é um político. O senhor também o é. Não ficaria melhor no cargo um intelectual?

Pe. SOLON ARAGÃO Esta pergunta leva-me a concluir que o repórter põe só no intelectual a capacidade de administrar e o privilégio da cultura. O que não admito. O Presidente Sarney convidou Fernanda Montenegro para o MINC e depois confiou-o a um farmacêutico. Nem este nem aquela me constam ser intelectuais, no sentido invocado. O próprio Ministro da Cultura é mais um economista, e de grande renome.

PRESENÇA A cultura piauiense vem tendo o apoio da SECTUR?

Pe. SOLON ARAGÃO Está comigo a impressão, direi mesmo a certeza, de que a cultura piauiense encontra-se num verdadeiro estado de efervescência. Isto é um processo que não pode, nem deve parar. Como não continuar a dar o apoio que, até agora, tem recebido, nas outras administrações? Do contrário esta Secretaria, criada para isto, estaria traindo sua destinação.

PRESENÇA Como o senhor vê a concessão de benefícios na área de Imposto de Renda, para operações de caráter cultural?

Pe. SOLON ARAGÃO Vejo com muita esperança e com a sofreguidão da planta que, em solo agreste, recebe a chuva benfazeja.

PRESENÇA Como o senhor vê o momento cultural piauiense, em relação à literatura, ao teatro, à música, ao cinema e às artes plásticas?

Pe. SOLON ARAGÃO Como disse, fica em mim a certeza de que o momento cultural do Piauí é de alta. No que tange à literatura, há uma plêiade de escritores consagrados, outros chegando, à procura de espaço. No que diz respeito ao teatro, os autores piauienses, bem como os atores, recebem louvores e prêmios aqui e lá fora. A música piauiense já se afirma, sem contestação. O cinema caminha devagar, mas agora mesmo assinamos convênio com o cineasta Miguel Freire, para filmagem do 1º longa-metragem de tema e local piauienses, de autor nativo, o grande escritor

Assis Brasil. As artes plásticas, bem praticadas, e expostas em profusão.

PRESENÇA A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo se relaciona bem com os grupos de teatro do Piauí? Não há falta de apoio?

Pe. SOLON ARAGÃO Tenho notado o melhor, entre a Secretaria e os grupos de teatro. Recebo a todos com o respeito que merecem e com a urbanidade de amigo da classe. Um maior apoio não se lhes oferece, por exigüidade de recursos.

PRESENÇA Há barreiras ao desenvolvimento da cultura piauiense?

Pe. SOLON ARAGÃO Se barreiras existem, oriundas de nossa pobreza, aos poucos são afastadas pela coragem dos agentes de nossa cultura.

PRESENÇA Quais são as prioridades da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo em sua administração?

Pe. SOLON ARAGÃO Mal disponho de tempo para o prosseguimento do programa que herdei. A negativa de recursos para programas novos impede-me de projetar algo que marque a presente administração. Se me for possível, desejo interiorizar a cultura, como prioridade desta gestão que só dispõe de 8 meses.

PRESENÇA Como o senhor encarou a desvinculação de cargos, Secretário/Presidente da Fundação Cultural?

Pe. SOLON ARAGÃO Tamanha é a afinidade de pensamento e ação entre mim e o Presidente da Fundação Cultural, Dr. José Elias Arêa Leão, que a desvinculação não me causou perda.

PRESENÇA As feiras de arte popular vão voltar a funcionar, como é o desejo da comunidade?

Pe. SOLON ARAGÃO Cogitamos dessa volta. Elas terão, entretanto, seu caráter nitidamente cultural.

PRESENÇA O Projeto Petrólio Portella vai dar continuidade ao plano editorial do Estado?

Pe. SOLON ARAGÃO Este projeto é um grande instrumento

dos objetivos da Secretaria. Não há porque tolher sua trajetória.

PRESENÇA O que o senhor acha da revista Presença, como órgão de difusão da cultura, do esporte e do turismo piauiense?

Pe. SOLON ARAGÃO Tenho para mim que a revista Presença é nosso carro-chefe. Sua apresentação gráfica e, mais que isso, seu conteúdo, lhe tem valido prestígio nacional. Não será vaidade classificá-la entre as melhores do País.

PRESENÇA Como o senhor vê a situação do nosso folclore, tão desprestigiado pela comunidade, e, até mesmo, pelos poderes públicos?

Pe. SOLON ARAGÃO Nosso folclore tem os seus estudiosos e pesquisadores. Tem cultores entre os literatos e gente do povo. Todos juntos garantirão a sobrevivência, pela prática das expressões folclóricas e pela pressão junto aos poderes públicos. Durante a realização dos folguedos pudemos constatar a presença do folclore piauiense. Infelizmente, não há inovações, o que se nota em diversas áreas da expressão do espírito humano. Veja você o que, de novo, apresenta o carnaval, em termos de música? O povo continua a cantar as mesmas marchas e sambas que empolgaram há quarenta anos passados. Os cantos de Natal, por exemplo, praticamente ficaram adstritos ao Adeste Fideles e Noite Feliz. Nada de novo apareceu que entusiasmasse os fiéis. Procurem quantas Marchas Nupciais surgiram, depois das duas clássicas que conhecemos. Não há desprestígio, ou falta de incentivo. Há deficiência de criação e de criatividade.

PRESENÇA Para o senhor, a política de turismo implantada no Piauí já conta com infra-estrutura para atrair turistas a conhecer o nosso Estado?

Pe. SOLON ARAGÃO Existe um desejo veemente de que o Piauí entre a participar do movimento turístico brasileiro. A PIEMTUR desenvolve o Programa "Piauí - Sim" — gesto concreto daquele desejo — que será verdadeira ponta de lança para abertura do Piauí aos turistas brasileiros e

até mesmo estrangeiros.

PRESENÇA A cultura brasileira obedece a um planejamento e metas pré-estabelecidas de forma que atende aos setores dominantes. Qual é a sua visão sobre essa afirmativa?

Pe. SOLON ARAGÃO Não acredito que a cultura possa ser manipulada, a ponto de ser planejada e submetida a metas pré-estabelecidas. Ela possui forças endógenas próprias que a imunizam dos assédios dos poderosos ou forças dominantes. Valha a verdade, os regimes autoritários, as ditaduras investem com tentativas de domínio cultural. Essas apenas conseguem contrafações fadadas a desaparecer com elas.

PRESENÇA O senhor é contra ou a favor da proibição do filme "Je Vous Salue Marie", no Brasil?

Pe. SOLON ARAGÃO Considero este filme uma violência, um atentado, uma ofensa a toda minha estrutura de padre. Entendo que este cineasta feriu uma das coisas mais nobres de que se orgulha o mundo católico. Repilo, com veemência, a ousadia desse profissional do cinema, o qual, sob a pretensão de obra de arte, açoita nossa fé com o acicate de sua impiedade. Para mim, ele deliberou cobrir a candura com o manto do mais imundo tecido. Sem querer criticar, de maneira condenatória, a proibição do filme, eu teria advertido os católicos do atentado peçonhento, e que cada um deliberasse, por si, assisti-lo ou não. Está na escritura que Deus colocou o bem e o mal diante do homem. A ele cabe abraçar a um ou a outro. Entre o arminho e o escaravelho, fico com o primeiro.

PRESENÇA A Nova República, ao tomar a medida de vetar o filme e proibir a música "Merda" do Caetano Veloso, não está, de certa forma, nos levando a meditar sobre o provérbio que diz: "Quando a arte é cerceada não tarda muito para que homens também o sejam!".

Pe. SOLON ARAGÃO Longe de mim dar tal entendimento. Não se nega a liberdade, quando se condena um homem à reclusão, nem se condena a

Medicina, proibindo um médico de exercê-la. Assim, não há força humana que sufoque a verdadeira arte.

PRESENÇA Como o senhor vê a participação da Igreja no mundo socialista?

Pe. SOLON ARAGÃO Alguns países do chamado mundo socialista são de maioria católica, como é o caso da Polônia e a Hungria. O papel da Igreja é o da assistência espiritual a seus filhos, dentro do grande ensino do Mestre: "dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus".

PRESENÇA A Teologia da Libertação é uma saída para a chamada "Crise Religiosa"? Ela levará a comunidade e seus problemas para um debate mais amplo com a Igreja?

Pe. SOLON ARAGÃO Diria que é uma saída para a crise humana, crise social. Ou os homens se libertam do egoísmo, do desamor, da discriminação, ou não teremos jamais convivência fraterna e paz entre os concidadãos. Constitui uma falsidade, uma injúria, dizer-se que ela se baseia em Marx. Seu verdadeiro e grande suporte é Jesus Cristo, irmão libertador de todos os mortais. Ao dizer que quem tivesse duas túnicas desse uma ao que não tinha, proclamava uma melhor distribuição de bens, como penhor da mais pacífica convivência entre os homens.

PRESENÇA O senhor é a favor do celibato?

Pe. SOLON ARAGÃO O celibato, desde muitos séculos, é um dos sacrifícios que os vocacionados ao estado sacerdotal, na Igreja do Ocidente, devem assumir. Quando me convenci de que tinha, além de vocabilidade, também vocação, resignei-me à exigência da Igreja, de boa vontade, sem deixar de a considerar árdua. Lembro-me da advertência do autor de "Imitação de Cristo": "tanto maior será o teu progresso (espiritual), quanto maior for o sacrifício que te impuseres a ti mesmo".

PRESENÇA Como o senhor

analisa o quadro político nacional, atual?

Pe. SOLON ARAGÃO Prefiro nada dizer, mesmo porque, a cada momento, seu panorama muda, de maneira estonteante. Uma coisa parece cristalina, infelizmente, "para muitos, quase a totalidade dos políticos, a política está sendo uma luta de interesses e uma escaramuça de ventres".

PRESENÇA O senhor é homem bem humorado, com senso de humor apurado. As histórias que contam a seu respeito são frutos da sua imaginação ou são verdadeiras?

Pe. SOLON ARAGÃO São frutos da presença de espírito e agilidade mental. Nunca me sentei para escrever qualquer história a mim atribuída. O estalo se dá na hora.

PRESENÇA Ainda sobre senso de humor, alguém já disse que o homem que não tem senso de humor é burro. O senhor concorda?

Pe. SOLON ARAGÃO De maneira alguma. O senso de humor existe em todos nós, em maior e menor intensidade. Isto acontece com todos os componentes do nosso conhecimento. O "QI" de cada um difere muito. Conheço gente com muita inteligência e pouco senso de humor.

PRESENÇA Como o senhor recebeu o título de Monsenhor, que é honorífico.

"camareiro" do Papa?

Pe. SOLON ARAGÃO Recebi com agradecimentos a quem me concedeu. Hoje não se chama de "camareiro", mas Capelão de Sua Santidade. É um título honorífico, mas eu prefiro sentir como Camões para quem "as honras... mais vale merecê-las sem as ter, do que tê-las sem as merecer".

PRESENÇA Quantos anos o senhor tem de Sacerdócio e de Educador?

Pe. SOLON ARAGÃO Tenho 42 anos de sacerdote e outros tantos de educador. Sempre me considerei um servidor de meus paroquianos e concidadãos. E disso faço a minha glória maior.

PRESENÇA O que o Senhor é mais, Padre ou Político?

Pe. SOLON ARAGÃO Muito mais padre. Quanto alcancei na vida, debito, por inteiro, à minha condição e vocação de padre.

Ensaio

AS LINGUAGENS HETERONÍMICAS PESSOANAS

*"Desejo ser um criador de mitos,
que é o mistério mais alto
que pode obrar alguém da
humanidade".*

Fernando Pessoa



CARLOS EVANDRO M. EULÁLIO

Diante de um poema de Fernando Pessoa, questionar o enigma de sua pluralidade criativa, com ênfase nos **projetos literários** PESSOA-IPSE, CAEIROS, REIS e CAMPOS constitui a nossa primeira dificuldade, sobretudo quando insistimos decifrar os seus múltiplos sentidos, sem procurar nas entrelinhas de suas afirmações índices que nos permitam formular possíveis hipóteses explicativas acerca da gênese de seus heterônimos.

Com apoio teórico nas poesias do autor e em particular nas suas declarações das "Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação", (PIAI),

procuramos tecer uma abordagem-síntese da obra poética de Fernando Pessoa, nela considerando como aspecto essencial e primeiro a sua atitude experimentalista diante da complexa arte de fazer poesia.

Procedemos nosso estudo, a partir do exame da poesia ortônima para, em seguida, percorrermos o trajeto dos heterônimos, obedecendo à seguinte ordem: ALBERTO CAEIRO, RICARDO REIS e ÁLVARO DE CAMPOS. Essa ordem foge a quaisquer propósitos hierárquicos, mesmo porque a linearidade criativa de seus textos sempre foi

Carlos Evandro M. Eulálio:
Crítico Literário, Ensaista, Membro
do Conselho Editorial "Petrônio
Portella"

descartada pelo próprio Pessoa, conforme carta dirigida a Adolfo Casais Monteiro:

"...o fenômeno de minha despersonalização instintiva a que aludi em minha carta anterior, para explicação da existência dos heterônimos, conduz naturalmente a essa definição. (...) Não evoluo, VIAJO" (O. Prosa, p. 101)

II

FERNANDO PESSOA IPSE

O Projeto Literário FERNANDO PESSOA — ELE MESMO, que compreende os textos MENSAGEM, CANCIONEIRO e INÊDITOS apresenta tendências estilísticas que desvelam o caráter

inconformado do poeta, inimigo de fórmulas e achados:

"Mas eu não tenho princípios. Hoje defendo uma coisa, amanhã outra. Mas não creio no que defendo hoje, nem amanhã terei fé no que defenderei." (PIAI, p. 65)

Essa instável atitude de Pessoa, que consiste na perene busca de transcender as fronteiras do finito e do acabado, faz com que identifiquemos na sua poesia ortônima um potencial gerador de outros textos formalmente antagônicos. Daí suas incursões pelo "PAULISMO" e pelo "INTERSECCIONISMO", correntes vanguardistas da moderna poesia portuguesa do início do século, teorizada a primeira no texto-programa "Impressões do crepúsculo" e a segunda, em nota preliminar ao "Cancioneiro". Mas Pessoa refuta essas correntes e proclama o SENSACIONISMO como doutrina básica de seus princípios, exatamente porque se fundamenta na negação a princípios estéticos:

"O Sensacionismo difere de todas as atitudes literárias em ser aberto, e não restrito. Ao passo que todas as escolas literárias partem de um certo número de princípios, assentam sobre determinadas bases, o Sensacionismo não assenta sobre base nenhuma". (PIAI, p. 159)

Nos termos de Pessoa, o Sensacionismo consistiria na expressão de sensações, entendidas mais precisamente como toda gama de impressões que o objeto possa transmitir ao sujeito e que podem ser captadas, tanto do ponto de vista do objeto (objetivas), quanto do ponto de vista do sujeito (subjetivas). Conseqüentemente, para alguns heterônimos, a **sensação** será um dado essencialmente subjetivo e, para outros, rigorosamente objetivo. Para uns, portanto, o real será o objeto; para outros, o objeto enquanto existência mental. O modo como o signo expressa a realidade compete a cada heterônimo delineá-lo.

Diríamos então que o texto "FERNANDO PESSOA — IPSE" experimentalmente coexistindo

com as tendências futuristas que então se esboçavam em Portugal, em meio à proliferação dos ismos, aflora como uma poesia nitidamente metalingüística, na medida em que, por meio do "Paulismo", o poeta procura esgotar o modelo Simbolista, adotando uma postura acentuadamente crítica e de rejeição ao saudosismo até então nutrido por Teixeira Pascoais. Observamos esse aspecto notadamente em "Impressões do Crepúsculo" no qual a confluência de construções sinestésicas, evidenciando o **sensacionismo sucedentista**, promove a exaustão do culto do vago, do impreciso, do indefinido:

"PAUIS DE ROÇAREM ânsias
pela minh'alma em ouro...
Dobre longínquo de Outros
Sinos... Empalidece o louro
Trigo na cinza do Poente...
Corre um frio carnal por
minh'alma..."

Tão sempre a mesma, a Hora!...
Balouçar de cimos de palma!...
Silêncio que as folhas fitam em
nós... Outono delgado
Dum canto de vaga ave... Azul
esquecido em estagnado..."
(O. Poética, p. 108)

São, portanto, esse embricamento e esse simultaneísmo de sensações indefinidas que fazem com que os elementos estruturais do texto nele se distribuam caoticamente, instaurando assim o esvaziamento semântico e abstrato do Simbolismo. Nesse sentido, podemos encarar o "Paulismo" como paródia do Simbolismo, se admitirmos que Pessoa opte por uma atitude de extrema radicalização, ao utilizar-se de processos como o associacionismo de idéias, representado sobretudo pelo jogo sinestésico, pela desreferencialização do código, enfim, pela montagem paratática do texto.

Pari passu a essa experiência, posteriormente relegada por Pessoa, identificamos em sua obra a presença do **interseccionismo**, mediante o qual a poesia pessoana assimila os efeitos cubistas, configurados na circularidade poemática, privilegiando acima

de tudo o recurso metonímico. Exemplo máximo dessa nova postura vamos encontrar nos seis poemas que compõem a "Chuva oblíqua":

"Ilumina-se a igreja por dentro
da chuva deste dia
E cada vela que se acende é mais
chuva a bater na vidraça..."

Alegra-me ouvir a chuva porque
ela é o templo estar aceso
E as vidraças da igreja vistas
de fora são o som da
chuva ouvido
por dentro...
O esplendor do altar-mor é o eu
não poder quase ver os montes
Através da chuva que é o ouro
tão solene na toalha do altar...
Soa o canto do coro, latino e
vento a sacudir-me a vidraça
E sente-se chiar a água no fato de
haver coro..."

A missa é um automóvel que
passa
Através dos fiéis que se ajoelham
em hoje ser um dia triste...
Súbito vento sacode em
esplendor maior
A festa da catedral e o ruído da
chuva absorve tudo
Até só se ouvir a voz do padre
água perder-se ao longe
Com o som de rodas de
automóvel...

E apagam-se as luzes da igreja
Na chuva que cessa...
(O. Poética, p. 114)

Procedendo a fusão dos mundos interior e exterior, patenteia-se, conforme Benedito Nunes, "o processo que determinou, na expressão poética de Fernando Pessoa, a ascendência do pensamento sobre a sensibilidade."

III

ALBERTO CAEIRO

Na ordem de surgimento, teria sido o primeiro heterônimo de Fernando Pessoa. Hierarquicamente é o mestre de Reis e de Campos. Dentre os demais, é aquele que, em torno de si, menos se privilegiou o mítico lado biográfico.

Em Caetano, Pessoa ressalta mais do que nunca o aspecto objetivo, puro e totalitário das

coisas, mediante o qual declara sua crítica a toda e qualquer manifestação de linguagem.

Na teoria **sensacionista**, a sensação corresponde ao real, à presentificação das coisas:

"Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele"
(O Poética, p. 207)

A **sensação**, portanto, consistiria numa visão das coisas e do mundo, de modo natural, direto, alheio à necessidade de reflexão, para poder apreender o real:

"O essencial é saber ver
Saber ver sem estar a pensar
Saber ver quando se vê
Nem ver quando se pensa"
(O Poética, p. 317)

A negação ao espírito especulativo das coisas, aparente manifesta, exprime, contraditoriamente, o agudo perscrutar da realidade. Mediante impressões visuais, Caeiro vivencia a primitividade das coisas. Igualmente pela linguagem em seu estado original, primeiro, cristaliza essas impressões — daí o caráter simples e prosaico de sua poesia. Assim, condena o aspecto metafórico, entendido como elemento de disfarce, por meio do qual a realidade se esconde

"Procuro encostar as palavras
à idéia
E não preciso dum corredor
Do pensamento para
as palavras"
(O Poética, p. 225)

Justificar-se-ia, por outro lado, esse sentido crítico, na forma como Caeiro procura recuperar o caráter primitivo e original da palavra, por meio da linguagem poética. Estaríamos assim diante de um reducionismo que leva o poeta a propor uma poesia do silêncio, expressão de uma vontade de "poesia de grau zero", conforme nos explicita Eduardo Lourenço, a propósito de algumas colocações de José Augusto Seabra sobre este assunto. Lourenço assim define o texto de Caeiro:

"mas o que ele é, do que vive

em cada poema e da **distância** (infinita) que separa consciência e mundo, olhar e coisa vista. Caeiro nasce para a anular, mas é no espaço que separa olhar e realidade, consciência e sensação que o seu verbo (a sua voz) irônica e gravemente se articula" (Pessoa revisitado, p. 36)

Em que pese a aparente expressão poética — simples, ingênua e propositadamente inconsequente — o complexo e paradoxal universo heteronímico de Pessoa atinge no Projeto Caeiro as culminâncias de suas indagações acerca da relação



SIGNO/REAL, pois é por meio dela que o poeta questiona, de maneira mais radical possível, a incapacidade ou impossibilidade que a linguagem tem de nomear o real pela palavra. A palavra é vista e problematizada como veículo impossível de transcender o objeto e de, em seguida, nomeá-lo.

O gesto de Caeiro, no plano da expressão poética, consiste portanto em subverter a própria linguagem naquilo que ela apresenta de falso e de inviável para encurtar a distância existente entre o signo verbal e o objeto.

IV

RICARDO REIS

A linguagem poética de Ricardo Reis propõe, em princípio, mimetizar o pensamento puro e elevado, embebido de razão e emoção:

"Nós, imitando os deuses,
Tão pouco livres como eles no Olimpo,
Como quem pela areia
Ergue castelos para encher os olhos,
Ergamos nossa vida
E os deuses saberão
agradecer-nos
O sermos tão como eles."
(O Poética, p. 326)

Para viabilizar o projeto PESSOA/REIS, o poeta busca nas fontes clássicas, especialmente em Horácio, os exemplos ideais de construção poemática. Os princípios estoicistas e epicuristas lhe fornecem as linhas mestras que orientam o paganismo de suas teses, como sejam: "fugacidade do tempo"; "a vida como segmento de sucessivas mortes"; "o futuro — para nós — desconhecido e voraz"; "a inevitabilidade do destino imprevisível" etc.

Do Epicurismo lhe advém a lição do destemor ao desconhecido, aos deuses e à morte; do Estoicismo, o reconhecimento da superioridade do destino e a conquista da felicidade e da imperturbabilidade, pelo equilíbrio e moderação na escolha dos prazeres sensíveis e espirituais.

Merece especial atenção em nossa síntese questionar na poética de Reis o problema do signo e sua relação com o real. Segundo Blanchot, a inspiração significa a anterioridade do poema, sendo que a afirmação do ato poético ocorre após a realização do trabalho de arte. Com relação a Reis, afirmaríamos que este vai mais além, ao pretender imaginar a figura do poeta como ser capaz de tornar em ato esta mesma inspiração (se aqui a entendermos como pensamento puro absoluto).

"Nossa vontade e o nosso pensamento
São as mãos pelas quais outros
nos guiam
Para onde eles querem
E nós não desejamos."
(O Poética, p. 265 Ode 334)

Para inscrever poeticamente o pensamento puro, o poeta não tem outra saída, senão eleger a forma igualmente pura, capaz de iluminar o verdadeiro caminho para a ascensão.

Sendo o pensamento alto (verdadeiro) a fonte da poesia, o poeta estaria para Reis, assim como o filósofo estaria para Platão. A sua linguagem poética, como arcabouço do pensamento nobre e elevado, fluiria de modo espontâneo e, por consequência, o poema resultaria também nobre e elevado. Daí que a sua expressão poemática apresenta ritmo, rima e métrica regulares, além de possuir deliberado pendor latinizante quanto ao seu estilo:

"AS ROSAS amo dos jardins de Adônis.

Essas volúcras amo, Lídia, rosas.
Que em o dia em que nascem
Em esse dia morrem.

A luz para elas é eterna, porque
Nascem nascido já o sol, e
acabam

Antes que Apolo deixe
O seu curso visível.
Assim façamos nossa vida um
dia.

Inscientes, Lídia,
voluntariamente
que há noite antes e após
O pouco que duramos."
(O. Poética, p. 259)

A natureza da **sensação** para Reis consistiria então no real, convertido em pensamento ou conceito, apoiado, todavia, na emoção controlada, responsável pelo equilíbrio da expressão poética.

V

ÁLVARO DE CAMPOS

No universo heteronímico de Pessoa, Campos se inscreve como o poeta das **sensações**. "É o filho indisciplinado da **sensação**". Daí a sua ânsia de captar a **sensação** na pluralidade, sem domínio ou controle da consciência:

Hé-lá as ruas, hé-lá as praças,
hé-lá-hó la foule!

Tudo o que passa, tudo o que
pára às montras!

Comerciantes: vadios, escrocs
exageradamente bem vestidos;
Membros evidentes de clubes
aristocráticos;

Esquálidas figuras dúbias;
chefes de família vagamente
felizes

E paternais até na corrente de
oiro que atravessa o colete
De algibeira a algibeira!
Tudo o que passa, tudo o que
passa e nunca passa!

(O. Poética, p. 307)

Trata-se do mais viajado
heterônimo de Pessoa:

"Álvaro de Campos nasceu em Lisboa em 13 de outubro de 1890, e viajou muito pelo Oriente e pela Europa, vivendo principalmente na Escócia" (PIAI, p. 411)



Esse peregrinar projeta-se no texto de Campos mediante suas três diferentes faces:

— a primeira, **decadentista**, formada apenas pelo poema "Opiário" (intencionalmente datado como anterior às Odes, para mostrar a influência de Caeiro) manifesta a sua passividade e ao mesmo tempo a sua perplexidade, em meio ao momento que precede a era dinâmica de nossa civilização: "E afinal o que quero é fé, é calma. E não ter estas sensações confusas".

(O. Poética, p. 305)

— a segunda, denominada **sensacionista**, compreende as Odes, além dos poemas

"Passagem das horas", "Saudação a Walt Whitman" e "Dois excertos de Odes". Esta face assinala o entusiasmo do poeta ante o porvir da moderna era mecânica e industrial que se avizinha e se entremostra no início do século:

"À DOLOROSA LUZ das grandes lâmpadas elétricas da fábrica
tenho febre e escrevo"
(O. Poética, p. 306)

— a terceira, chamada **depressiva**, reúne a maior parte dos poemas de Campos, a partir de "A casa branca nau preta". São poemas que revelam cansaço e exprimem sensação de vazio e de nulidade ante suas limitações como intérprete de um mundo convulso.

Para efeito de análise, importa-nos apenas os dois últimos momentos, visto o primeiro ser considerado no contexto da poesia de Campos, de menor importância.

OS POEMAS SENSACIONISTAS

Há que ressaltar o gesto profundamente transgressor de Campos, ao tentar iconizar a pluralidade de sensações na própria linguagem, embora no processo de estruturação poemática se suponha uma organização lógica, por imposição da atitude de pensar a sensação:

"Por isso quê? Sei lá o que é! ...
Vai! ... Passa! ...
Com um ligeiro estremecimento,
(t-t-t-t-t-t-t-t-t-t...)
O volante dentro de mim pára."
(O. Poética, p. 306)

Se estabelecermos um paralelo, para melhor explicarmos este aspecto, entre Reis, Caeiro e Campos, diríamos que o primeiro tenta manifestar o EU múltiplo mediante o predicado simbólico em relação ao sujeito; o segundo através da referencialidade e Campos através da tentativa de materializar este predicado. A atitude experimentalista de Campos consiste, portanto, em anular o espaço existente entre o signo e a realidade, sobretudo quando intenta materializar essa realidade por meio da própria linguagem. É nessa tentativa que o signo verbal perde suas marcas

específicas, frustrando as pretensões do poeta, como veremos adiante.

Em Campos, a multiplicidade de impressões, o transbordar simultâneo de sensações configuram-se expressivamente nas enumerações caóticas, na predominância de frases nominais, fragmentárias, enfim na plasticidade textual, em função da harmonia que se sobrepõe à melodia, face à prevalência de construções analógicas.

POEMAS QUE EXPRESSAM O CANSAÇO

Aqui verificamos uma transformação radical na poesia de Álvaro de Campos. A nota principal dessa nova postura é a



sua atitude reflexiva sobre a incapacidade de representar o real pela palavra.

O símbolo, por mais significativo que seja, é sempre impotente para predicar o eu na sua essência. No trecho seguinte, extraído de "Passagem das horas", visualizamos a triste conclusão a que chega PESSOA/CAMPOS, quanto à melancólica constatação da fragilidade simbólica:

"Trago dentro do meu coração
Como num cofre que se não pode
fechar de cheio
Todos os lugares onde estive
Todos os portos a que cheguei
Todas as paisagens que vi
através de janelas ou vigias,
Ou de tombadilhos, sonhando,
E tudo isso, que é tanto, é pouco
para o que eu quero"

(O. Poética, p. 445)

No fragmento destacamos

índices que apontam uma possível leitura da poesia sensacionista e depressiva de Álvaro de Campos. Os dois principais momentos de sua poesia aí comparecem: o primeiro, caracterizado por uma viva disposição do poeta de tornar palpável a sua experiência, o seu mundo; o segundo, por sua vez denota indícios de fraqueza. Diante dessa riquíssima experiência existencial, o poeta confessa sua impossibilidade de expressar o real pela palavra. Conhecer o mundo ou observá-lo não é tudo para o poeta, mas experimentá-lo pela palavra, exprimi-lo significativamente — eis a sua lograda aventura.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- PESSOA, Fernando — Obra Poética, Ed. Aguilar, Rio, 1972
- Obras em Prosa, Ed. Aguilar, Rio, 1982
- Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias, Ática Lisboa, 1973
- Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação, Ática, Lisboa, 1978.

BIBLIOGRAFIA AUXILIAR

- BELKIOR, Silva — Horácio e Fernando Pessoa, CBAG, Rio, 1982
- COELHO, Jacinto do Prado — Diversidade e unidade em F. Pessoa, Verbo, SP, 1977
- BLANCHOT, Maurice — L'oeuvre d'art e L'imagination — Classiques Hachette, Paris, 1955, p. 200
- LOURENÇO, Eduardo — Fernando Pessoa revisitado, Moraes, Lisboa, 1981, 2ª ed.
- NUNES, Benedito — Os outros de F. Pessoa em O Dorso do Tigre, Perspectiva, São Paulo, 1976, p. 215
- PERRONE-MOISÉS, Leyla — Aquém do eu além do outro, Martins Pontes, SP, 1982
- QUESADO, José Clécio Basílio — O constelado F. Pessoa, Imago, Rio, 1976
- SEABRA, José Augusto — Fernando Pessoa ou o poetodrama, Perspectiva, SP, 1982, p. 90
- SIMÕES, João Gaspar — Heteropsicografia de F. Pessoa, Inova, Porto, 1973

Em
Amarante

visite o

Centro

Cultural

Odilon Nunes

MARIA FIGUEIREDO DOS REIS



MANOEL BANDEIRA
DOIS MOMENTOS

II. LIBERTAÇÃO E FUGA

Neste novo encontro com Bandeira, estudaremos a segunda fase da sua obra poética, aquela a que chamamos de Libertação e Fuga.

Não estando preso, em nenhum momento, aos cânones de qualquer estilo de época, mesmo assim o autor de Libertinagem nos entrega, agora, uma poesia ainda mais livre, mais nova, exatamente aquela poesia que, brasileira, não buscou nas Europas modelos, temas ou delimitações, portanto a libertação na poesia bandeiriana tem, então, um sentido completo. Sua poesia é descontraída, espontânea, natural, brotando sem que uma semente específica plantada, fosse dar o fruto devido, mas nascendo mesmo sem que nenhuma semente tenha sido sistematicamente plantada. A libertação temática é ditada pelo poeta que deseja fugir daquela tristeza que dominou seu estro em toda a fase anterior, tristeza da qual ele se liberta, se distancia, tristeza a que ele diz adeus. E eis como Bandeira inicia seu LIBERTINAGEM.

UNS TOMAM ÉTER,
outros cocaína
Eu já tomei tristeza,
hoje tomo alegria"
(Não Sei Dançar)

Ele deseja também libertar-se dos princípios que ditam normas de como escrever versos, como fazer poesia. E dá o seu grito de independência "poética": "ESTOU FARTO do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbados

O lirismo difícil
e pungente dos bêbados
O lirismo dos
clowns de Shakespeare
— Não quero mais saber do
lirismo que não é libertação"
(Libertinagem)

Nesta ânsia de libertação Bandeira volta-se para as antigas formas de composição dos Cancioneiros, as cantigas do tempo de D. Dinis, O Rei Trovador, e escreve o seu "Cantar de Amor":
"MHA SENHOR, com' oje dia son
Atan cuitad' e sen cor assi!
E par Deus non sei que farei i
Ca non dormho á mui gran sazón.
Mha senhor, ai meu lum' e meu ben
Meu coraçõ non sei o que ten"
(Lira dos Cinquent' Anos)

Procura libertar o soneto da sua forma fixa, ditada pelos princípios poéticos e escreve, então, um "Soneto em Louvor de Augusto Frederico Schmidt" (Lira dos Cinquent' Anos) cujos versos não são alexandrinos, nem decassílabos, antes livres, com metro irregular, numa polimetria proposital que faz desnecessária a presença da rima, um soneto em versos livres.

Depois, recorre o autor à prosa-poética, como nova forma de libertação, escrevendo, então, alguns poemas em prosa, como "Lenda Brasileira" e "Noturno da Rua da Lapa" (Libertinagem), ou "Tragédia Brasileira, Conto Cruel, O Desmemoriado de Vigário Geral" (Estrela da Manhã).

Outra tentativa de fuga surge com os versos escritos em francês. Manuel Bandeira procura a liberdade através de um idioma que não é o seu, em poemas como: "Chanson Des Petits Esclaves" (Estrela da Manhã), ou em "Chambre Vide", onde:

"PETIT CHAT blanc et gris
Reste encore dans la chambre
La nuit est si noire dehors
Et le silence pèse"
(Libertinagem)

Ou, ainda, em "Bonheur Lyrique" (Libertinagem), quando fala de sua condição de doente, cuja felicidade deve ser fabricada pelo seu próprio coração.

Agora Manuel Bandeira reza. E é exatamente em suas orações que ele deseja afirmar-se liberto da tristeza anterior e suplica alegria na sua "Oração a Teresinha do Menino Jesus":
"PERDI O JEITO de sofrer
Gra essa.

Não sinto mais aquele
gosto cabotino da tristeza
Quero alegria! Me dá alegria,
Santa Teresa!"
(Libertinagem)

Porém não foi ouvindo em sua oração, e, já que Santa Teresa não lhe quis dar alegria em vida, voltou-se para outras santas e, finalmente, numa "Oração à Nossa Senhora da Boa Morte", nova súplica: — Alegria da morte
"O que na vida procurei sempre
— Meus impossíveis de
Santa Rita —
Dar-me-eis um dia,
não é verdade?
Nossa Senhora da Boa Morte!
(Estrela da Manhã)

O poeta descobre, então, que talvez seja "A Morte Absoluta" a única forma perfeita de fuga, de libertação:
"Morrer sem deixar um
sulco, um risco, uma sombra.
A lembrança de uma sombra
Em nenhum coração,
em nenhum pensamento,
Em nenhuma epiderme.

Morrer tão completamente



Que um dia ao lerem
o teu nome num papel
Perguntem: "Quem foi?..."

Morrer mais
completamente ainda,
— Sem deixar
sequer esse nome".
(Lira dos Cinquent'Anos)

Mas, como morrer não está
no nosso querer, ele resolve
fugir, procurar um lugar onde
possa encontrar a
felicidade e decide-se:
"Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização

E quando eu estiver mais triste
Mais triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada".

(Libertinagem)

Novamente lhe volta a idéia
do suicídio; talvez um meio de
fuga de si mesmo. Esta idéia
que o persegue de quando em
vez, é cantada
no seu "O Último Poema".
"ASSIM EU QUERERIA
o meu último poema
Que fosse terno dizendo as
coisas mais simples
e menos intencionais
Que fosse ardente
como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza das
flores quase sem perfume
A pureza da chama em que se
consomem os diamantes límpidos
A paixão dos suicidas que
se matam sem explicação".

(Libertinagem)

E, no seu "Testamento",
finalmente a descoberta
do suicídio heróico:

"Não faço versos de guerra.
Não faço porque não sei.
Mas num torpedo-suicida
Darei de bom grado a vida
Na luta em que não lutei".

(Lira dos Cinquent'Anos)

Não seria também uma
espécie de fuga o evocativo, tão
presente agora na poesia de
Manuel Bandeira? Em
"Evocação do Recife", o poeta
lembra o seu torrão natal de
outrora, lamentando este Recife
de então, o poeta foge do
presente, em busca do passado.
"Rua da União...

Como eram lindos os nomes
das ruas da minha infância
Rua do Sol
(Tenho medo que hoje se
chame do Dr. Fulano de Tal)

RECIFE

Não a Veneza Americana

Nem mesmo o Recife que
aprendi a amar depois —
Recife das revoluções libertárias
Mas o Recife sem
história nem literatura
Recife sem mais nada
Recife da minha infância".

(Libertinagem)

O mesmo sentimento se vai
repetir no poema "Minha Terra",
de onde Bandeira saíra menino e,
voltando após trinta anos, nos diz:
"Revi afinal o meu Recife.
Está de fato
completamente mudado.
Tem avenidas, arranha-céus.
É hoje uma bonita cidade.
Diabo leve quem pôs
bonita a minha terra!"

(Belo Belo)

Ainda o evocativo, agora na
"Infância", poema em que se
misturam, se embaralham, se

confundem as lembranças,
ora do Rio, São Paulo, Santos,
Petrópolis, Recife, do Recife —
que ele afirma ser o centro
de inspiração da sua poesia.
"A casa da Rua da União
O pátio — núcleo de poesia.
O banheiro — núcleo de poesia.
O cambrone — núcleo de poesia"

E estas recordações lhe são
tão caras, quanto nos diz
o poeta em apenas um verso:
"Ai mundo dos papagaios
de papel, dos
piões, da amarelinha!"

(Belo Belo)

No diálogo contido no poema
"Cotovia", Manuel Bandeira faz
uso de uma nova técnica, a
montagem ou intertextualidade,
intercalando no seu texto versos
de outros poetas: versos de
Camões, de Ascenso Ferreira,
de Casimiro de Abreu. Outra vez
o poeta lamenta a infância que
se foi, quando, interrogando
a Cotovia sobre por onde ela
voou, esta lhe diz:

"— Líbia ardente, Cítia fria,
Europa, França, Bahia...

— E esqueceste Pernambuco,
Distraída?

— Voei ao Recife, no Cais
Pousei na Rua da Aurora.

— Aurora da minha vida
— Que os anos não trazem mais!"
(Opus 10)

Novamente a intertextualidade,
agora com versos de Sá de
Miranda, na sua "Elegia de
Verão". Aqui um pedido, uma
súplica, uma vontade de voltar
a ouvir as cigarras
do seu tempo de menino.
"O SOL É GRANDE. Ó coisas
Todas vãs, todas mudaves!
(Como esse "mudaves"
que hoje é "mudáveis"



E já não rima com "aves")

O sol é grande
Mas, ó cigarras que zinis.
Não sois as mesmas
que eu ouvi menino.
Sois outras, não me interessais...

Dêem-me as cigarras
que eu ouvi menino"

(Opus 10)

Por fim, a afirmação de fuga
do presente é mais clara, mais
precisa, em "Versos de Natal",
escritos quando Bandeira, agora
cinqüentenário, confessa num
monólogo com um espelho:

"Mas se fosses mágico,
Penetrarias até ao fundo
desse homem triste.
Descobririas o menino que
sustenta esse homem.

O menino que não quer morrer.
Que não morrerá senão comigo.
O menino que todos os anos na
véspera do Natal

Pensa ainda em por os seus
chinelinhos atrás da porta"

(Lira dos Cinquent'Anos)

Um tom popular manifesta-se
frequentemente no atual
momento poético de Manuel
Bandeira. Seus versos ganham,

o ritmo e o metro usados
pelo poeta, aquele sabor simples
de "Cantiga", ao gosto dos
trovadores medievais, o retorno
ao passado, parece-nos uma fuga
do presente, uma fuga para a
felicidade, para a morte no mar,
à maneira de Dorival Caymmi.

"Nas ondas da praia
Nas ondas do mar

Quero ser feliz
Quero me afogar"
(Estrela da Manhã)

O metro em redondilha
repete-se em muitas
composições de Bandeira, como
no seu "Canto de Natal",

"O novo menino
Nasceu em Belém
Nasceu tão-somente
Para querer bem"

(Belo Belo)

E volta a aparecer, agora num
tom mais trovadoresco ainda,
em "Canção"

"MANDASTE a sombra de um
beijo

Na brancura de um papel

Tremi de susto e desejo.

Beije chorando o papel"

(Lira dos Cinquent'Anos)

E o nosso novo trovador,
Manuel Bandeira, canta o "Cêu"
que é como a vida da criança

"Não sente a criança

Que o céu é ilusão,

Crê que o não alcança,

Quando o tem na mão."

(Belo Belo)

Este tom popular repete-se
nas composições de temas
folclóricos, outro motivo de
estudo na obra do poeta
pernambucano.

Um sentimento de
brasilidade acentua-se
constantemente na obra do autor

de LIBERTINAGEM. O Brasil
é cantado, ora através de suas
lembranças de "Belém do
Pará"

"Belém do Pará onde as
avenidas se chamam Estradas
Estrada de São Jerônimo
Estrada de Nazaré

Bembelelém

Viva Belém!

Nortista gostosa

Eu te quero bem"

(Libertinagem)

Ora confirmando o seu gosto
pelo antigo, o tradicional numa
súplica em favor da conservação
do nosso patrimônio histórico,
como acontece no poema "Minha
Gente, Salvemos Ouro Preto"

"Meus amigos, meus inimigos,
Salvemos Ouro Preto

Homens ricos do Brasil

Que dais quinhentos contos por
um puro sangue de corridas.

Está certo.

Mas dai também dinheiro para
Ouro Preto."

(Opus 10)



“Ouro Preto” foi também tema do soneto com que abriu seu LIRA DOS CINQUENT’ANOS. O abandono em que se encontrava, então, a antiga capital mineira é cantado, aqui, em tom de lamentação.

“Que resta do esplendor de outrora? Quase nada: Pedras... templos que são fantasmas ao sol-posto. Esta agência postal era a Casa de Entrada... Este escombros foi um solar... Cinza e depósito!”

Talvez invocadas pela visão de Ouro Preto, chegam ao poeta as imagens de Gonzaga e Marília; e Bandeira, recorrendo ao estilo japonês, escreve um “Haikai Tirado de Uma Falsa Lira de Gonzaga”. Volta a usar a intertextualidade com versos do Poeta Inconfidente: “QUIS GRAVAR ‘Amor’ No tronco de um velho freixo: ‘Marília’ escrevi”

Sob o título sugestivo de “Declaração de Amor”, o lírico pernambucano canta o Brasil, Minas Gerais, Juiz de Fora na ESTRELA DA MANHÃ “Juiz de Fora! Juiz de Fora!”

Tu tão de dentro deste Brasil!
Tão docemente provinciana...
Primeiro sorriso de Minas
Gerais!”

Um brasileirismo mais moreno aparece no poema “Anjo da Guarda”

“Quando minha irmã morreu,
(Devia ter sido assim)
Um anjo moreno, violento e bom,
— brasileiro

Veio ficar ao pé de mim.
O meu anjo da guarda sorriu
E voltou para junto do Senhor.”
(Libertinagem)

Manuel Bandeira é também o poeta do trivial, do dia a dia, que sabe cantar em versos aquilo que aos olhos de outrem parece não ter poesia, poesia que ele encontra nos “Camelôs”
“O que vende balões de cor

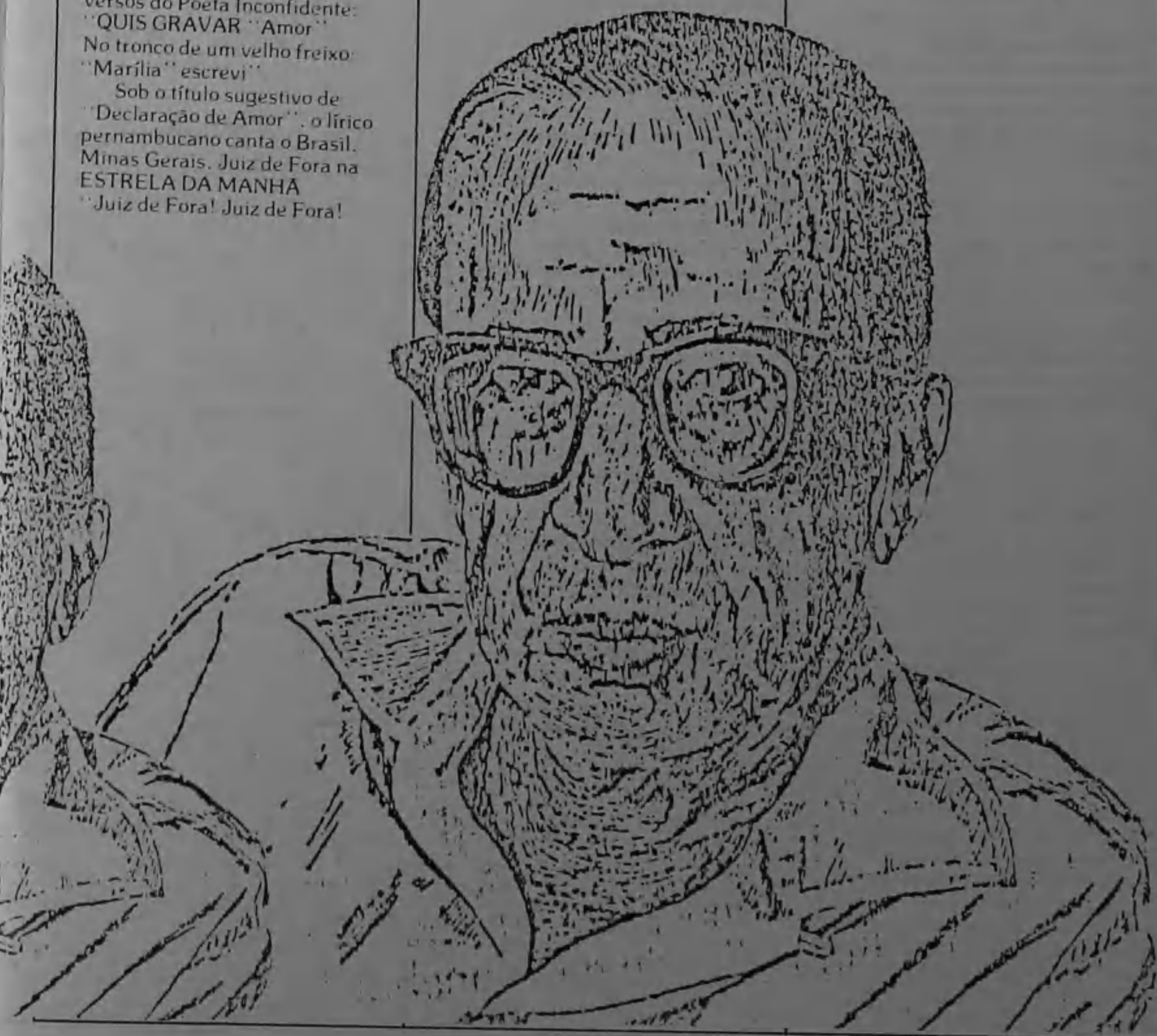
E dão aos homens que passam
preocupados ou tristes
uma lição de infância.”

(Libertinagem)

Poesia que ele descobre mesmo onde há apenas “A Realidade e a Imagem”
“O arranha-Céu sobe no ar puro lavado pela chuva
E desce refletindo na poça de lama do pátio.
Entre a realidade e a imagem, no chão seco que as separa
quatro pombas passeiam.”

(Belo Belo)

Contudo, o lirismo, mais puro, a arte maior Bandeiriana vamos encontrar na linguagem familiar, na



simplicidade de versos como estes de "Irene no Céu"

"IRENE PRETA

Irene boa
Irene sempre de bom humor
Imagino Irene entrando no céu:
— Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
— Entra, Irene. Você não precisa
pedir licença."
(Libertinagem)
Ou ainda nestes versos de
"Jaqueline"
"Jaqueline morreu menina,
Jaqueline morta era mais bonita
que os anjos."
(Estrela da Manhã)

É exatamente no efeito
rítmico e sonoro da repetição ou
do jogo de palavras que
M. B. vai buscar o encanto cada
vez mais simples do seu
lirismo puro, inocente como as
descobertas das crianças
curiosas. Este recurso se repete
em inúmeros poemas da sua
LIRA DOS CINQUENT'ANOS,
como em "A Estrela"

"VI UMA ESTRELA tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia

Era uma estrela tão alta!
Era uma estrela tão fria!
Era uma estrela sozinha
Luzindo no fim do dia."

Ou naquela "Canção do
Vento e da Minha Vida"
"O vento varria as luzes
O vento varria as músicas
O vento varria os aromas
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De aromas, de estrelas, de
cânticos.

Outra vez em LIRA DOS
CINQUENT'ANOS, Bandeira
busca, na repetição, e agora
também no uso da redondilha, a
suavidade lírica, rítmica e
sonora que se destaca na sua
poética desta segunda fase.
"ESTÁS EM TUDO que penso,
Estás em quanto imagino
Estás no horizonte imenso,
Estás no grão pequenino

Estás na ovelha que pasce
Estás no rio que corre
Estás em tudo que nasce
Estás em tudo que morre."

(Ubiquidade)

Esta simplicidade no estilo
de Manuel Bandeira se
acentua, ainda, pelo uso da
construção sintática de gosto
popular, ditada, às vezes, pela
linguagem infantil,
como é o caso de "Porquinho-
da-Índia"
"Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria
estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais
limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do
fogão."
(Libertinagem)

Manuel Bandeira liberta-se
dos princípios gramaticais e
chega a brincar com a
sintaxe pronominal, em versos
onde o jogo de palavras tem um
efeito destacado, como
acontece em "Contrição"
"QUERO BANHAR-ME nas
águas límpidas
Quero banhar-me nas águas
puras
Sou a mais baixa das criaturas
Me sendo sórdido."
(Estrela da Manhã)

Ainda a sintaxe popular, a
sintaxe realmente brasileira em
"Poema Para Santa Rosa"
"Pousa na minha a tua
mão, protonotária
Gosto de "protonotária"
Me lembra meu pai."
(Belo Belo)

No poema "Brisa", mais uma
vez a sintaxe popular, no
emprego do verbo ter em lugar
do verbo haver

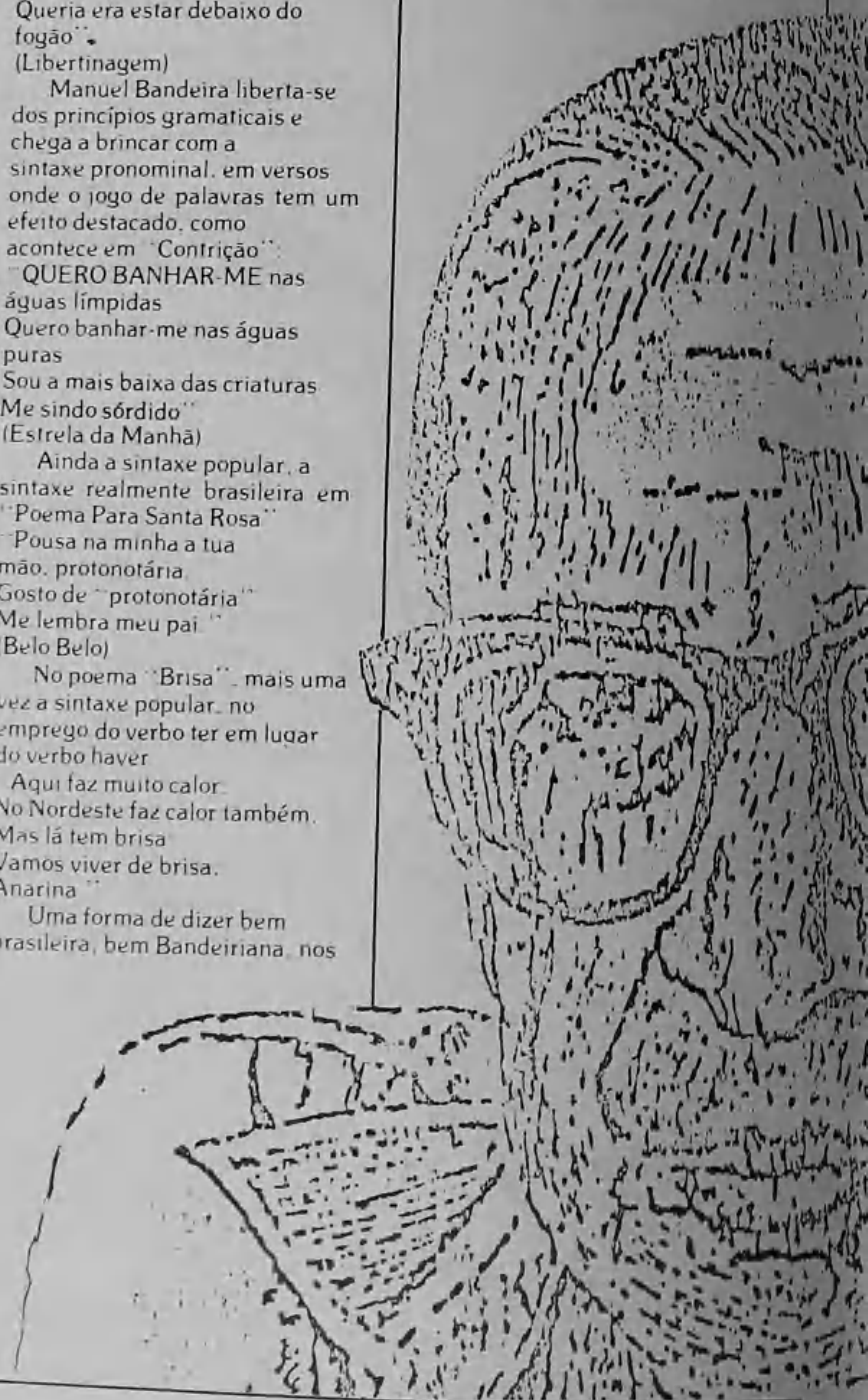
Aqui faz muito calor.
No Nordeste faz calor também.
Mas lá tem brisa
Vamos viver de brisa.
Anarina."

Uma forma de dizer bem
brasileira, bem Bandeiriana, nos

versos de
"Sextilhas Românticas"

"Sou assim por vício inato
Ainda hoje gosto de Diva.
Nem não posso renegar
Peri tão pouco índio, é fato.
Mas tão brasileiro... Viva.
Viva José de Alencar!"
(Belo Belo)

Sob o título sugestivo de
ESTRELA DA TARDE
Bandeira reuniu suas últimas
composições, seus últimos
versos, fazendo um inventário
completo da sua vida, da



sua morte. Aqui estão
"LOUVAÇÕES", "MAFUÁ DO
MALUNGO", entre outras obras,
merecedoras de um
outro estudo, que esperamos
realizar posteriormente.

É na "Estrela da Tarde" que
Bandeira confessa,
definitivamente sua
tendência ao suicídio.

"NÃO ME MATAREI, meus
amigos,

Não o farei, possivelmente.
Mas que tenho vontade, tenho.
Tenho e, muita curiosidade

Com um tiro. Um tiro no ouvido.
Vingança contra a condição
Humana, ai de nós!
sobre-humana
De ser dotado de razão."
(Canção do Suicida)

Que Manuel Bandeira dá
um arremate final na
sua obra, fazendo sua despedida
de tudo: do mundo, da vida,
dos amigos, da poesia...
Escreve então o seu "Poema do
Maia Triste Maio"
"MEUS AMIGOS, meus
inimigos,
Saibam todos que o velho bardo
Está agora, entre mil perigos
Comendo, em vez de rosas,
cardo.

As saudades não me consolam
Antes ferem-me como dardos.
As companhias me desolam.
E os versos que me vêm, vêm
tardos."

E não esquece, também, de
escrever sua
"Despedida do Recife"
"Há que tempo que não te vejo!
Não foi por querer, não pude.
Nesse ponto a vida me foi
madrasta.
Recife.

Quero, na hora da morte,
estar lúcido
Para te mandar a ti o meu
último pensamento,
Recife."

É na sua "ESTRELA DA
TARDE" que o grande lírico
pernambucano, o grande poeta
que o Recife deu ao
Brasil finalmente trabalha,
planeja sua "PREPARAÇÃO
PARA A MORTE",
pois, já que
"A vida é um milagre,

— Bendita a morte, que é o fim

de todos os milagres."

Na sua PREPARAÇÃO PARA
A MORTE, Bandeira
escreve uma CANÇÃO PARA A
MINHA MORTE, confessando:
"Sei que é grande maçada
Morrer mas morrerei
— Quando fores servida —
Sem maiores saudades
Desta madrasta vida,
Que, todavia, amei."

Escreve, igualmente o soneto
VONTADE DE MORRER, em
cuos versos nos diz,
em toda sua simplicidade
estilística:

"Nada peço nem quero e —
entre nós — ando
Com uma grande vontade de
morrer."

Manuel Bandeira prepara,
inclusive, o PROGRAMA PARA
DEPOIS DE MINHA MORTE,
planejando como
gostaria que fosse sua chegada
"ao outro mundo",
afirmando que ficará
"Esquecido para sempre de
todas as delicias, dores,
perplexidades
Desta outra vida de
aquém-túmulo."

E o poeta pede, finalmente,
no soneto O CRUCIFIXO,
lembrando que os pais e a
irmã o estreitaram na hora
da morte, que o deixem
"Morrer agarrado com ele
Talvez me salve. Como —
espero —
Minha mãe, minha irmã,
meu pai."

Eis os dois momentos na
poética de Manuel Bandeira:
uma nota de tristeza e
uma tentativa de libertação
e fuga.

— Maria Figueiredo dos Reis:
Profª da Fupl de Literatura
Brasileira, Ensaísta, Membro do
Conselho Editorial "Petrônio
Portella".



O Projeto "Caminhos do Piauí", visa melhorar e desenvolver o sistema receptivo nos municípios do roteiro Norte (Campo Maior, Piripiri, Pedro II, Piracuruca, Esperantina, Parnaíba e Luiz Correia), proporcionando maiores condições aos turistas com informações.

Com o objetivo de facilitar a informação turística, serão implantados "out-doors" e sinalização nas estradas, postos de informações turísticas, além da confecção de material promocional.

Numa etapa posterior, será realizado um "FAM-TUR" (viagem de familiarização), dirigida a operadores de turismo dos principais mercados emissores de turistas ao Piauí, transportadores, agentes de viagens, hoteleiros, editores de revistas e jornais especializados, diretores de televisão, artistas, etc... O objetivo principal é mostrar as potencialidades turísticas do Estado, proporcionando uma viagem pelos "CAMINHOS DO PIAUÍ".

EMBARQUE VOCÊ TAMBÉM NESTA VIAGEM MARAVILHOSA

Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo

Empresa de
Turismo do Piauí
PIEMTUR





Casa Anísio Brito (Arquivo Público)

ARQUIVO PÚBLICO DO PIAUÍ

1.909/1.986

JOSÉ AIRTON

AS ORIGENS

O Arquivo Público do Piauí foi criado pelo esforço e pioneirismo de ilustres figuras da vida intelectual piauiense.

Anísio de Abreu, intelectual, jurista, parlamentar e Governador do Estado que sancionou a Lei nº 533 de 08.07.1909, criando o Arquivo Público Piauiense com a função de reunir e preservar a memória escrita do Estado e editar uma revista para divulgar acontecimentos, homens e coisas notáveis do "Piauí".

Morreu o Governador Anísio de Abreu, ainda em 1.909, não vendo consumado a implantação do Arquivo Público.

Veio o ano de 1.925 e o então Governador Mathias Olympio de Mello, jurista, parlamentar, conferencista, literato e ex-secretário do Governo Anísio de Abreu, sancionou e executou a Lei nº 1.151 de 03.07.1925, que organizou o Arquivo Público Piauiense dotando-lhe de prédio e quadro de pessoal. Dizia Mathias Olympio que "não precisava encarecer a necessidade de criação de uma repartição encarregada de reunir organizar e catalogar os

José Airtton Gonçalves Gomes
Diretor do Arquivo Público do Piauí e Membro do Conselho Estadual de Cultura.

documentos referentes ao nosso passado, pois é verdade sabida que a veneração pelo passado é uma das mais belas manifestações de amor a pátria".

Convidou o Governador Mathias Olympio para dirigir vitaliciamente e organizar o Arquivo, o Dr. Anísio Brito, Cirurgião-Dentista, mas Professor, Historiador, Numismata e intelectual por vocação que realizou a grande obra cultural de instalar em um só prédio a Biblioteca e Arquivo Público e Museu do Estado posteriormente denominado Casa Anísio Brito em homenagem ao seu esforço pelo desenvolvimento cultural do Piauí.

Foi o trabalho do Dr. Anísio Brito um permanente ato de amor, dedicação e consciência da necessidade de reunir, organizar, preservar documentos e peças de valor histórico-cultural inestimável a fim de levar ao conhecimento das gerações presentes e futuras as legítimas testemunhas da evolução do Estado do Piauí.

O atual prédio do Arquivo situado à rua Coelho Rodrigues, 1.016 no centro de Teresina teve sua feição arquitetônica atual definida em 1941 pelo Interventor Federal no Piauí Dr. Leônidas de Castro Melo que no mesmo ano através do decreto nº 355 de 20 de março denominou-o Biblioteca, Arquivo Público e Museu Histórico do Estado. Isso na plenitude do Estado Novo no Brasil período político em que predominou a centralização político-administrativa. São passados 77 anos desde a criação do Arquivo Público, cujo acervo documental foi crescendo às vezes lenta, outras vezes aceleradamente pela ação de seus diretores, dos Governadores e Secretários de Estado de Educação e Cultura, que se mostram sensíveis a preservação da memória escrita piauiense.

OS DIRETORES

Ao longo dos seus 77 anos de existência o Arquivo Público do Piauí foi dirigido por figuras ilustres oriundas do meio político, educacional e cultural, que muito contribuíram para a preservação do patrimônio documental piauiense.

Foi a seguinte a sucessão de Diretores do Arquivo Público do Piauí: Anísio Brito (1926-40), Breno Teodomiro de Carvalho (1940-42), Dr. Lindolfo Monteiro (1943-44), Prof. Cunha e Silva (1953-58), Prof. Itamar Brito (1962-63), Des. Simplício Mendes (1968-70), A. Tito Filho (1971), Noé Mendes de Oliveira (1972), Lilizinha Castelo Branco (1975-79), Dr. Alípio Santana Ribeiro (1979-82), Josias Clarence Carneiro (1979), Alda Caddah (1982-83), Maria Escocer Loureiro (1983).

EVOLUÇÃO INSTITUCIONAL

Subordinado atualmente ao Departamento de Patrimônio Histórico Artístico e Cultural, da Fundação Cultural do Piauí, órgão vinculado a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, ao longo de sua existência passou o Arquivo por várias mudanças de nome, vinculação institucional e estrutura administrativa e organizacional.

1909 — Criado com a denominação de Arquivo Público Piauiense e vinculado a Secretaria de Governo do Estado (Lei nº 533, de 08.07.1909).
1941 — Passa a denominar-se Biblioteca, Arquivo Público e Museu Histórico do Estado (Dec. nº 355, de 28.03.1941).
1947 — Denominado Casa Anísio Brito (Lei nº 51, de 24.12.1947).
1954 — Passa a integrar o Departamento de Educação da Secretaria de Educação (Lei nº 1.094).
1964 — Subordina-se ao Serviço Estadual de Cultura da Secretaria de Educação (Lei-delegada nº 17, de 28.03.1969).

1975 — Tem sua estrutura alterada pelo Estatuto da Fundação Cultural do Piauí (Dec. nº 2.029, de 07.05.1975).
1982 — Novamente reestruturado acrescido da Coordenação do Sistema Estadual de Arquivos pelo Decreto nº 4.805, de 12.02.1982. Desse modo sua estrutura organizacional passou a compor-se de: Direção, Coordenação do Sistema Estadual de Arquivo, Seção Administrativa, Seção de Imagem e Som, Seção de Documentação Escrita e Seção de Consultas e Publicações.

Atualmente propõe-se outra estrutura organizacional modernizada e em acordo com a recomendação do Arquivo Nacional.

SITUAÇÃO ATUAL

O Arquivo Público do Piauí, a partir de 1980, passou por um processo de modernização administrativa e organizacional a fim de atingir maior padrão de eficiência na área de preservação documental.

Instalações Físicas

O prédio foi pintado e teve suas instalações hidráulicas e sanitárias reparadas, além de terem sido adquiridos 182 estantes de aço (864,50m de prateleiras), 8 aparelhos de ar condicionado e 2 mapotecas e móveis.

Treinamento de Pessoal

Participou o Arquivo Público do Piauí do: Curso de Métodos e Técnicas em Arquivos Públicos, promovido pelo Arquivo Nacional e Arquivo Estadual de Pernambuco (Recife, 1984), Curso de Técnicas de Arquivo, Microfilmagem e Restauração de Papéis e Documentos ministrado por Técnicos do Instituto Joaquim Nabuco (Teresina, 1980). II Seminário Nacional de Arquivos Estaduais promovido pelo Arquivo Nacional (Rio de Janeiro, 1985); I Estágio Nacional de Arquivos realizado pelo Arquivo Nacional (Rio de Janeiro, 1985). Foram também realizados dois treinamentos internos para os funcionários do Arquivo Público.

Acervo Documental

O Acervo Documental do Arquivo organizado e em condições de consultas encontra-se distribuída da seguinte forma:

Documentos do Poder Executivo — Armazenado em três salas, compõe-se de códices e manuscritos que abrangem o período administrativo de 1760 a 1930. Esta documentação reúne os documentos dos órgãos da administração pública do Piauí durante as capitanias, província e primeira República.

Documentos do Poder Legislativo — Acondicionados em uma sala especialmente destinada para tal fim, armazena os documentos da Assembléia Legislativa do Piauí no intervalo dos anos de 1935 a 1960, compreende os períodos históricos da província, primeira e segunda Repúblicas. Esta documentação foi recolhida ao Arquivo mediante convênio (1983) formado entre a Secretaria de Cultura e a Assembléia

Legislativa do Piauí nas gestões de Jesualdo Cavalcanti e Valdemar Macedo, respectivamente.

Documentos do Poder

Judiciário — Ocupa duas salas do Arquivo, e reúne a documentação cartorária de 12 comarcas do Estado, além de documentos da Justiça Federal, Justiça Eleitoral e outros órgãos do Judiciário. Estes documentos foram transferidos para o Arquivo através de convênio (1983) feito entre a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e Tribunal de Justiça do Piauí. Esta documentação abrange o período histórico de 1862 a 1930.

Documentação homerográfica

— Composta de jornais e revistas piauienses da segunda metade do século XIX até hoje, somando 200 títulos de periódicos. Encontra-se devidamente organizado e parte desses jornais será microfilmado brevemente pelo Programa Nacional de Microfilmagem e Periódicos coordenado pela Biblioteca Nacional.

Documentação Fotográfica —

Existe um tomo de 2 000 fotografias abordando os mais variados assuntos, tais como ruas, praças, paisagens, fatos históricos, eventos culturais, personalidades ilustres e outros. Este acervo encontra-se identificado e a disposição do público para consultas.

Documentação Bibliográfica

— O acervo de livros e folhetos do Arquivo é formado por obras de assuntos diversos além de três bibliotecas particulares de Félix Pacheco, Deolindo Couto e Matias Olímpio figuras do mundo político, cultural e científico piauiense com projeção nacional e internacional. A Biblioteca do Arquivo é formada de obras em grande parte raras, somando um total de aproximadamente 10.000 volumes.

PERSPECTIVA

Voltado para o futuro, tenciona o Arquivo Público fazer

aprovar a nível da Assembleia Legislativa do Piauí, Lei de proteção e organização sistêmica dos arquivos públicos e privados do Estado, de modo a transformar em imperativo legal a preservação da documentação pública conservada precariamente e pouco usada por falta de modernas diretrizes da política arquivística.

Pretende por outro lado fomentar a implantação e organização de arquivos setoriais nos órgãos da administração pública estadual, assim como viabilizar a instalação do arquivo intermediário para armazenar os documentos de segunda idade.

Na área de conservação prevê o desenvolvimento de atividades ligadas a restauração e microfilmagem de documentos negociando projetos nessas áreas como forma de garantir a preservação do patrimônio documental que é o mais autêntico testemunho da evolução administrativa, histórica e cultural do Piauí.



Anísio Brito Melo

TEMAS PIAUIENSES NA PINTURA DE BALTAZAR DA CÂMARA



*Igreja de N. S. do Rosário,
Oeiras*

DAGOBERTO CARVALHO JR.

Fundado o Instituto Histórico de Oeiras em janeiro de 1972, novas perspectivas abriram-se para a historiografia piauiense. Para a arte. Para a cultura de um modo geral. Coincidentemente a Presidência da República através do Ministério do Planejamento criara e começava a executar o Programa de Cidades Históricas e Coloniais do Nordeste, arrojado projeto de restauração de monumentos com que complementava a ação benemérita mas, pela crônica

escassez de recursos, pouco abrangente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o velho SPHAN do sempre lembrado Rodrigo Melo Franco. Oeiras através justamente de elementos ligados ao Instituto reivindicara e conseguiu sua inclusão no Programa. Assim é que em 13 de abril de 1973 recebemos do

Médico, Pesquisador, historiador,
Membro da Academia Piauiense de
Letras.

Ministro Jarbas Passarinho, da Educação, telegrama agradecendo-nos a sugestão e comunicando haver encaminhado a mesma ao Dr. Renato Socorro, Diretor do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério. Paralelamente desenvolvia-se no Recife toda uma campanha de engajamento de pessoas representativas da área. Desde o início podemos contar com autoridades da 1ª Delegacia do IPHAN como Airton da Costa Carvalho e José Ferrão Castelo Branco. Com os



Des. Santana de Carvalho

arquitetos José Luís da Mota Menezes, Geraldo Gomes da Silva e Dalvino Franca, estes, participantes, inclusive, da primeira fase do projeto. Todos, verdadeiros amigos de Oeiras.

Mas, foi também no Recife



O autor e Baltazar da Câmara, 12/75

que o Instituto teve seu amigo maior e mais entusiasta — Baltazar José Estevam Dornelas Câmara. Recifense da Rua Imperial, nasceu em 2 de agosto de 1890. Professor de desenho de vários e conceituados colégios da capital, teve sua atividade magisterial coroada com a fundação da Escola de Belas Artes do Recife, da qual foi Diretor. Ao seu lado, na idéia e consecução da escola, teve os pintores Mário Nunes e Álvaro Amorim, Heitor Maia Filho e o escultor Bibiano Silva. De formação acadêmica, encontrou em Carlos Chateaubriand, amigo e mestre de quem recebeu aulas no Recife e a quem acompanhou, de volta, ao Rio de Janeiro. Isto, antes de 1920. Desse ano é sua primeira menção honrosa com o retrato da poetisa Ana Amélia de Queiroz Mendonça. Arte, a do retrato que o imortalizaria. Mais menções honrosas, medalhas de bronze e prata e, em 1954 a medalha de

ouro da Associação Nacional de Belas Artes. Dedicou-se ainda a temas históricos como a Proclamação de Bernardo Vieira de Melo (República de Olinda) e Rendição dos Holandeses no Recife. Ainda aos de inspiração bíblica e a cenas da vida diária da cidade, como as feiras livres. Magnífica tela de sua autoria fixa de maneira extraordinária a deslumbrante Capela Dourada da Ordem Terceira de São Francisco do Recife.

Dissemo-lo retratista por excelência. E, ele o foi na acepção do termo. Foi como retratista que o conhecemos e é como retratista que o ligamos — resgatando dívida até de gratidão — também à história do Piauí. O Instituto ensajara — vimos, momento cultural sem precedentes na vida de nossa antiga capital. Desejava-se para sua sede um quadro a óleo do Brigadeiro Manoel de Sousa Martins, proclamador da Adesão do Piauí à Independência do Brasil. Visitando, no Recife, o então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, conhecemos-lhe a Galeria de Arte, obra exclusiva, soubemos de Baltazar da Câmara. Talvez uma centena de excelentes retratos em ambiente requintado. Joaquim Nabuco, o patrono, de corpo inteiro, no hall, onde se divide o vão da escada. Outros retratos seus, em diversas idades. Depois a galeria propriamente dita cuja seleção obedecia ao gosto e aos valores do inspirador, criador e presidente da casa, Gilberto Freyre. Retratos de Euclides da Cunha, Nísia Floresta, Estácio Coimbra, Dom Vital. Em todos, a mesma assinatura, a mesma arte de Baltazar da Câmara. Tomei-lhe o endereço do atelier em edifício da Praça Machado de Assis, no centro da cidade. Dia seguinte, um primeiro encontro, tempo primeiro de duradoura amizade que o prenderia por toda a vida, teluricamente, à nossa Oeiras. Pintado o retrato do Brigadeiro com base em cópia já feita de daguerreótipo antigo, recuperava o Instituto Histórico de Oeiras, pelo pincel de um expoente da arte, a imagem de seu patrono. Ganhava, a cidade, com um amigo, seu mais precioso quadro a óleo. Afinal,

Baltazar da Câmara tinha obras em Portugal e na Espanha, era autor de quase toda a galeria de ex-presidentes da Academia Pernambucana de Letras, de muitos dos bons retratos da galeria de ex-governadores de Pernambuco, no Palácio do Campo das Princesas. Amigo de Oeiras, mauqurou em sua mesa de estudos, pequena flâmula com o brasão da cidade. Sócio do Instituto, ali ostentava envidurado seu diploma de benemérito. Em 1975, me presenteou-me com bonito retrato de meu pai reproduzido de fotografia em grupo que anexo seu, o russo Bersin (já velho, com atelier na Rua da Imperatriz) magistralmente isolara. Também daquele ano é o retrato de Ana Cristina.

De janeiro de 1976 a fevereiro de 1981, residi em Teresina. Estabelecemos, então, sólida e fraternal correspondência. Suas cartas foram-me, sobretudo, verdadeiras lições de vida. Aos oitenta, ensinava otimismo. Em carta de 26 de fevereiro de 1977 dizia de sua decisão de ir a Espanha e Portugal, em viagem de pesquisa: "De Madrid — escrevi — direi alguma coisa a respeito". Estudava, na época, a indumentária militar de meados do século XVII. Em maio, confirmou a estada em Madrid e Lisboa. Completaria, em agosto, oitenta e sete anos. De nosso excelente relacionamento diz bem o manuscrito de julho de 1978 que transcrevemos. Pela caligrafia e pelo apreço:

Querendo fixar em tela um monumento de Oeiras, mais precisamente uma igreja como fez com inúmeras do Recife, pediu-me uma fotografia. Mandeí-lhe a do Rosário. Em agosto de 1978 dizia-me: "Estou com a fotografia da igreja, quero tentar fazer dela alguma coisa..." E, critica, ensinando: "a foto foi apanhada muito de frente. Não se vê o corpo da igreja. É preciso inventar o local para o prédio". E, assim, o fez lamentando a falta de outra foto "um pouco de lado, mostrando todo o volume do prédio". Queria ele, também, que eu tivesse "mais perto a igreja da infância perdida, o



Visconde da Parnaíba

amigo nunca esquecido". Mandou-me o óleo, um tanto impressionista, da igreja que se quer jesuítica, de Nossa Senhora do Rosário. Mais um bom documento artístico de nossa arquitetura religiosa do setecentos.

Nunca esquecia o Natal. Os cartões, fazia-os em reproduções de seus quadros, desenhos ou estudos. Assim, o de 1976, reproduz a Capela Dourada. O seguinte, o belo estudo "A Coroação de Nossa Senhora do Rosário".

De volta ao Recife, fiz-me assíduo à sua casa da Madalena. Já então o próprio atelier se transferira para a Rua Bartolomeu de Gusmão e do prédio anexo que para isso fizera construir, tomara a casa inteira,

Telas, estantes, aquarelas misturavam-se às suas muitas lembranças. Para surpresa minha, a bandeira de Oeiras. Afeiçãoara-se ao amigo, à terra, ao Piauí. Em outubro de 1981, exigiu que me deixasse retratar. Pouco antes o fizera com um amigo comum, o professor e crítico de arte, Marcílio Reinaux. Valeu pela tela e pelas sessões de boa prosa que vieram muitas tardes de sábado daquele verão. Foi o último retrato pintado por Baltazar da Câmara. Dois anos depois falecia o maior retratista pernambucano da segunda metade do século: o amigo dedicado de um Piauí que não conhecia, de uma Oeiras que adotara e cuja memória, também, ajudara a preservar através da arte que o fez imortal.

Patrimônio PORTODAS BARCAS



Porto das Barcas

ALCÍLIA ALBUQUERQUE

Nosso objeto de estudo é o Conjunto Arquitetônico do Porto das Barcas, localizado no norte piauiense, na cidade de Parnaíba.

O objetivo dessa matéria é informar a respeito desse valioso Conjunto Arquitetônico que tem sido alvo de projetos para futuras intervenções a nível estadual e federal, fato desconhecido da maior parte da população.

A cidade de Parnaíba está localizada no extremo-norte piauiense (fig. 01), funcionando como polo sócio-econômico, político e cultural da região. É também importante foco turístico do Estado, atraindo nos meses de julho e agosto grande fluxo de pessoas.

O Conjunto Arquitetônico do Porto das Barcas, situa-se às margens do rio Igaraçu, à direita da ponte que liga a cidade de Parnaíba à Ilha Grande de Santa Isabel, (fig. 02). A área de interesse é composta por três

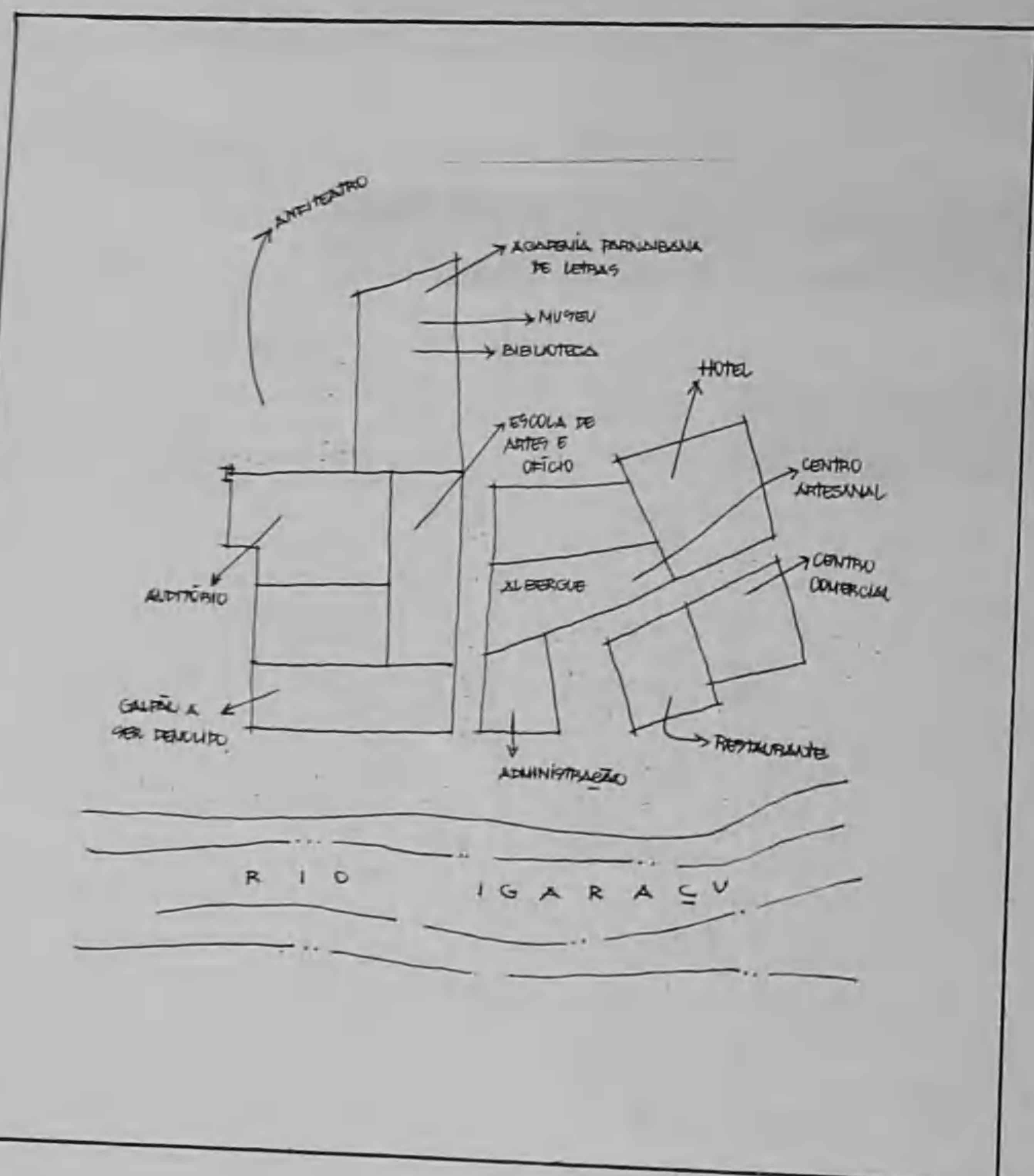
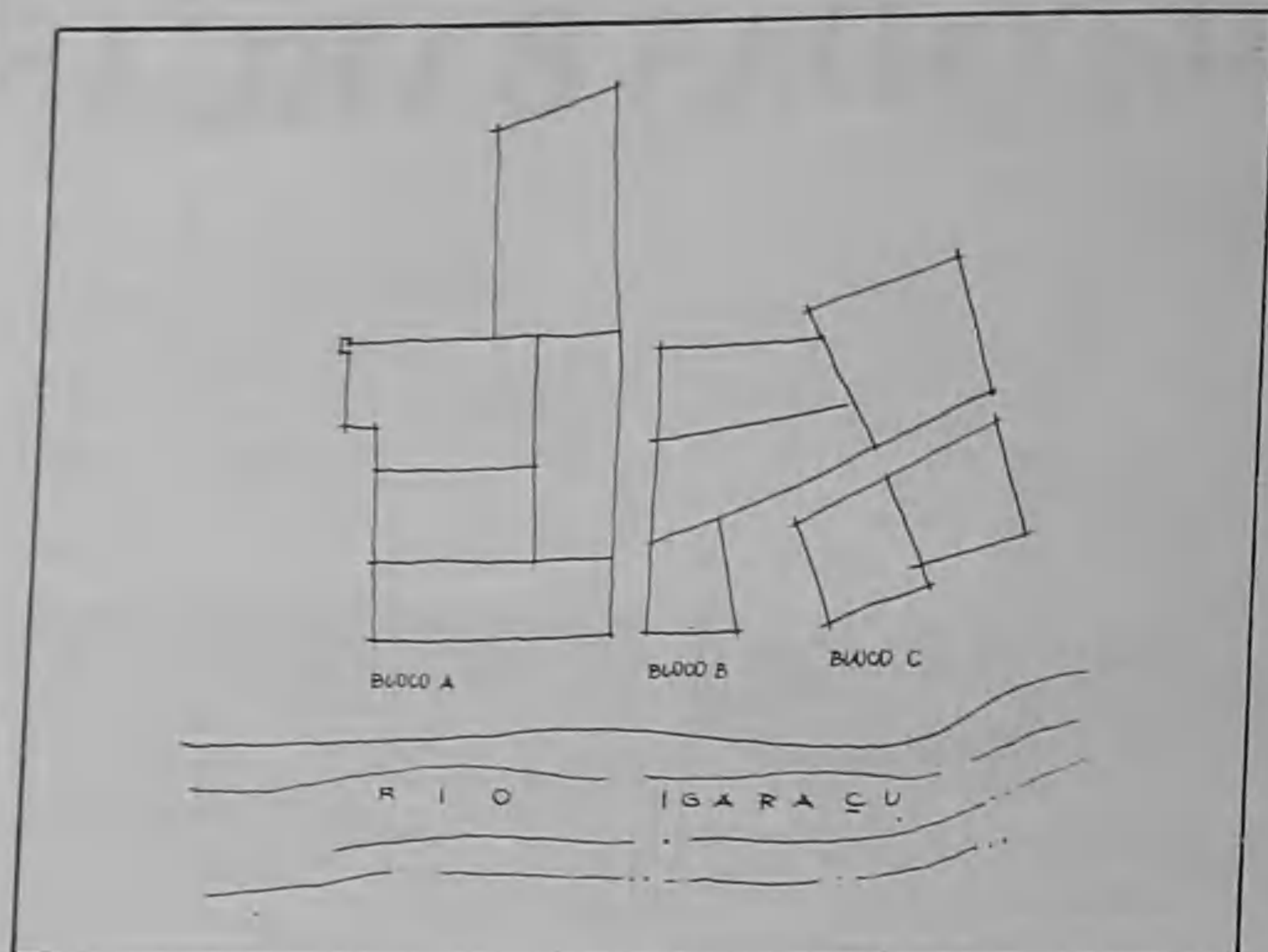


■ Alcilia Afonso Albuquerque:
Arquiteta, Diretora do Patrimônio
Histórico e Artístico da Sector.

grandes blocos que abrigavam originalmente em seus espaços, a antiga Alfândega, a casa de Simplício Dias da Silva, o Cais do Porto Salgado, grandes armazéns, etc., separados entre si por becos e vielas que criam todo o clima.

A cidade de Parnaíba teve sua origem desmembrando-se do território de Piracuruca em 1761, sendo escolhido o povoado de Testa Branca como sede da vila recém-criada, que por não possuir uma boa localização não conseguiu se firmar como tal.

Por essa época chegou ao Piauí o português Domingos Dias da Silva, que estabeleceu-se à margem esquerda do rio Igaraçu, onde fundou seis charqueadas. Neste local, denominado Porto das Barcas, começou a desenvolver-se a indústria do charque, cujos produtos eram exportados, através de 5 navios, para Pernambuco, Rio de Janeiro, Bahia e Pará, e provavelmente até mesmo para a Europa, sem



o trânsito obrigatório pelos portos da colônia, onde houvesse alfândega.

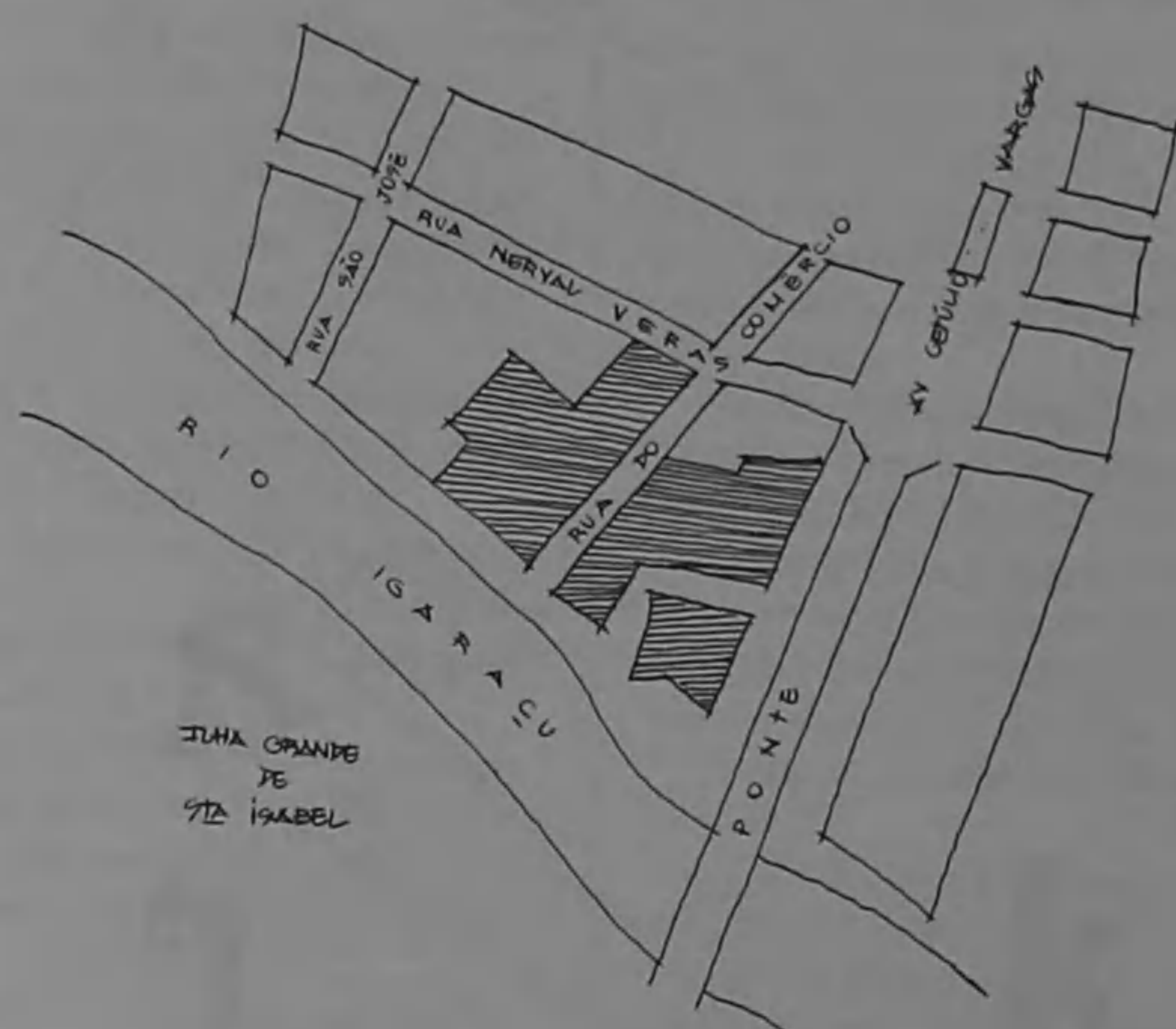
O Porto das Barcas, distante poucos quilômetros de Testa Branca, oferecia mais vantagens para o assento da nova vila. Começaram então a afluir para o Porto das Barcas novos povoadores e a aumentar-se a sua edificação. Em 1770 foi transferida a sede da vila para o Porto das Barcas. Com a transferência da sede, a vila de São João da Parnaíba progrediu, chegando a comarca em 1833 e cidade em 1844.

Parnaíba passou a se distinguir graças ao intenso comércio que por ela se operava (comércio legal e contrabando) e às charqueadas existentes. Em 1817, por um ato do Rei de Portugal, D. João VI, foi criada a alfândega desta cidade, objetivando atender ao embarque do grande volume das exportações locais. Esse fato em muito impulsionou o desenvolvimento comercial e a navegação e naturalmente foram surgindo galpões, armazéns, o comércio grossista e as instalações ligadas às atividades navais, formando um originalíssimo conjunto arquitetônico.

No entanto, já no século XX com o advento da industrialização, que acarretou uma desvalorização dos produtos exportados, e o grande impulso dado ao transporte rodoviário em detrimento do marítimo e do fluvial, o Porto das Barcas entrou em processo de estagnação, ficando ociosa toda sua estrutura física.

A intervenção nessa área é um processo que vem se desenvolvendo desde há aproximadamente dez anos, quando uma equipe da FUFPI deu início a um levantamento do espaço arquitetônico. Em 1985 a Secretaria de Cultura do Estado retomou tal proposta, dando continuidade ao cadastramento, realizando propostas de restauração, a ser desenvolvida em etapas, sendo tentado o seu financiamento junto ao Ministério da Cultura.

Tal proposta visa restaurar e revitalizar a área, que tem sido reivindicada por aquela comunidade, para o desenvolvimento de atividades



**VISITE
A LIVRARIA
DO
ESCRITOR
PIAUIENSE,
TEATRO
4 DE
SETEMBRO
PRAÇA
PEDRO II**

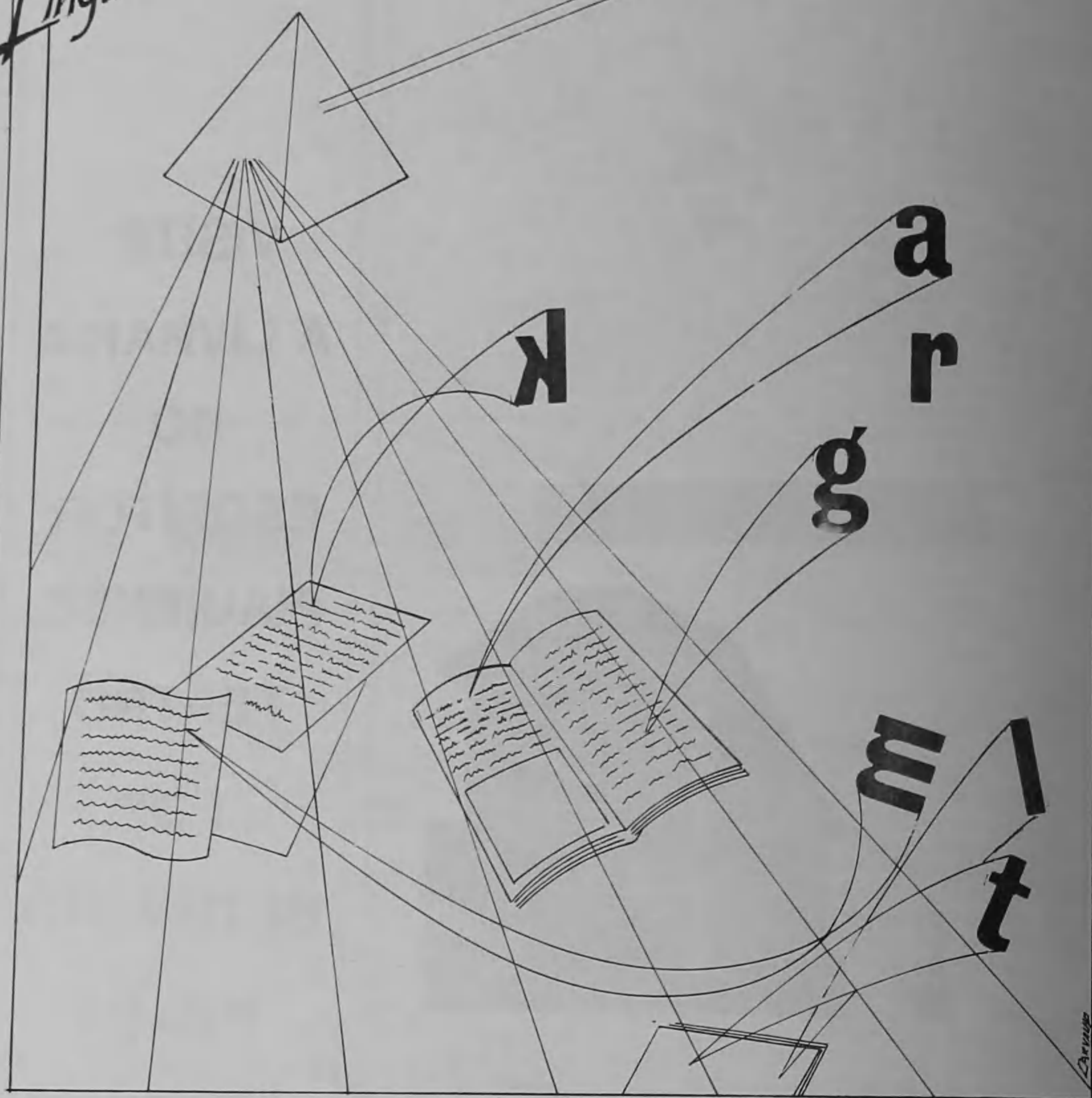
artísticas, de lazer
e apoio ao turismo.

Para estes espaços foram
propostos a criação de museus,
biblioteca, albergue, hotel,
restaurante, escola de artes e
ofícios, Academia Parnaibana
de Letras, anfiteatro, auditório,
etc. Vale salientar que a
proposta visa preservar ao
máximo as características
originais daqueles espaços,
valorizando inclusive
as ruínas existentes.

Acreditamos que somente
havendo uma revitalização
cultural e econômica, é que
podemos preservar um
pouco da memória piauiense

Só o uso garante a
conservação da estrutura física.
No dizer de Nélson Pereira
dos Santos: "Se alguém quiser
saber a diferença, deixe uma
casa nova em folha vazia, sem
uso nenhum por uns cinco
anos. Virará uma ruína".

Linguística



REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA GRAMÁTICA NORMATIVA

Ma. AUXILIADORA F. LIMA

É comum ouvirmos alguém comentar, quer seja professor ou não, que os nossos alunos de 1º, 2º e 3º graus falam "errado", "escrevem errado", estão "assassinando" a língua. Percebemos nesse tipo de declaração uma preocupação com o "mau" uso da gramática normativa. Saber "falar e escrever bem" significa saber "gramática". Essa visão está tão arraigada na mente das pessoas que não é difícil para um professor de língua portuguesa prever qual o comentário que vai ouvir quando revela a sua profissão: "português é muito difícil"; "sou ruim em português"; "eu num sei nada de gramática".

A incidência dessas colocações mencionadas requer um posicionamento lingüístico reflexivo acerca do papel da gramática como prescritora de regras na elaboração de sentenças para o uso da língua oral ou escrita. É uma reflexão que já vem sendo feita por diversos estudiosos da língua.

Esse posicionamento questiona a atuação da gramática normativa como detentora absoluta de um conjunto de regras que determinam o emprego correto da língua e apontam como errada qualquer outra forma de uso que não se enquadre dentro das suas normas. A gramática normativa, embora conheça, não leva em consideração a heterogeneidade dialetal, ou seja, as diferentes manifestações de uso da língua e a sua mutabilidade. Esses dois aspectos significam que:

a. Ninguém fala de uma mesma maneira em diversas situações. Existe o uso de uma "fala cuidada" e de uma "fala espontânea". Na primeira, observa-se a preocupação com o emprego da norma padrão, em falar de acordo com as regras da gramática normativa. É o português que procuramos usar, por exemplo, no nosso local de trabalho e em situações sociais formais. Na segunda, deixa-se fluir uma linguagem menos cuidada, sem preocupações com as regras gramaticais. É o falar mais espontâneo que usamos no nosso convívio familiar e em situações bem informais.

b. A língua muda. Ela passa

por um processo gradual de mudança no decorrer do tempo. Se fizermos um estudo comparativo do português falado hoje com o falado em uma determinada época, encontraremos diferenças que irão atestar uma mudança lingüística.

A variedade lingüística não é levada em consideração pela gramática normativa por ela defender uma norma padrão eleita por uma classe dominante que detém o poder e representa o ponto mais alto de uma hierarquia na escala de ascensão social.

Não queremos dizer que a defesa de uma norma padrão tire o mérito da gramática normativa. No entanto, devemos questionar como a escola, através dos professores de português, está desempenhando o seu papel de transmissora da norma culta para os alunos. Será que ela está conseguindo os seus objetivos? Será que os nossos alunos de 1º e 2º graus que são expostos ao português padrão estão conseguindo usar esse registro?

Não precisamos ir muito longe para respondermos. Basta olharmos o desempenho de nossos alunos de 1º e 2º graus e das universidades para encontrarmos um melancólico não.

Evidentemente, não é apenas o ensino do português que vai mal, mas todo o sistema de ensino. O peso maior recai sobre a língua portuguesa por ser ela o instrumento de comunicação verbal. Daí a razão da acentuada ênfase dada à deficiência de português, ou melhor, do aprimoramento do seu uso. A língua, o aluno já sabe, não podemos esquecer de que ele é um falante nativo. O que não sabe é aprimorar o seu uso dentro de um contexto de comunicação, quer seja em um registro oral ou escrito.

É em razão dessa deficiência no desempenho escolar que se faz necessária a adoção de uma nova postura gramatical. Não em detrimento da gramática normativa, mas dentro de uma visão global do sistema lingüístico que abrange os níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico da língua. Tal postura deve ter em vista a variabilidade do sistema, manifestada através dos diversos registros da fala.

Há a necessidade dos professores de língua portuguesa de 1º e 2º graus e estudantes de letras de familiarizarem-se com a heterogeneidade dialetal do português, despindo-se do preconceito de que existe o uso do português "correto" e o uso do português "errado". O que existe são diferentes usos de registro e entre eles se encontra o uso do registro padrão.

A variação em qualquer nível lingüístico não é aleatória. É sistemática, possui regras que descreveu o seu comportamento. Exemplificando, existem regras que

explicam a variação de número na concordância nominal e na verbal. Lingüisticamente não existe uma escala de valores para o uso dos diversos registros do português. As variedades não são boas, nem são más.

Simplesmente elas ocorrem. Não constituem erros, mas diferenças dialetais. O que ocorre são empregos inadequados da linguagem. Tais empregos inadequados dizem respeito ao emprego de um registro ao invés de outro em determinadas situações. Por exemplo, parodiando a ilustração de Possenti (Gramática e Política), um falante deve ter consciência de que em uma reunião de trabalho é tão desapropriado ele dizer ao chefe: "Nóis num tá nem aí pras tua reclamação" quanto em uma conversa de mesa de bar falar ao colega: "O senhor quer fazer-me a gentileza de passar a cerveja para que eu possa saboreá-la".

É preciso que aprendamos a respeitar a variedade que o aluno traz de seu ambiente familiar, não reprimindo-o e nem inculcando-lhe discretamente a idéia de que não sabe falar e escrever. Muitas vezes, a posição preconceituosa que o professor assume perante o dialeto do aluno, provoca o seu emudecimento em classe e uma consequente rejeição às aulas. No entanto, respeitar o dialeto do aluno não quer dizer que devemos abolir a gramática normativa, ou seja, o uso do registro padrão na escola. Seria negar o óbvio: a língua é um instrumento de ascensão social em razão de ser utilizada por um grupo de pessoas influentes e por ter sido a escolhida dos gramáticos (Possenti). Não saber

usar o registro padrão em determinadas situações resulta em uma marginalização do falante por um grupo socialmente privilegiado.

O registro padrão deve ser utilizado pela escola, sim. Mas de uma maneira funcional dentro do contexto de comunicação e não através de frases soltas, mera ilustrações de uma série de regras. A prática deste registro deve ser iniciada a partir da variedade lingüística do aluno para que ele possa tomar consciência de que o seu dialeto também é válido, entretanto, existem outros, além do seu, entre eles, o que representa a norma culta.

É o que diz Miriam Lemle em relação ao objetivo do ensino da língua portuguesa: "O objetivo a ser proposto não é aprenda a norma culta em vez do português que você fala, e sim, aprenda a norma culta além do português que você fala e utilize um ou outro, segundo as circunstâncias". A missão do professor é transformar o aluno num poliglota dentro de sua própria língua, conforme Bechara.

Para a execução desta difícil tarefa é preciso um novo posicionamento lingüístico. Precisamos trabalhar com a gramática normativa, mas é imprescindível uma análise crítica do seu postulado, extraíndo o que pode ser colocado de uma forma funcional no ato da comunicação. As aulas de português seriam bem mais proveitosas e menos desestimulantes, se explorássemos o uso da linguagem nas suas modalidades oral e escrita dentro de um processo de comunicação e não através de enunciados soltos ou de simples curiosidades lingüísticas.

BIBLIOGRAFIA

- BECHARA, Evanildo. Ensino da gramática. Opressão? Liberdade? Atica, 1985.
- LEMLE, Miriam. Heterogeneidade Dialeto: um apelo a pesquisa, in *Lingüística e Ensino do Vernáculo*. Tempo Brasileiro, 53, 54.
- POSSINTE, Siro. Gramática e política in *O texto na Sala de Aula*. GERALDI, José Wanderley (organizador). Assoste, 1984. Paraná.

HUMBERTO DE CAMPOS



- Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo • Fundação Assis Brasil
 - Fundação Cultural do Piauí • Academia Piauiense de Letras
 - Academia Parnaibana de Letras • Prefeitura Municipal de Parnaíba
- HOMENAGEM DO PIAUÍ PELO CENTENÁRIO DE HUMBERTO DE CAMPOS



Educação

A EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO



LUIZ PIRES DE FREITAS

A Educação deve formar o homem. E formá-lo livremente, deixando que a sua personalidade se expanda de dentro para fora, ajudando-o a libertar-se das influências que tolheriam os seus movimentos. O homem formado, o homem educado, constituirá uma célula livre e fecunda do corpo social, um elemento habilitado a produzir frutos que redundarão em desenvolvimento.

Desenvolvido é o país em que o povo é educado, em que não há analfabetos e onde a escola, não só a primária, está aberta a todos e de todos é exigida.

Desenvolvimento não é a finalidade da educação, condição indispensável para que ele se efetive, pois não será apenas

construindo estradas e usinas que se chegará ao desenvolvimento de um povo. Só há um caminho real capaz de condizer a esse objetivo: educar o povo. Educar, simplesmente, isto é, educar sem se perturbar com a preocupação de preparar mão-de-obra para a técnica. Educar, sem objetivos, pois será o homem educado que irá, por força de consequência produzir e exigir desenvolvimento. A contribuição fundamental da educação para o desenvolvimento não consistirá formalmente no fornecimento de profissionais habilitados para as atividades, mas em produzir um ambiente cultural que force a capacidade criadora e a solicitação interior

que geram o desenvolvimento.

Um planejamento da educação com vista ao desenvolvimento deve ter em mira dois objetivos: o atendimento dos direitos do homem e a sua valorização como fonte de produção. Importante é que a preocupação excessiva com o segundo não perturbe a visão clara do primeiro, mais importante. A preocupação exagerada de tornar o homem fonte de produção não é o melhor caminho para chegar a esse resultado e acaba formando criaturas

controladas, sem base para o trabalho criador. É indiscutível que a falta de técnicos, de elementos habilitados para as novas tarefas criadas pelo progresso, constitui uma das deficiências sociais de um país em desenvolvimento, mas nos parece de que não nos devemos fixar apenas neste aspecto.

Do ponto de vista social, um aspecto que precisa mais atentamente ser ponderado pelos planejadores é o da interligação da escola com outros setores da vida humana. Quando se afirma o direito de todos à educação, não se pode imaginar atender à sua exigência com simples operação matemática de dividir verbas a distribuir escolas. A realidade é muito mais complexa. O benefício da escola está em estreita conexão com a conjuntura social do ambiente. Cabe, pois ao planejador considerar esse problema no conjunto, atentando para que o dinheiro público atinja efetivamente o seu objetivo, que é educar a criança.

Por outro lado, há que considerar que as demais chagas sociais não serão remediadas sem que se resolva o problema educacional. A educação é um caminho indispensável para a

solução dos demais problemas: pauperismo, saúde, vícios sociais, alimentação, moradia, trabalho, improdutividade nas dificuldades sociais que não serão superadas sem se elevar o homem pela educação.

Desta maneira, sem prejuízo do relevo a ser dado aos problemas educacionais, nenhum planejamento poderá ter êxito sem que seja integrado, isto é, sem que os diversos aspectos: econômico, social e político sejam pensados em conjunto.

Assim a valorização do homem é caminho seguro para aumentar a produção. Podemos dizer sem querer reduzir o homem a simples elemento no esquema da produção, mas que o homem capacitado é o patrimônio material mais fecundo que um povo pode ter.

Diz Charles Dublim: "Temo-nos preocupado muito pouco em aperfeiçoar o próprio trabalhador. No entanto, ainda que ele fosse considerado apenas como um instrumento, um utensílio, um motor, deveria ser colocado na primeira linha, entre todos os instrumentos, entre todos os agentes mecânicos, porque tem a vantagem inapreciável de ser um

instrumento que se observa e se corrige a si mesmo, com motor que se aperfeiçoa pelo pensamento e não menos pelo trabalho".

Não seria, pois, sem propósito usar fórmula mais radical: a educação é o desenvolvimento. Pois o verdadeiro desenvolver to é a situação em que a pessoa humana se realiza em sua plenitude, dando perfeita expansão às virtudes interiores. O desenvolvimento que não se exprime em educação, em aprimoramento espiritual, seria desumano e deformante. A ampliação do progresso material, a tão falada industrialização, a prosperidade do corpo social, tudo isso é muito bom, mas seria muito maior se não se acompanhasse de um crescimento da liberdade das pessoas, da participação de todos na vida pública, do acesso aos bens da inteligência, da cultura e da civilização. Uma prosperidade material do estado ou corpo social que não redundasse em bem-estar de todos os membros da sociedade e de cada um deles, uma prosperidade material conseguida a custo de sujeição da pessoa, não seria um autêntico desenvolvimento.

PRESTIGIE

A ESCOLA DE DANÇA

DO THEATRO 4 DE SETEMBRO

PROJETO NORDESTE



O Projeto Nordeste foi concebido, no âmbito do Governo Federal como uma política de desenvolvimento rural visando reduzir a pobreza e melhorar a estruturação institucional do Nordeste do Brasil.

O Programa de Apoio ao Pequeno Produtor Rural — PAPP — é um dos programas incorporados à estratégia do desenvolvimento rural para os pequenos produtores rurais da região.

A área de atuação do programa abrangerá a zona rural do Estado, onde foram eleitas as áreas de concentração das ações do programa, dentro das microrregiões definidas (Vale do Parnaíba, Fazendas Estaduais, Vale do Gurguéia, Vale do Itaueira, Vale do Fidalgo, Vale do Longá, Ibiapaba Piauiense, Vale do Sambito, Vale do Guaribas e Vale do Piauí).

As áreas prioritárias onde o programa de desenvolvimento rural do Estado terá lugar

incluem 70 dos 116 municípios piauienses.

O PAPP visa atender, com as atividades do programa, grupos específicos de pequenos produtores, aproximadamente 65.000 famílias, no primeiro octaetérde (1987/1994), de baixa renda, operando em propriedades rurais de até 100ha, nos 70 municípios do Estado, beneficiando-os diretamente com as seguintes atividades: ação fundiária, recursos hídricos, extensão agrícola, crédito rural, comercialização, apoio às pequenas comunidades rurais, administração e capacitação. Além destes, um grande número de famílias também serão beneficiadas (indiretamente) pelas atividades de abastecimento d'água, desenvolvimento comunitário, pesca e comercialização.

Os recursos financeiros do PAPP são oriundos de três fontes: Banco Mundial,

PROTERRA e FINSOCIAL. Para o primeiro octaetérde estes recursos serão na ordem de US\$ 160,5 milhões, sendo que US\$ 78 milhões serão financiados pelo Banco Mundial. Vale ressaltar que este valor não inclui o componente fundiário, uma vez que o mesmo é financiado por este órgão em contrato à parte.

Para o Plano Operativo referente ao primeiro período de execução da PAPP, 1986/87, já foram negociados recursos financeiros da ordem de Cz\$ 596 milhões, distribuídos na seguinte forma: o Banco Mundial financiará 51%, O PROTERRA 15% e o FINSOCIAL 34%.

O PAPP é coordenado pela Secretaria de Planejamento, através da Fundação Cepro. E conta com os seguintes órgãos executores: INTERPI, EMATER, EMBRAPA, SIMA/CEASA, CODERPI, DER-PI, EMOPPI, CIDAPI, SUDEPE, COPELCO, Cooperativas Agrícolas, OCEPI e Secretaria de Agricultura.

DA COSTA E SILVA A POESIA DE UM GRANDE



M. PAULO NUNES

Na capital amazonense, Da Costa e Silva, poeta experimental por excelência, publica os primeiros poemas de feição modernista, de que resultaram "Carnaval", "Refrão do Trem Noturno", que lembra poema sobre o mesmo tema de Ascenso Ferreira, e "O Carrossel Fantasma".

Em Manaus se casa, em 1928, com Creusa Fontenelle de Vasconcellos. No ano seguinte nasce-lhe uma filha a que dá o nome da primeira mulher, Alice. Em setembro de 1929, parte para Porto Alegre a fim de assumir o cargo de Delegado Fiscal do Tesouro no Rio Grande do Sul, função em que o surpreende a Revolução de 30.

No Rio Grande se une a um grupo de intelectuais como Alberto de Andrade Queiroz, com quem dirige o suplemento

literário do **Diário de Notícias** — a Mansueto Bernardes e a escritores mais jovens como Augusto Meyer, de quem comenta com muita propriedade os **Poemas de Bilu**, Athos Damasceno Ferreira, Theodomiro Tostes, Vasgas Neto e Vianna Moog.

Convidado a aderir ao movimento revolucionário, excusa-se, por questão de princípio, em razão de achar que os servidores públicos deviam manter-se afastados da ação política.

Em sua passagem por São Paulo, na qualidade de Delegado Fiscal do Tesouro Nacional, sofre violenta campanha de insultos pelas seções pagas dos jornais, em virtude de haver empreendido uma tarefa de moralização dos serviços e de reforma e modernização da

administração pública.

Em São Paulo, a 12 de maio de 1931, nasce-lhe o quinto filho, Alberto.

Pedindo abertura de inquérito na repartição, afasta-se voluntariamente do cargo, ao qual não mais retornará, não obstante a insistência do Presidente Getúlio Vargas para que permaneça no posto, onde ficaria fortalecido. Também não aceitou outro cargo em comissão que lhe fora oferecido, retornando à sua mesa de 1º Escrivão do Tesouro, desencantado com os rumos da revolução em que chegara a depositar esperanças.

O episódio deixa-o abalado. Temperamento afetuoso e sensível, o poeta deixa São Paulo

— M. Paulo Nunes:
Escritor, Ensaísta, Membro da
Academia Piauiense de Letras.

em 1932 imerso na maior tristeza e desilusão.

Começa então o mergulho do poeta no seu cone de sombra. Desde o final de 1931 não mais escrevera versos e a edição de sua **Antologia**, da qual cuidaria a bondade de Cleômenes Campos, já encontrou o poeta, em 1934, tomado pela doença.

Em fins de 1932, após o nascimento de sua filha Elisabeth, o poeta submete-se a uma intervenção cirúrgica, passando a revelar, após obter alta, os sinais da doença nervosa de que não mais se libertará até a morte, em 29 de junho de 1950. Fora vencido pela vingança dos deuses como dirá o poeta conterrâneo Martins Napoleão, em comovido poema:

"Criaste de novo o mundo,
à feição do teu sonho,
enquanto os deuses o
criaram uma só vez,
e por isso talvez,
o castigo medonho,
como o raio que cai
no carvalho montês".

"Teu cérebro anoitece,
em sombras... E a esperança
diz ainda ao coração
os últimos adeuses...

— a demência é de certo
ainda a melhor vingança
dos deuses, contra quem
foi maior do que os deuses..."

Em **Alhambra**, finalmente,
que constituía um projeto não
realizado do poeta, estão
reunidas algumas produções
esparsas, inclusive os poemas
de feição modernista já referidos
e incluídos nas **Poesias
Completas**, cuja 3ª edição
comemorativa do Centenário
acaba de ser publicada.

Terá sido esta apenas toda
a obra do poeta? Pesquisas mais
recentes têm evidenciado que
não. De sua obra em prosa
muita coisa esparsa foi há
pouco tempo encontrada por
Alberto Da Costa e Silva em
pesquisa realizada na Biblioteca
Nacional, na coleção do **Correio
da Manhã**, levando-o a pensar
no projeto da edição de suas
crônicas com o título de um
dos livros idealizados pelo poeta:
Passeio Público.

Da obra em verso muita
coisa nova vem surgindo através
da pesquisa que vem sendo

empreendida pelo Departamento
de Letras da Universidade
Federal do Piauí, de que temos
a mostra em "**Ânsia do
Nirvana**", publicado em **A Vida**

Mineira, de 26/09/1916 e
dedicado a Alphonsus de
Guimaraens e no belo poema
"**Salomé**", publicado na revista
Vita e a seguir transcrito:

Volta o escravo trazendo, enfim, na áurea bandeja,
A cabeça de João. Ergue-a, fitando-a e beija-a,
Com ardor, Salomé, cheia de comoção
Ante a posse do bem que ambicionara em vão...
E hoje tem, afinal, como único conforto
De vida ao seu amor... E a cabeça do morto,
De novo erguendo, beija, olha-a outra vez, a ver
Se ele ainda pode amar, se ainda pode viver;
E parece que vê na pupila incendiada
Um reflexo de amor, num lampejo de vida...
Nessa doce ilusão, que engana o seu olhar,
Voluptuosa, a sorrir, não cansa de beijar,
Num transporte feliz de júbilo e de pena.
Entre rubis de sangue, a cabeça morena
Do profeta cristão, indefeso e revel,
Cujos gritos de dor eram favos de mel.
Ergue-a beijando a dança e, em delírio dançado,
Em coleios sensuais volteia, ondeando... voando...
Voando qual se tivesse uma asa em cada pé...
É uma serpente humana a linda Salomé,
Em ágeis contorções, em lúbricos meneios,
Agitando os quadris e os pássaros dos seios
Seminua, a ostentar o corpo virginal
Que vibra de emoção na lascívia carnal
De amor, com que ela vai, numa lebre imprevista,
Beijando a fronte, a face a boca a João Batista;
Trágica e bela assim, num ritmo embalador
Dança, à cadência ideal dos ósculos de amor,
A música febril dos beijos repetidos
Que confundem num só todos os seus sentidos;
Num gozo emocional de amorosa embriaguez
Não distingue, nem vê os que a aplaudem, talvez...
Vive só para João... E a cabeça do Santo,
O olhar boiando em luz, inundado de pranto,
Pelo poder que o amor, mesmo na morte, tem
De repente se anima, a fitá-la também;
E o lábio frio é agora insaciado e faminto
A beijar e a morder de volúpia do instinto;
Virgem durante a vida, agora morto, quer
Nesta boa aromada e ardente de mulher
Beber de um trago só de um sorvo, de um só hausto
A alma de Salomé, em sublime holocausto,
Na vitória da morte, à vitória do amor,
Enquanto em convulsões de alegria e de horror,
À luz daquele olhar, a ânsia daquela boca,
Voa, no ar, Salomé, rindo e cantando, louca,
A erguer, como um troféu, a cabeça de João,
Lamentando não ser o próprio coração!

(conclusão do número anterior)

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CASTELLO BRANCO, Christino — Letras piauienses (Clodoaldo Freitas e Da Costa e Silva) in **Homens que iluminam**, Editora Aurora, Rio, 1946, p. 87/94.
2. COSTA E SILVA, Alberto Da — "Notícias sobre Da Costa e Silva" in **Poesias Completas**, Edição do Centenário, Editora

Nova Fronteira/Pró-Memória
/Instituto Nacional do livro,
Rio, 1985, p. 17/39.

3. Op. cit.

4. Op. cit.

5. Op. cit.

6. SALLES, Antônio — **Folha do Povo**, 06/09/1919

7. COSTA E SILVA, Alberto Da — in op. cit.

8. Op. cit.

BATEIANDO DIAMANTES

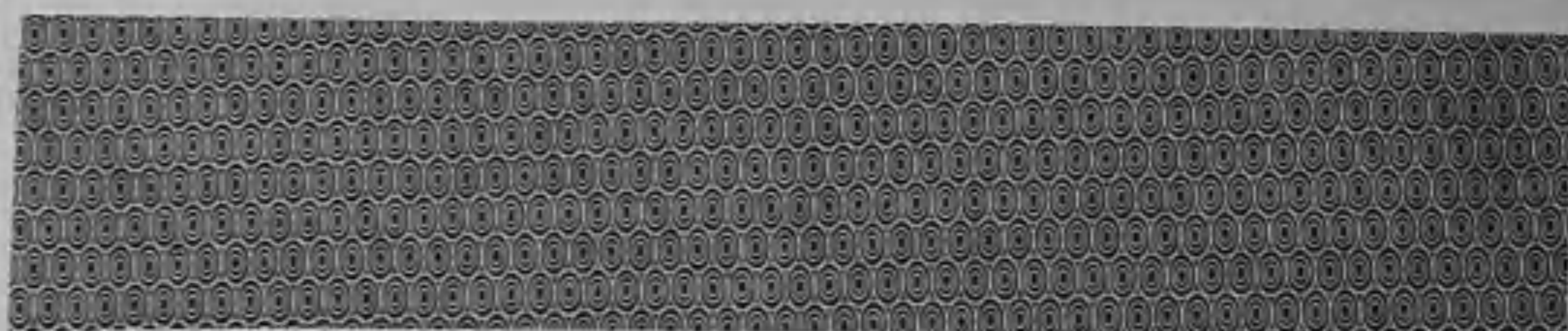
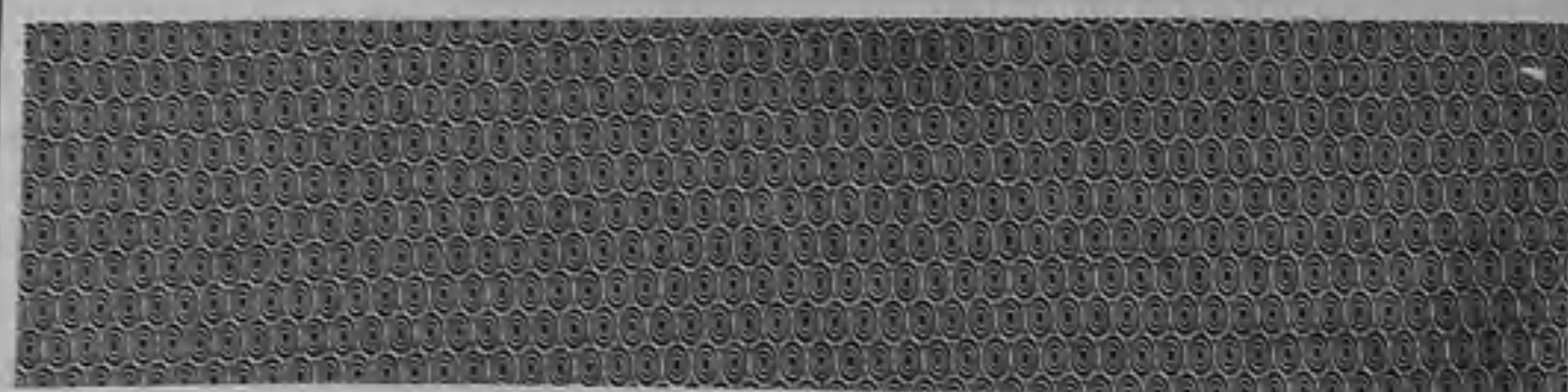
Embalar a alma ao ritmo da música não é estremecer-se propulsionado pela folia dos metais nem pulsar espasmodicamente a delicada essência de ser às sugestões cacofônicas dos esgares tresloucados de dissonantes diapasões que vibram na orgia de decibéis nilistas.

Embalar a alma envolta no tanger melódico não é galgar às ondas levianas de um psicodelismo vibratório que transe em exacerbações bioelétricas intempestivas o retábulo continente da etereiforme delicadeza espiritual, violando-a e violentando-a com o vandalismo sibilino dos iconoclastas.

A música, verdadeira música, não obedece a um ciclo de cometas e nem perpassa meteoricamente o espaço-tempo existencial: é bem verdade que ela, como estilo e gênero, retrata os anseios agudos da época e do ambiente em que nasce, mas permanece na elevação das horas e dos momentos psicológicos, navegando o rio dos anos e flutuando sobre as vagas oceânicas dos séculos — que vão da protogênese singrando sem idades a universalidade eterna de um expressivo canto de amor, essa razão mesma do sentido de viver, esse liame de aconchego que enriquece e alimenta, alimenta e enriquece a harmonia da saúde, essa **la santé** de um ser que se quer completo e satisfeito na plenitude do seu existir-no-mundo.

A música não é um artifício puro do intelecto calcado na gnoses; se é noemática no arranjo arquitetônico de sete pilastras dinâmicas versatilizadas pela orientação das clavas mestrais, é fluído-afetiva na sua essência sonora, capaz de levar seu efeito balsâmico até a intimidade das flores para despertá-las em brilho de cor e explosão de perfume e vida; ela que é o crisol que faz suspirar os reinos da natureza desde o nadir ao zênite da criação divina nas bases genesíacas.

A música no meu sentir poético, no meu romântico



HUMBERTO GUIMARÃES

sentir, jamais bombardeia ou provoca convulsões: ela protesta lamentando mas nunca insufla vícios escatológicos ou condutas agressivas, ressentindo-se e ausentando-se à sugestão turbilhonante dos canhões ou das espadas, porque ela é, antes de tudo, uma lira-prêmio dos deuses para os eleitos da harmonia como condição paradisíaca, jamais instrumento desafinado de ruídos para latir a dissociação afetiva daqueles que se danam em desequilíbrios surrealistas de modismos extravagantes.

Desculpe-me se puder o senhor Wolfgang Wagner, mas suas trombetas apocalípticas em escalas de fogo, seus temas de morte tresloucantes para Siegfried, incomodam tímpanos e transmitem mensagens de desagregações paranóicas de influência de um terrível deus solitário, um atormentado deus a cantar o crepúsculo de outros deuses: suas expressões de tempestade, de cavalcadas guerreiras, de ódio e traição, destroem sossêgo e arrasam almas sem lenitivo. Gosto entretanto, senhor Wagner, dos vossos cânticos de amor para Tristão e Isolde, mas só enquanto amor porque, o resto, senhor, são os desesperos de ódio e traição: mil vezes prefiro as explosões catatímicas do passionável Franz Litz traduzidas em prelúdios e poemas-sinfônicos, do que vossas exaltações à sensualidade conflitiva de Tannhauser.

No meu ponto de vista laico, entendendo a música como do mito a aperfeiçoar-se ao clássico-erudito para depois descender ao popular como social-estilizado, penso que, para isto, houve uma paulatina suavização desde Tchaikowski com Lago dos Cisnes, Quebra-Nozes e as não menos famosas sinfonias, bem como, por outro lado, de Berlioz e Mozart, como, em parte, do próprio Wagner, injetando influências para a Música Nova de Richard Strauss, cujo pai, o conservador Franz, teve o bom-senso de dar-lhe inteira liberdade para a expansão do gênio que por certo aplaudia as vulgatas do seu parente de Viena, mas, não tendo coragem de descer a tanto, preferiu o meio-fermo de Dom Juan. As Alegres Travessuras de Till

Eulenspiegel, A Dança dos Sete Véus e Salomé, posto que Johann Strauss Jr. fora demais na expressão simplista, reduzindo os cânones herméticos a Polkas e Valsas como Sobre o Danúbio Azul, Se Lhe Agrada, Contos dos Bosques de Viena, Canção Alegre, Rosas dos Sul, Passeio de Trem, Sangue Alegre e Sangue Vienense, fulminando qualquer ortodoxia e tocando as sensibilidades mais alvares sem formalismos de qualquer natureza que não o esplendor e a graça dos grandes bailes; foram os Meninos Cantores de Viena, com sua educação de capela que, felizmente, o edificaram com o canto de coral estilizado, perante seus pares — que o haviam estigmatizado. Viva Johann Strauss Júnior!

Nessa demarche não se pode deixar de mencionar outras importantes personalidades tais como Chopin, Beethoven e, sobretudo, dois que se seguem — Ravel, sintetizado no seu inolvidável Bolero, e o senhor Johann Sebastian Bach, com a leveza saltitante de Jesus Cristo Alegria dos Homens, a que o nosso poeta Vinícius de Moraes adaptou a letra de Rancho das Flores, coisa mais linda:

Entre as prendas com que a natureza alegrou este mundo onde há tanta tristeza a beleza das flores realça em primeiro lugar. É um milagre de aroma florindo mais lindo que todas as graças do céu e até mesmo do mar. Olhem bem para a rosa não há mais formosa é a flor dos amantes é a rosa-mulher que em perfume e nobreza vem antes do cravo e do lírio e da hortênsia e da dália e do bom crisântemo e até mesmo do puro gentil mal-me-quer. E reparem no cravo o escravo da rosa que flor mais cheirosa que enfeite sutil. E no lírio que causa o delírio da rosa o martírio na alma da rosa que é a flor mais vaidosa e mais prosa entre as flores do nosso Brasil.

Abram alas pra dália garbosa da cor mais vistosa no grande jardim da existência das flores tão cheio de cores gentis. E também para a hortênsia inocente a flor mais contente do azul do seu corpo macio e feliz. Satisfeita da vida vem a margarida que é a flor preferida dos que têm paixão. E agora é a vez da papoula vermelha a que dá tanto mel pras abelhas e alegra este mundo tão triste com a cor que é a do meu coração. E agora aqui temos o bom crisântemo seu nome cantemos em verso e em prosa porém que não tem a beleza da rosa: que uma rosa não é só uma flor uma rosa é uma rosa é uma rosa é a mulher rescendendo de amor”.

Esta maravilha de empatia bucólica, este canto singelo de exaltação ao amor no seu mais delicado sentido, se é que há um amor que não tenha sentido tão nobre, elaborado ao ritmo da tocata do senhor João Sebastião, só o comparo mesmo àquela crônica maior que Machado de Assis, num dos seus grandes momentos, produz sob o título de “O Jardineiro” e a insere em Memórias de Casa Velha, na metáfora mais louça do diapasão poético expressando a heterovalorização afetiva da comunidade humana a um dos seus integrantes em destaque por merecimento conquistado, merecimento de graça, merecimento de afeição.

José Guilherme de Araújo Jorge a certa altura dos seus versos exclama num arremate catártico, que “jamais me envergonharei de falar de amor” Isto é bonito. Se cada homem tivesse essa coragem de assumir o sentimento-guia da condição hominal de ser, certamente o mundo não viveria asfixiado em tanta miséria de vencedores corruptos tripudiando sobre vencidos humilhados e irados, e não se veriam ampliadas em lupas disformes as dores do mundo schopenhaueriano, nem os personagens de Kafka viven-

ciaram mortes de perplexidade em processos subliminares de de **hircus-piacularis** expostos aos tormentos da assertiva de Lívio — de que é preciso sacrificar um grego como vítima.

Só o amor constrói — quem disse isto falou pela boca do anjo a verdade mais cristalina.

Certa feita, participando de um seminário de docentes universitários sobre a sistemática do ensino e o índice de aproveitamento do alunado, percebi o quanto o amor — assim mesmo com maiúscula — é incompreendido e desprezado. Empenhavam-se doudas figuras a apontar e exemplificar mil e um problemas dos desacertos acadêmicos, quando um participante, conhecido cidadão de vida pautada pela filosofia kardecista, exclama com timidez que a causa de tudo é o desamor. Vi nesse instante os doutores do templo se calarem por um fim de estupor, para, seguida, explodirem em hilariantes gargalhadas e sarcásticos reproches, pois não admitiam que, em tão nobre assembléia, em tão colendo debate, viesse alguém com tamanha ingenuidade, fazer uma pontificação com laivos doutrinários de tal jaez. Nocautearam o colega com azedumes hienais e o deixaram no ostracismo daí por diante.

Não entenderam eles, os egrégios, que o colega falara, na sua conotação alvar, o vera veritatis mais diáfano do mundo, pois que o Amor é como a água, mais ainda, como o éter que flui e se expande por toda parte e penetra todas as fenestras por mais diminutas, onde quer que haja espaço atômico ou molecular, e ele, o Amor, que não tem átomo nem moléculas, vai mais além ainda, segue pelo espaço-universo, pelas dimensões além euclidianas, e perlonga as curvas do infinito e o envolve na visita e na posse do mais mínimo detalhe da existência, fazendo-se presente quando invocado como harmonizador em qualquer esfera da conjuntura humana multifacetada: extensivo, elástico, versátil, é ele o pilar da construção, da disciplina, da paz, da felicidade; o condutor da esperança e da fé; o antônimo da negação; o tônico

da empatia consumada de encontros e encaixes, o chanceler das combinações e dos ajustes — desde o beijo dos amantes ao aperto de mão das nações amigas.

Em se tratando de amantes, que vivem um feed-back possessivo, o amor é sério, por vezes perigoso: ele não brinca jamais e se rebela contra quaisquer convencionalismos que o venham contrariar, agigantando-se nas almas por ele possuídas, nesse momento transformando-se em paixão e arrojando-se medonho qual o



felino Pacato em metamorfose de Gato Guerreiro quando He-Man invoca os poderes de Glasgow para combater as potestades do mau. Nessa situação, cego avança, propulSIONA-se, atira-se para uma salvação ou perdição — dois aspectos dos extremos de tudo ou nada que Camilo Castelo Branco, o prolífico escritor de Portugal, explorou na sua romântica literatura.

Não posso conceber o amor sem poesia nem a poesia sem amor: a cristalização afetiva de Sthendal a mim me parece algo estático e conformista com a mesmice insosa de coisa que se não renova; prefiro aquela sadia ansiedade que busca sempre e, para mim, a plenitude expressiva desse grande sentimento que Emílio

Mira Y Lopez elege como o primeiro dos quatro gigantes da alma, só é possível traduzir pelo recurso musical, essa música que relaxa, que arranca suspiros lânguidos e aciona a imaginação para representações edênicas. Por isto mesmo muitas vezes me quedo a procurar extrair dos mais recônditos recantos mêmicos trechos de puro lirismo que só as canções de outrora continham, expressões vivas do amor, ora sofrido, ora realizado, mas sofrido principalmente, pois o sofrido, é sabido, canta melhor porque se exprime com todas as vibrações canoras da alma num apelo pa a sua razão mesma de existir no mundo, que é a esperança, quando se diz em desencantos.

É por tal razão que, em seguimento, irei tecer um tapete das letras de melodias douradas que, no entanto, não se ancianizam nunca, posto que divinais, portanto eternas. Convido o leitor, por mais inibido que seja, a acompanhar-me no agradável exercício, cantarolando comigo o que nós for possível lembrar, embora que de retalho em retalho: que tal Fascinação, esta jóia antiga que Ellis Regina, fascinada, deu a mais sublime interpretação para a trilha sonora de uma novela da Rede Globo de Televisão, intitulada Casarão? (Naturalmente depois de Carlos Galhardo)

“Os mais lindos sonhos sonhei,
De quimeras mil um castelo ergui
E no seu olhar, tonto de emoção,
Com sofreguidão mil venturas previ
O teu corpo é luz, sedução,
Poema divino cheio de esplendor,
Teu sorriso prende
Me inebria, entontece,
És fascinação, amor.”

Os compositores de anos há não muito passados, tinham, além da inspiração, o domínio artístico das regras gramaticais, que moldavam conforme o gosto escultural, zelando pela perfeição do idioma sem prejuízo algum para o ritmo da obra, vejamos por exemplo, de João Barro

e Alcyr Pires Vermelho, esta Laura interpretada por Jorge Goulart:

"O vale em flor
A fonte, o rio cantando,
O sol banhando a estrada,
Frases de amor...
Laura, um sorriso de criança
Laura, nos cabelos uma flor,
Ô Laura,
Como é linda a vida,
Ô Laura,
Como é grande o amor!
Depois o adeus, um lenço,
A estrada, a distância,
O asfalto, a noite, o bar,
As taças de dor...
Laura,
Que é de a rosa dos cabelos,
Laura,
Que é de o vale sempre em flor,
Ô Laura,
Que é de o teu sorriso,
Ô Laura,
Que é de o nosso amor.

De Lupicínio Rodrigues ainda faço questão de ressaltar duas famosas composições, a primeira interpretada por Quitandinha Serenades e, a segunda, por Linda Batista. Vejamos:

FELICIDADE

Felicidade foi-se embora
E a saudade no meu peito
Ainda mora
E é por isso que eu gosto lá de fora
porque eu sei que a falsidade
não vigora
A minha casa fica lá
de trás do mundo
Onde eu vou em um segundo
Quando começo a cantar
O pensamento
Parece uma coisa à toa
Mas como é que a gente voa
Quando começa a cantar...

A outra é a popularíssima Vingança: "Eu gostei tanto/
tanto quando me contaram/ que
lhe encontraram/ chorando
e bebendo/ na mesa de um bar/ E
que quando os amigos do
peito/ por mim perguntaram/ um
soluço cortou sua voz/ não
lhe deixou falar... /Ai, mas eu
gostei tanto, tanto
quando me contaram/ que tive
mesmo que fazer esforço/
pra ninguém nota./ O remorso
talvez seja a causa
do seu desespero/ você deve

estar bem consciente do que
praticou... Me fazer passar essa
vergonha com um
companheiro. E a vergonha é a
herança maior que meu pai
me deixou. Mas enquanto
houver força em meu peito
eu não quero mais nada,
só vingança, vingança,
vingança, aos santos clamar
Você há de rolar como as
pedras, que rolam na estrada
sem ter nunca um cantinho de
seu para poder descansar."

Apreciem, leitores, a letra
desta valsa que se
chama "Acorda, Adalgisa".
Quem a compôs? Ninguém sabe.
Talvez uma pessoa importante
apaixonada que não
quis aparecer, lá pelos idos de
antanho. Gilberto Alves a
interpreta. Veja que preciosos
versos em cinco sílabas com
rimas iguais e ritmo sem
dissonância:

Acorda, Adalgisa
Pois que a noite é bela,
Vem ver o luar!
Vem ouvir os cantos
Tão cheios de encantos
Que vêm lá do mar
São os pescadores
Que cantando amores
Se vão barra afora
Remando a falua
Ao brilhar da lua
Na propícia hora.
Acorda, Adalgisa,
Pois que a noite é bela,
Tem dó de mim
Que no dormir te esqueces
Quem por ti padece
Tormento sem fim.
A voz que te chama
É de quem te ama
É de um trovador
Que geme e suspira
Nas cordas da lira
Pedindo-te amor.
Acorda, Adalgisa,
Pois que a noite é bela
Sob um céu de anil,
Passa a brisa mansa
Qual gentil criança
Só pensando em ti.
Vem ouvir os cantos
Que são os prantos
Deste teu cantor
Que vive sozinho,
Que vive pensando
Em teu doce amor."

E Vinicius de Moraes, o
eterno e terno Vinicius, não pode
deixar de ser lembrado

ainda, ao lado de Chico Buarque
e de Ângela Maria,
com esta Gente Humilde: "Tem
certos dias em que penso
em minha gente e sinto todo o
meu peito se apertar porque
parece que acontece de
repente como um desejo de
eu viver sem me notar. Igual
a como quando eu passo
no subúrbio eu muito bem
vindo de trem de algum
lugar e aí me dá como uma
inveja dessa gente que vai em
frente sem nem ter
com que contar. São casas
simples com cadeiras na
calçada e na fachada escrito em
cima que é um lar pela varanda
flores tristes e
baldias como a alegria que não
tem onde encostar... E aí me
dá uma tristeza no meu peito
feito um despeito de eu não ter
como lutar, e eu que não
creio peço a Deus por minha
gente, é gente humilde...
que vontade de chorar!"

Para não se falar naquela
doçura de Garota de Ipanema, a
namorada de todos os
degustadores de caipirinha,
lembro aquela Serenata do
Adeus que ele, em boa hora,
confiou à voz de Elizeth Cardoso,
a divina imortal: "Ai,
a lua que no céu surgiu. Não é a
mesma que te viu. Nascer dos
braços meus. Cai a noite sobre o
nosso amor. E agora só
restou do amor. Uma palavra:
adeus. Mas tendo de ir
embora. Ai, que amar é se ir
morrendo. Pela vida afora..."

Dolores Duram reflete a força
romântica de sua época, às
vezes ela mesma interpretando,
outras vezes Roberto
Luna, Lúcio Alves ou Tito Madi.
Vejamos dela e com ela
esta A Noite do Meu bem:
"Hoje, eu quero a rosa mais
linda que houver. E a primeira
estrela que vier. Para enfeitar a
noite do meu bem... Hoje eu
quero paz de criança
dormindo. E abandono de flores
se abrindo. Para enfeitar a noite
do meu bem... Quero a alegria
de um barco
voltando. Quero ternura de mãos
se encontrando. Para enfeitar
a noite do meu bem... Ah! eu
quero o amor. O amor mais
profundo. Eu quero toda
a beleza do mundo. Para
enfeitar a noite do meu bem."

Ah! como esse bem
demorou a chegar. Eu já nem sei
se terer no olhar. Toda a pureza
que quero lhe dar!"

E Orvestes Barbosa com
aquele seu Chão de Estrelas que
entregou a Silvio Caldas?

Minha vida é um palco
iluminado
Eu vivia vestido de noivado –
Palhaço das perdidas ilusões
Cheio dos guisos falsos da
alegria
Andei cantando minha fantasia
Entre as palmas febris dos
corações.

Meu barracão no morro do
Salgueiro
Tinha o cantar alegre
de um viveiro –
Foste a sonoridade que acabou
E hoje, quando do sol a claridade
Forra o meu barracão,
sinto saudade
Da mulher – pomba-rola que
você

Nossas roupas comuns
dependuradas
Na corda qual bandeiras agitadas
Pareciam um estranho festival
Festa dos nossos trapos
coloridos
A mostrar que nos morros
mal vestidos
É sempre feriado nacional

A Porta do barraco era sem trinco
Mas a lua furando o nosso zinco
Salpicava de estrelas nosso
chão
Tu pisavas no chão distraída
Sem saber que a ventura
desta vida
É a cabrocha, o luar e o violão.

E agora desfilam na minha
escassa lembrança
vibrações de vozes antigas que
não consigo identificar!
elas vêm em retalhos
criptomnésicos como este bolero:
"Dos beijos que me deste não
quero mais saber, o mal
que me fizeste procuro esquecer
mas tanto não consigo...
Se Deus quisesse um dia
devolver-me o passado, perdão
lhe pediria, mas não suportaria
viver mais ao teu lado,
não quero nem saber, se um dia
já fui teu, está tudo acabado pra
que ressuscitado, uma
amor que morreu."

Será Ângela Maria que o
canta? Confesso que não
sei, como também não o sei sobre
este que canta a separação
da amada com amargura
do ressentido, mandando-a ir-se,
tudo esquecer, mas, no
íntimo, uma alma
despedaçada entre dois eus: um
que usa a linguagem para
derramar o ressentimento
racionalizado, e outro,
mudo, escondido entre as
pautas, esperando que tudo
não seja verdade: "segue o teu
destino, que eu seguirei
o meu, na estrada da vida, sejas
feliz, adeus! Parte
para sempre, esquece tudo, não
viveremos um sonho, um sonho
de ilusão. Encerramos aqui
acabamos de ver, eu não sou
mais amado, meu coração me
diz... Parte para sempre..."

Quem compôs, quem cantou
esta de solidão e
saudade? "Já não tenho os
encantos dos teus beijos, vivo só
por este mundo sem amor,
outra boca com certeza
agora é dona das carícias que
eram cheias de calor.
Se é pecado querer tanto
nesta vida, eu suplico de joelhos
meu perdão: gosto
dela tanto, tanto, que a saudade
já não cabe em meu pobre
coração. Virgem santa
milagrosa me perdoa, se
cantando esta canção eu penso
em ti... Só espero que tu
venhas e não voltes, pois as
angústias que me matam
não têm fim... Cantando eu te dei
o coração e o amor, porque me
fez chorar, eu canto a
minha dor: cantando encontrei,
cantando perdoei, porque me
fez sofrer, cantando hei de
morrer..."

Não importa o salto
do verbo sofrer para a terceira
singular, até melhora o
ritmo na sua continuidade de
melancolia. Aliás não garanto se
a letra está toda certinha, mas aí
fica tal como agora me chegou.

O amor não correspondido
nos seus anelos torna-se
masoquista, e é masoquista,
mesmo quando, em revolta a
gritar vingança e
desprezo, destila aparente
sadismo, pois que não
passa isto de mera formação
reativa ao contrário. Mais belo

porém é ouvir-se os
gorgeios do amor que encontra,
como nesta guarânia do
início dos anos sessenta: "Eu
conheci o amor ao te encontrar,
o verdadeiro amor que eu
esperava, amor cheio de ilusão,
de carinho e emoção, amor
que eu sempre desejei...
Eu conheci o amor ao te
encontrar, quando amor ainda
em ti eu não
pensava: és a luz do meu
querer, sem te amar não sei
viver, tu és o amor que eu
sonhei! Do meu mais puro amor
te dei as mais lindas flores,
cravos multicores, rosas em
botão; eu fiz do teu
amor altar dos meus desejos, teu
ardentes beijos, minha oração!"

Lindas guarânias igualmente
foram interpretadas por Anísio
Silva, o cantor de voz mais
suave que já ouvi. Quem não
se lembra, por exemplo, de
Quero Beijar-te as Mãos?
Uma outra, menos conhecida,
é esta: "Perdão tu queres ter,
perdão pelo que pode acontecer,
hoje em dia, passado o
sofrimento, prefiro o
esquecimento de quando eu te
queria. Quando em minha vida
tu surgiste tudo era ternura e
ilusão, veio a despedida dolorida,
veio a mais cruel separação; hoje
me procuras tristemente e eu
te respondo amargamente –
nada mais existe dentro
peito do meu
que possa chamar-se coração".

Lembranças de Cabecinha no
Ombro... "Encosta tua
cabecinha no meu ombro e
chora..." e da resposta: "As
mágoas que eu sentia eu já
te contei, foi quando em teu
ombro eu chorei... Só peço
que leves pra longe esta saudade
e deixe entre nós a felicidade,
a felicidade porque
chorei de saudade..."

Ouçó o rádio nos meus dias
de ginásio, nos programas do
entardecer... Gosto de música
romântica sim, embora não saiba
cantar, nunca tenha feito uma
seresta. Quem canta esta canção
que diz da chegada do amante
ao ambiente de alegrias dourada
para recordar seus dias de
ventura em meio à solidão, à
tristeza do vazio que restou, e
então, num arroubo de ternura
mal contida, invoca a amada
para a reconstrução do paraíso?

“Revendo agora o meu jardim,
oh que tristeza enfim. As flores
que bailavam de alegria inspiram
só nostalgia do abandono cruel;
é tão grande a minha dor, o mal
que sinto é de amor... E as rosas,
tristes e envelhecidas pelo
abandono da vida, em perene
solidão, morrem murchando em
botão, despetalando pelo chão...
Volta, vem rever nosso jardim,
vem amor e nunca mais
te afastarás de mim!”

De certa feita, nos meus
dias de Recife, por mero
desfastio de uma tarde sem
graça, entro no Cine Trianon.
Filme: “Esta Mulher é
Proibida”, estrelado por Natalie
Wood. Bom enredo com intriga,
clímax e desfecho agradáveis
sobre a história mais velha do
mundo: a história do amor;
história de um amor que se
passa numa cidadezinha das
fronteiras do México com os
Estados Unidos. O que me fez
porém guardar o título do filme
e a sua trama não foi a estrela
— aliás, das melhores — nem
o enredo em si: foi a música
que servia de trilha sonora.
Muitos anos se passaram até
que vim a saber que o título
daquela música é Fronteira
do México: difícil me foi
encontrar o disco que a contém,
mas terminei defrontando-me
com um “Moendo Café” de Poly

e seu conjunto, que, além da
música tanto procurada, contém
tantas outras que nos trazem
ao presente os dias de glória do
Theatro 4 de Setembro e da
Praça Pedro II de moças aos
domingos circulando de braços
dados a se exibirem para tímidos
rapazes de cabeleira lustrosa de
brilhantina. Vim a conseguir
igualmente um trecho da letra
em versão portuguesa, trecho
que aí vai conforme a memória
de quem me passou:

“Foi na fronteira
do México, ao sul,
que ela surgiu trazendo no olhar
um novo céu azul...
Foi tudo mentira
nesse seu olhar
que hoje é saudade
que vem lá do sul.
Ao voltar ela disse
“eu te espero”.

vou viver na mais triste ilusão”;
ao voltar ela disse “eu te quero,
pois a ti eu dei meu coração”.

Ah, México de Agostinho
Lara, México de los Mariaques,
esses seresteiros gritadores, de
sombrosos altos, cheios de
ai-ai-ais e ariba, ariba! México
de Maria Bonita, de Jalisco, de
La Paloma, de Cielito Lindo!

E assim, convindo os jovens
das músicas inquietas de hoje,
dessas músicas que vieram da
vulgata espúria
vulgata espúria do belo jaz do
Harlem, que adotem um
comportamento musical mais

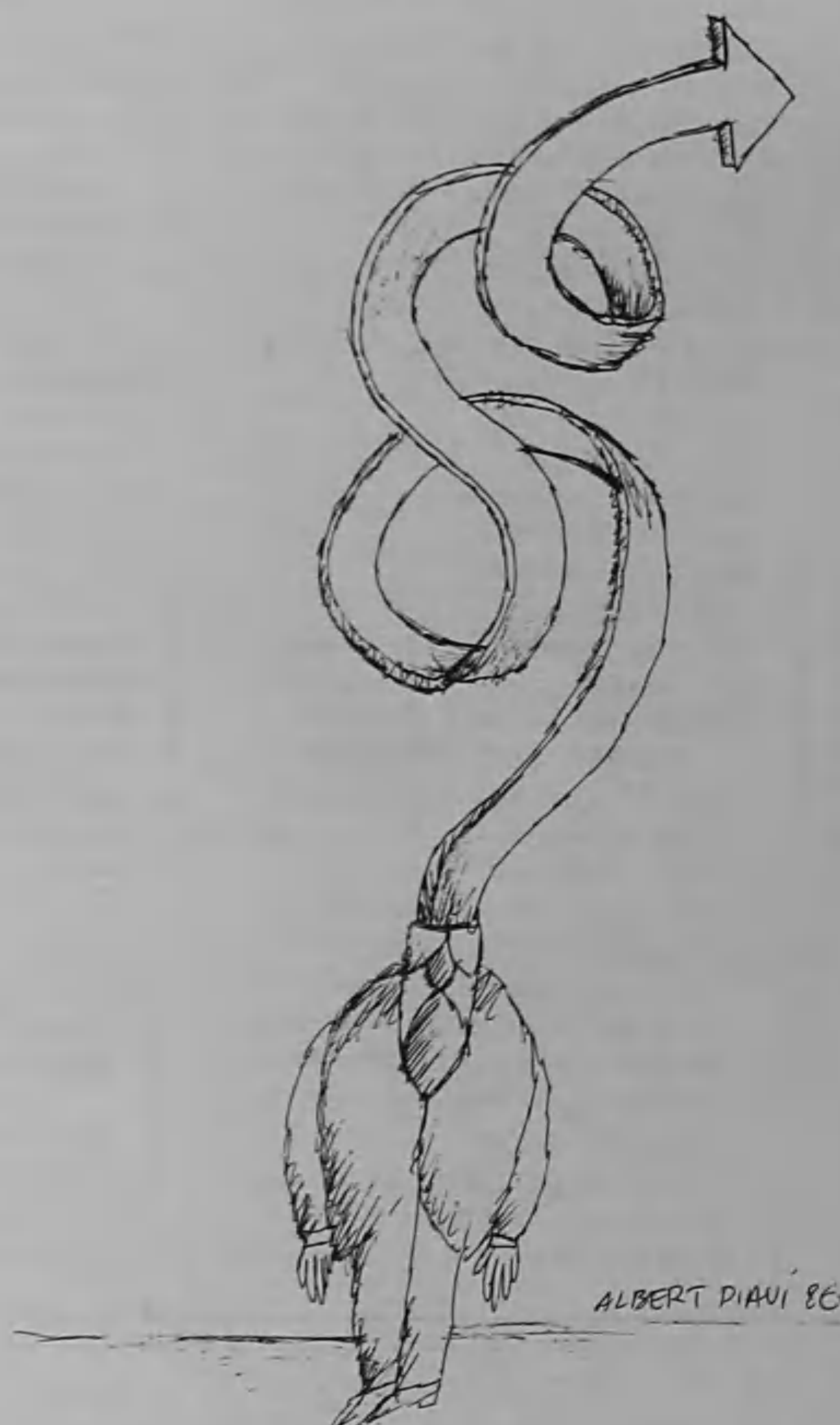
eclético e venham se quedar,
por instantes, sem essa
animosidade preconceituosa,
fruto da exaltação psicomotora
que lhes trazem os “metais
pesados” de Rock in Rio, e
considerem aqueles sons,
aquelas letras arrancadas do
fundo das almas transportadas
pelo grande sentimento da
humanidade de todos os tempos,
de todas as gerações: o amor
— satisfeito, frustrado, perdido,
esperançoso, desesperando...
— seja qual for a manifestação.

Sim, meus jovens: quando
estiverdes em qualquer uma
dessas “velhas” e eternas
situações, experienceis, ao em
vez da droga que alucina
percepções e embota a
afetividade desestruturando o
ego, experienceis essas
“músicas da vovozinha”;
vivenciando-as na surdina de
uma sala em penumbra;
experimenteis o lenitivo da
combinação de notas bem
executadas em instrumentos
harmônicos, ou de uma melodia
interpretada pela suavidade de
uma voz treinada a cantar os
solfejos da alma, quando
estiverdes abafados pela “fossa”,
ou exultantes ao
lado de vossa “gata”.

E o paraíso que em vão
buscais no embalo esfusante das
psicodélicas danceterias,
abrir-se-á para vós tão
docemente agora, como sempre.

Visite, em Campo Maior - PI
o Museu do Couro
e o Monumento do Jenipapo

COMPOSIÇÃO CRIADORA E PRÁTICA



M^a DOLORES TELES

As experiências vividas pelo aluno, o hábito da leitura e os recursos utilizados pelo professor em sala de aula são fatores que permitem a habilidade do escrever e, conseqüentemente, levam a criança a uma maior facilidade de organizar uma mensagem, desde a mais simples à mais complexa.

A leitura está intimamente ligada ao ato de criar, apesar de não ser sua única condição. Conhecem-se pessoas criativas, talentosas, e que, às vezes, sequer sabem ler. É o caso dos repentistas, por exemplo.

No entanto, quem tem uma visão de mundo, através da experiência pessoal e da leitura, habilita-se mais e mais a estruturar bem suas idéias, a concebê-las de maneira criativa e a revelá-las de modo coerente e expressivo.

Uma das mais importantes tarefas do professor de Comunicação e Expressão é a de proporcionar ao aluno a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo e sua habilidade de expressar-se por escrito.

Quando se diz "escrever"

não significa apenas o grafar das letras mas o aspecto criar idéias, selecioná-las, organizá-las, de maneira que expressem pensamentos, emoções ou simplesmente informem.

Isto, porém, não é trabalho fácil, porquanto se luta com uma série de empecilhos que bloqueiam a criatividade. A principal delas é a falta do hábito de ler. As crianças, os jovens e, mesmo os adultos, poucos lêem. Os professores, pouco lemos. Acomodamo-nos aos livros, textos já preparados e não recorremos a outros

mecanismos que possibilitam a dinâmica criadora. Alguma coisa, entretanto, já se tem feito no âmbito da sala de aula.

Alguns professores já procuram melhorar sua atuação quanto a este aspecto. O governo, também, procura ampliar os horizontes das crianças. Citem-se, como exemplo, o INL, dotando as escolas de livros e o que empresa privada — HOECHST — está fazendo com a sua "Ciranda de Livros".

Demonstremos com alguns exemplos como a leitura e a escrita mantêm um estreito relacionamento com o aspecto ideativo. A partir do texto, pode-se pedir ao aluno que escreva composições sugeridas por ele; invente e relate histórias sobre o mesmo tema; faça uma paráfrase do texto; dê continuidade a ele numa criação pessoal; realize pesquisas sobre o tema e outras atividades similares.

2 — A COMPOSIÇÃO

É na escola fundamental que a criança adquire os automatismos e as habilidades necessárias à expressão escrita. Escrever não é um dom nem privilégio de alguns. É um aprendizado longo, contínuo, dos bons autores e da prática constante de exprimir-se. Aprender a redigir é capacitar-se a superar as limitações da comunicação oral, segundo Jayme Barros. É escrevendo que se aprende a redigir. Ninguém aprende a redigir apenas usando as técnicas e os princípios vistos teoricamente. Mas decorre do automatismo adquirido pelo hábito de escrever. Se tirássemos todos os dias, pelo menos, 10 a 15 minutos para escrevermos o que pensamos, adquiriríamos o hábito de redigir. E se aquilo que antes nos parecia terrível, em face ao bloqueio de nossa mente diante de uma folha de papel em branco, tornar-se-ia algo fácil e natural. "Saber escrever é adquirir possibilidades amplas de participação social. (CÂMARA Jr., Mattoso).

Para o professor conseguir (e ele precisa ter o hábito de ler e escrever) que seus alunos expressem bem suas idéias numa

situação que envolva criatividade, não deve apenas sugerir títulos e esperar que eles discorram sobre o assunto. Há toda uma gama de recursos necessários ao ato criador, que vão desde o ambiente propício até o uso de técnicas específicas para tal. Por isso, ele deve possibilitar à classe: Experiência: qualquer pessoa escreve com maior facilidade desde que seja preparada para isso. Ver, ouvir, sentir, ler o assunto, possibilitam o surgimento das idéias e desbloqueiam a mente. Assim os motivos sugeridos pelos textos (contos e histórias), por observações feitas, por vivências em sala de aula e em casa, ajudam na evolução do processo criador. A troca de idéias, é um recurso importantíssimo nesse desenvolvimento, porquanto facilita o aparecimento de idéias novas a respeito do assunto. Destarte, novo título para a história, descrição ou introdução de personagens, novo ambiente, novo início ou novo final são estratégias que devem ser usadas sempre.

Comumente se usam dois tipos de composição: a criadora e a prática.

A primeira caracteriza-se pela espontaneidade e originalidade. Seu objetivo imediato não é o intercâmbio, mas a manifestação das emoções e dos sentimentos, enfim da auto-expressão. Como exemplo, tem-se as narrações de histórias, descrições, poesias, impressões, aspirações e outras.

Para desenvolver a composição, o aluno passa por alguns estágios. Inicialmente, ele dita a para o professor, partindo das frases soltas que irão se estruturando até formar o todo. Em seguida, o aluno copiará o texto ditado, se já adquiriu a habilidade da escrita. Quando já consegue, independentemente, estruturar suas idéias, ele deve ser ajudado pelo professor que poderá ler, contar história ou colocar fatos para o aluno desinibir-se. Num estágio mais elevado, ele fará sua composição independentemente e sem auxílio do professor. Neste caso, já adquiriu as habilidades

necessárias para desenvolver idéias próprias, podendo o professor utilizar outros mecanismos que dinamizem a composição do aluno.

Consideram-se como habilidades específicas da composição: riqueza, objetividade e originalidade de idéias; adequação do título ao texto; clareza e correção; pensamento lógico e sequenciado; vocabulário adequado.

Redigir ou compor um texto não significa apenas criar histórias ou descrever pessoas, objetos e fatos, mas qualquer ocasião em que o aluno expresse idéias, pensamentos e emoções, ou seja, qualquer atitude ou comportamento que denote criatividade através da escrita, deve ser considerado redação.

A composição prática é usada para atender a um motivo determinado, tem objetivos claros e definidos e obedece a padrões convencionais de linguagem e apresentação. O professor deve aproveitar todas as oportunidades surgidas na escola como reunião de grêmios, entrevista, visitas, aniversários, viagens, férias para levar o aluno a redigir ata, relatório, convite, carta, bilhete, aviso, telegrama, anúncios, propagandas; fora da sala de aula, aproveitar as propagandas de rádio e televisão, o trajeto da casa à escola e vice-versa, a leitura de jornais para elaborar reportagens, enfim ver o poder dos meios de comunicação para a redação de notícias e outros enquetes informativos.

A redação informativa leva o aluno ainda a preencher impressos de uso prático como formulários, fichas, cheques, etc. Nesse tipo de redação, o professor deverá fazer uma preparação muito cuidadosa, criar situações, mesmo sendo auxiliado pela convencionalidade das formas redacionais.

3 — COMO DESENVOLVER A REDAÇÃO CRIADORA

É importante o professor conhecer as características da idade das crianças com as quais trata, pois assim, melhor as conhecerá e terá condições para estabelecer uma ligação

mais forte com elas.

Via de regra, as crianças de 4ª série estão na faixa etária de 09 a 13 anos, salvo exceções. Como o professor trabalha com o real — classe numerosa, idades diferentes, níveis sociais diversificados — torna-se difícil para ele conjugar estas causas com o ensino eficiente da redação. Mas será prioritário para ele recorrer a meios mais dinamizadores para que realize, de forma satisfatória, este ensino. Deverá saber lidar com os interesses, por vezes diferenciados das crianças. Então, deve procurar identificar os gostos, aptidões e interesses e atendê-los na medida do possível, facilitando-lhe maior liberdade de expressão, apoiando-os quando falharem e reforçando-lhes os comportamentos criativos. É neste período (4ª série) que elas estão mais maleáveis. Sentem a necessidade de explorar suas potencialidades e demonstram capacidade para os desafios. Gostam de aventuras, pessoas reais, heróis, viagens, explorações e sua imaginação criadora intensifica-se. É o momento da fase da leitura e é aqui que o professor deve descarregar sua maior atenção, procurando revigorar esse gosto, que algumas já apresentam e despertar noutras esse desejo. Para isso, ele poderá valer-se de técnicas que proporcionem os desbloqueios gerados pela própria conjuntura ambiental.

A fim de cultivar-lhes o gosto pelas boas leituras, inicialmente, o professor deve utilizar-se da audição de:

- estórias, sem observar ilustrações, para responder a perguntas que levem a formar idéias mentais; gravuras
- músicas, poemas, coros falados, dramatizações;
- programas de rádio e televisão para discussão posterior;
- relatórios, entrevistas, recados, anúncios, propagandas;
- leitura de textos;
- leitura de parágrafos para seleção de melhores conclusões;
- informações para os pais, avisos para os colegas, notícias de jornal (jornal falado);

- sons da natureza, identificando-os, para, posteriormente, reproduzi-los, com o objetivo de expressar emoções e sentimentos, apreciar imagens e analogias, adquirir informações, seguir instruções, tomar notas, identificar idéias, relatar fatos e enriquecer seu vocabulário e ainda distinguir fato de ficção e comparar o material apresentado com o que ele conhece sobre o assunto. Estas atividades lhes darão a fluência necessária para expressar-se oralmente, obedecendo a uma sequência lógica das idéias.

Leitura em livros e jornais para:

- anotar numa linha de tempo os fatos ocorridos dentro de determinado período;
- registrar em sequência, fases de uma experiência vivida;
- relacionar palavras ou expressões que nos fazem ver (nuvens escuras, ondas espalhando-se suavemente na areia) sentir cheiro (um ramo de rosas, acarajé fritando) sentir gosto (suco de tamarindo) sentir formas, texturas (o pelo macio de um gatinho) sensações de que os textos em prosa e verso são preciosos;
- distinguir entre fato, ficção e opinião;
- buscar informações e tirar conclusões;
- exercitar respostas a questões como:

Você gostou dos personagens ou não? Por quê?

E outras

- estabelecer comparações entre comportamentos diversos dos personagens para concluir qual o mais ou menos aceitado.

A leitura de estórias, fábulas, lendas, de vultos históricos, de ficção científica e de quadrinhos é um rico cabedal que vale a pena explorar.

Para levar seus alunos a inventarem estórias, o professor poderá explorar recursos tais como:

- gravuras, com sequência simples, apresentando uma estória completa, com dois ou três fatos;
- gravuras apresentando estórias mudas mais complexas;
- gravuras que contenham dois ou três movimentos, deixando o último para a criação do aluno;

- gravuras de sentido incompleto, sugerindo apenas uma cena da estória;

- duas ou três palavras interessantes que animem a criança a imaginar uma estória
- o preenchimento de lacunas em uma estória, com o banco de palavras.

- organização, em grupo, de uma estória, dada em fichas;

- joguinhos de armazém, para em seguida, escrever a estória;

- dando o início da estória para ser desenvolvida ou concluída;

Ex: Quatro crianças vão a um baile de carnaval. Usam máscaras, pintura no rosto, pois querem aquela brincadeira...

- títulos sugestivos (Você me conhece?) para caracterizar personagens.

- colocar em fichas ou quadro de giz fatos ou experiências para os alunos comporem a estória (grupo);

- Adivinhe quem sou? (grupo).

O professor inicia caracterizando o animal, árvore, fruto, flor para os alunos terminarem a descrição. Em seguida, cada grupo lê sua composição e os outros procuram descobrir quem é o ser descrito (caracterizado).

Este trabalho pode, também, ser feito com o professor colocando as características do ser em questão, num envelope, sorteia entre os grupos e os alunos reuni-las-ão em forma de composição. Como se fosse um quebra-cabeça.

- criar situações em que o aluno possa externar suas idéias, fazendo um bilhete, dando um aviso ou outra informação. (Um menino aprontava-se para viajar. Como não poderia levar o seu cãozinho, teve uma idéia: deixá-lo em casa do vizinho. Mas este ainda não havia chegado da escola e por isso lhe deixou um bilhete).

- criar situações — problemas para o aluno lhes dar soluções.

Ex: Dois alunos querem atravessar um riacho, cujo leito está cheio de espinhos. Um está descalço, o outro possui um par de tamancos (ou chinelos). No meio do riacho o que está descalço pára, aflito, porque está com o pé

ferido. (Que fazer? pensa o que está calçado). Aí pode-se deixar a solução por conta do aluno.

O professor, se quiser e achar conveniente, pode sugerir algumas soluções. Por exemplo!! O que está calçado pede ao companheiro para esperar e jogar-lhe os tamancos depois que ele chegar a outra margem; ou então dá um para o colega e ambos procuram atravessar o riacho o melhor que podem; ou ainda não se importa com o colega e segue.

- colocar em envelopes e distribuir em grupos quadrinhos desordenados para serem organizados, sequencialmente, escrevendo os fatos;

- recortes de revistas ou jornais para serem utilizados em paráfrase. Pode-se também usar fábulas. (A raposa e o corvo; A formiga e a cigarra, etc.).

- composição esquematizada para explorar o vocabulário de uso corrente do aluno. Esta composição parte da sugestão de palavras — chaves ditas pelos alunos. Após isso, seleciona-se, com a ajuda das crianças, uma palavra-chave, que motivará a redação e que será seu título. Depois, procede-se ao levantamento de palavras do mesmo campo semântico.

Por último, os alunos montarão sua composição, utilizando o maior número possível de palavras;

- redação por imitação;
- redação a partir de poesias e textos;

- autobiografia;
- composição de histórias em quadrinhos;

- confecção de um aviso, anunciando uma atividade interessante que será realizada em sua classe e convidando os colegas das outras classes para tomarem parte. Ilustrar o aviso;

- transformação de uma história em notícia de jornal ou vice-versa. Colocar a manchete;

- transformação do trecho mais emocionante da história em manchete jornalística;

- transformação de uma história em redação telegráfica;

- paráfrase. A paráfrase pode ser feita com a mudança de todas as frases (substituição de nomes); inversão por parágrafos (ou de frases); reestruturação;

- o texto — livre (Freinet)

Para concluir, digo-lhes que, embora as crianças apresentem diferenciações ou níveis quanto à sua criatividade, todas elas podem ser originais se o professor lhes oferecer condições para desenvolverem seu espírito criador. E para isso ele precisa saber que a liberdade de expressar-se não pode conviver com o autoritarismo e a repressão. O professor deve crer na capacidade criadora de seus alunos, acolher com entusiasmo suas manifestações criativas, aceitar, sem censuras

a sua imaginação e também suas limitações, não enchendo as suas cabecinhas de pavor quanto às possíveis consequências futuras do que escrever. Não encher os seus cadernos de vermelho, mas circular as idéias originais e elogiá-las. Lembre-se o professor de que o aluno gostará ou não de escrever no futuro, dependendo do estímulo ou ajuda que lhe for dada no 1º grau.

Técnicas de Criatividades

- Levantamento de idéias mesmo que sejam absurdas.

- Regras

- 1 — A pergunta deve favorecer o pensamento criador

- 2 — Não valem críticas;

- 3 — Elas devem ser anotadas

- 4 — Discutir as melhores idéias

- Instruções:

Estas devem ser dadas antes do jogo

- Que você faria se fosse uma andorinha?

- Que faria você com tampinhas de garrafas já servidas?

- Para que serve um triângulo?

- Uma cobra tem muitas utilidades. Quais?

- Se você estivesse sozinho no mundo, que faria?



Gerda's

LENA MONTEIRO

UM EXEMPLO DE CULTURA E DEDICAÇÃO



CHICO CASTRO

Mantivemos um contato com a atual Presidente da PIEMTUR. Foram poucos minutos de uma conversa agradável onde sentimos a força, a beleza e a cultura de uma mulher que soube marcar o seu nome de uma forma indelével nos meios culturais piauienses. Lena Monteiro de Carvalho, ou simplesmente Lena, nos recebeu com aquele sorriso que lhe é característico, com aquele jeito amável de quem sempre está disponível a falar e a ouvir, e com a dedicação e ternura de quem espera um retorno. O seu trabalho como Subsecretaria da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí, foi um dos mais fecundos e inquestionáveis. Ela recebia a todos, discutia, analisava, resolvia. Mú-

sicos, poetas, pintores, jornalistas... enfim, todos tinham em Lena Monteiro, um apoio e uma garantia de reconhecimento pelo trabalho desenvolvido em prol de nossa cultura. Fomos direto ao assunto. Perguntamos pelos seus planos, seus projetos e suas idéias de como incentivar o Turismo no Piauí. Levantando um pouco a cabeça e nos encarando, Lena respondeu: "Nós temos que levar em consideração que o Turismo repousa em três elementos básicos: o cultural, o social e o econômico. Nesses três fatores é que nós temos que desenvolver uma programação da PIEMTUR. Até então, me parece, que a PIEMTUR é vista como um Órgão que promove eventos, ou seja, ela está muito ligada a parte de animação turística, e

nós devemos ver a PIEMTUR com uma finalidade muito mais ampla. Trata-se de uma empresa pública, uma empresa estatal, vinculada à Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, mas com uma autonomia administrativa e financeira. Sendo assim, teremos que contar com o apoio não só do Governo — porque como é essencialmente interdisciplinar, ela precisa de apoio de todos os segmentos da sociedade. Ela precisa do apoio da Secretaria de Cultura, apoio da Indústria e Comércio, da SEPLAN, do apoio da Secretaria de Obras, em suma, ela precisa do apoio do Governo como um todo. Só assim ela pode desempenhar um papel dentro da comunidade. A própria comunidade teria que repensar e pensar na sua participação como

divulgadora do seu Estado O que está muito ligado ao turismo é a preservação do patrimônio natural. Fiquei muito feliz, porque o dia da minha posse foi o Dia da Ecologia, a Semana do Meio Ambiente. E falando nisso, nós temos que preservar o nosso meio, nós temos que preservar as nossas potencialidades naturais e, fazer daí, um interesse turístico. Não só um interesse turístico, como para preservar a nossa própria identidade. A preservação do patrimônio arquitetônico, é importantíssima também. Todo mundo que se desloca por mais de 24 horas, embora com finalidade de estudo ou trabalho, aproveita seus momentos de ócio, entre o trabalho ou o estudo, para conhecer a região que ela se encontra. Então, não interessa a nós, ter um Brasil unificado, todo mundo igual, cultura igual. Nós temos que preservar a nossa cultura para que essa diferenciação seja acentuada, embora não isolando do restante do Brasil, mas termos as nossas peculiaridades. Então, a uma pessoa que venha do Rio de Janeiro interessa comer uma comida típica. Ela vai querer comer aqui no

Piauí, Maria Isabel, paçoca. Então interessa a PIEMTUR, que a cultura seja um bem de consumo na atividade turística.

Finalizando, Lena falou sobre a forma de aumentar o fluxo de turistas e pediu como amante de nossa cultura, que o nosso povo procure se conscientizar e respeitar as nossas potencialidades naturais. "Nós temos dois caminhos. Um técnico — seria aquele de que só pode haver turismo nos lugares onde há uma infra-estrutura adequada à necessidade do visitante. Então nós teríamos de fomentar no Piauí a iniciativa privada no sentido de que houvesse mais hotéis, mais serviços básicos, agentes de viagem, transportadoras... enfim, uma infra-estrutura que pudesse servir ao visitante. Por outro lado, se nós fôssemos esperar só essa realidade, pode ser que ela se demore bastante e o Piauí continue nos arquivos. Nós temos potencialidades enormes aqui no Piauí. Nós temos Sete Cidades que é fenomenal! Um encanto para qualquer pessoa que se interesse por arqueologia. Nós temos na zona litorânea uma das faixas mais belas deste Nordeste.

Nós temos a nosso favor o sol, 280 dias de sol perene! Isso é raro no sul, com estações definidas de inverno e verão, e algumas cidades do Nordeste, mesmo nesse período que nós temos o sol brilhante tem chuva e muito vento. Temos a região Sul do Estado belíssima! Com poços jorrantes, com uma vegetação esplêndida! Então nós temos que despertar o interesse do turista para essas potencialidades. E, aí, um forçaria o outro. Com a chegada de pessoas para ver isso, a rede hoteleira se ampliaria com mais intensidade. Temos que tentar esses dois pontos. Se um não der certo, vamos tentar o outro. É preciso que o piauiense se conscientize de que sua cultura é única e que merece o maior respeito, merece ser preservada e divulgada, para que as pessoas aqui chegando sintam esse respeito pela cultura, pela preservação e pela manutenção".

Acreditamos, que o trabalho de Lena Monteiro de Carvalho à frente da PIEMTUR, será mais um marco, mais uma passagem digna de quem acredita na força, na beleza e na cultura, do povo piauiense.

COLABORAÇÃO PARA A PRESENÇA

As colaborações destinadas a publicação na
REVISTA PRESENÇA deverão chegar a sua redação
até o dia 30 de novembro de 1986

Praça Deodoro nº. 816 - Centro 64.000 — Teresina — Pi — Brasil),

**Temos o maior interesse em contar com as mais diversas
colaborações culturais.**

A EDITORIA

Gerard's

O CARNAVAL EM PARNAÍBA

Humberto de Campos, escritor brasileiro que percorreu todos os gêneros literários, com esmero e dedicação, foi eleito em concurso público, o "Príncipe dos Prosadores" Brasileiros. No dia 25 de outubro completará cem anos de nascimento, maranhense de Miritiba, passou parte da sua infância e adolescência na cidade piauiense de Parnaíba, mudando em seguida para São Luís, Belém e Rio de Janeiro onde se tornou um dos mais importantes e respeitados escritores brasileiros. Pertencia à Academia Brasileira de Letras e foi Deputado Federal.



HUMBERTO DE CAMPOS

Carnaval! Carnaval! Porque haverá da minha parte, por ele, esta indiferença irremovível? Por que me paga ele essa indiferença com um desprezo frio e superior? Procuro em mim mesmo as origens dessa antipatia recíproca e mal disfarçada, e vou encontrá-las na minha infância de menino solitário, órfão e pobre, jamais convidado para tomar parte nas festas alheias.

O Carnaval do meu tempo, na terra em que passei a parte mais interessante da minha infância, não reservava aliás, lugar para as crianças. Era bruto e sem graça, e não se assinalava senão pela violência do entrudo. O mais antigo de que

me resta lembrança é o de 1894, em Parnaíba. Grupos de rapazes inteiramente molhados, percorrem as ruas, tendo ao lado uma sacola de anilina. Dirigem-se de preferência, às casas em que há moças. À sua aproximação, as portas se fecham, e são reforçadas, por dentro, com as trancas de madeiras e com os ferrolhos mais seguros. Eles forçam, porém, as janelas, ou pulam as cercas e os muros, e caem de assalto sobre a família toda. Velhos e moços, patrões e criados, são arrastados para junto dos poços ou dos barris d'água, e o banho é completo, com o sacramento de alguns punhados de anil ou de anilina. Velhas contas são liquidadas nesse dia. Ameaças de um ano inteiro são cumpridas

nessa hora. E melhor se compreende essa fúria, refletindo que é esse o único dia em que são permitidos certos contatos, sentidos na luta corpo a corpo entre rapazes e moças, e a ocasião única em todo o ano, que os olhos desvendam ou, melhor, adivinham, certas plásticas através dos vestidos que a água ajustou aos contornos. Para escapar à ferocidade dos atacantes, os mais espertos se metem na cama embrulhados, simulando enfermidade grave. Mas são arrastados assim mesmo, de gorro e camisolão, para junto do poço no quintal ou para junto do barril no banheiro, e, aí, batizados, debaixo de gritaria. A família atacada defende-se heroicamente com a tísna das

panelas. Se as moças são muitas, e às vezes se reúnem para isso, agarram um dos invasores, puxam-no para a cozinha, e de tal modo sai ele de lá que parece ter descido pela chaminé, tamanha é a camada de fuligem que traz na cara e na roupa molhada. Refugiadas em um canto da casa, as crianças gritam, choram, sapateiam, apavoradas com a presença daqueles demônios negros que lhes querem destruir os parentes.

Em 1895 o entrudo sofreu uma alteração considerável, recomendada pela moralidade dos costumes. Para evitar os atritos, as lutas corporais que tanto preocupavam os pais e maridos, instituiu-se o chuveiro. O chuveiro era um canudo de lata, medindo um metro, às vezes mais, de comprimento, e com a forma de uma seringa de injeção. A sua propriedade consistia em manter o entrudo à distância. Com ele o folião lançava o jato d'água por cima das janelas mais altas inundando as salas, e perseguia a presa, seringando-lhe a carga do chuveiro, aplicando-lhe, assim, um banho, sem o recurso do atracão. Mas o regime do chuveiro durou pouco, porque em 1896, o limão de cheiro, ou cabacinha, dominava inteiramente o carnaval parnaibano.

O limão de cheiro representa uma conquista considerável no entrudo carnavalesco, em todo o Norte. A emigração para a Amazônia, de onde os rapazes mandavam às famílias rígidos blocos de borracha, facilitava grandemente o surto da indústria. Não havia casa, então, em que não se trabalhasse nervosamente no preparo desse amável engenho de guerra. Sentados em torno à mesa de jantar, ou, no chão, sobre uma esteira de carnaúba, moças e senhoras entregavam-se alegremente à confecção dos limões. No centro da mesa ou da esteira, grandes bacias com água colorida, vermelha uma, verde outra; esta azul, aquela roxa ou amarela, a que se adicionava um pouco de perfume. Com um canivete afiado, cortavam-se as lâminas de borracha. As moças de bons dentes mordiscavam então a orla dessas lâminas,



prendendo-as, fabricando dessa maneira pequeninas bolsas. Com uma seringa, outras as iam enchendo de água anilada e cheirosa. Com os dentes, fechava-se o orifício. E estava pronto o limão de cheiro, o qual, posto à venda, custava precisamente... um vintém!

A produção era enorme, mas as encomendas ainda eram maiores. Por isso, formavam-se grupos de rapazes, que compravam os limões de cheiro desde alguns dias antes, e os conservavam em bacias com água. Certa vez, mesmo, um dos grupos mais fortes acumulou alguns milhares deles, que ficaram guardados em um quarto do hotel Borges, no largo da matriz. As moças das vizinhanças souberam, porém, dessa provisão, e, penetrando nesse quarto, furaram todos os limões com alfinetes. E quando os foliões chegaram para prover-se, não encontraram senão algumas bacias de água colorida! Por esse tempo, havia sido inaugurado o entrudo a cavalo. Cidade arenosa, e então sem calçamento, Parnaíba oferecia uma resistência feroz a quem pretendia percorrê-la a pé. Os rapazes, os mais elegantes transferiram-se, assim, da infantaria para a cavalaria, levando a tiracolo vastas sacolas com limões de cheiro, com os quais travavam combates com as moças, que respondiam com

os mesmos projéteis, debruçadas nas janelas. Como as casas da cidade eram quase todas caladas, é de imaginar como ficavam as frontarias brancas, após uma lavagem de anilina. Em 1900 ou 1901 apareceu, finalmente, o confete, que ali chegou, pelo correio, em um pacote de dois quilos, mas teve, de pronto, imitação, em outro, de forma triangular, feito a tesoura com papel áspero e colorido. Referiam os rapazes espirituosos da cidade que a primeira partida de confete que foi ter a Parnaíba, era de cor amarela e teve um destino inesperado. A família que o recebeu supôs que se tratasse de estrelinhas para sopa, e tomou-a toda no jantar.

Quanto ao Carnaval propriamente dito, só me recordo de ter visto, nas ruas, indivíduos fantasiados de alma e de morcêgo. Certa vez formou-se um cortejo de cavaleiros fantasiados. O tumulto foi, porém, tamanho, que a cavalcada não saiu da rua Grande. O Zé Pereira, porém, nunca faltou, com toda a fúria de seu bombo e de seus metais.

Quanto a mim, só me fantasiei, em toda a minha vida, uma vez, sem contar as que, depois, me apresentei em público metido no fardão da Academia. Foi em 1898, se bem lembro, tinha feito onze anos, e arranjei, para vestir-me, uma calça velha de um dos meus tios, cujas bainhas dobrei como pude. Um paletó velho, que me vinha quase aos pés, umas botinas de homem, e um chapéu de carnaúba, completavam minha elegância. No rosto, uma feia máscara, de quatrocentos réis. À mão um chiqueirador. Saímos, eu e uns seis ou sete molecotes, da casa de uma lavadeira à rua do Igarapé. Assim, porém, que cheguei à rua senti uma vergonha tão grande do meu ridículo, assaltou-me de tal maneira a consciência da minha falta de espírito, ameaçando todo mundo com o meu chiqueirador, que ao chegar na esquina voltei na carreira, retomando o meu vestuário comum. E nunca mais me meti em outra aventura que me desfigurasse a individualidade — exceção feita dos três anos e tanto que andei fantasiado de deputado.

Apesar de não morar no Piauí, e portanto, não estar atualizado com tudo o que se escreve sobre História do Piauí, creio que esse campo da pesquisa, exploração e investigação ainda apresenta grandes lacunas e escasso material de consulta. Afora os escritos e livros do Professor e historiador Odilon Nunes, geralmente referentes à História do Piauí anterior à República, e a outros estudos esparsos, referentes à História, Sociologia,

LACUNAS NA HISTÓRIA MODERNA DO PIAUI

ELIAZAR MOURA

Martins Napoleão, considerado o maior intelectual do Piauí, em sua época e cuja obra literária é pouco conhecida, praticamente desconhecida do público leitor. A revista "Voz do Estudante" publicou belos artigos de sua autoria. Os poetas Celso Pinheiro e Moura Rego merecem estudo e destaque. O Padre José Luís Barbosa Cortez, possuidor de vasta cultura geral; professor e intelectual. Clemente Fortes: homem culto, inteligente, intelectual, literato.

Antropologia e Arqueologia: pouco se tem escrito. Principalmente sobre a História deste século, já no período republicano, até os dias atuais.

É necessário que os especialistas e pesquisadores em assuntos históricos produzam e publiquem trabalhos sobre a História "Moderna" (melhor dizendo, Contemporânea) do Piauí, fatos ocorridos no nosso século XX, em décadas passadas mas que merecem registro e referência. Seria fazer a crônica histórica.

Na minha opinião, muitos assuntos merecem estudo mais aprofundado e maior divulgação nos meios universitários e no meio intelectual do Estado.

A passagem da Coluna Prestes pelo Piauí, as batalhas de Uruçuí e Teresina, a permanência desses revolucionários, durante muitos dias, em Floriano, aonde foi instalado o Q.G. revolucionário, com a presença dos principais líderes desse movimento (Luís Carlos Prestes, Miguel Costa, Juarez Távora, João Alberto, Siqueira Campos, Djalma Dutra, Cordeiro de Farias, Lourenço Moreira Lima — secretário, historiador, cronista e escrivão da Coluna — e muitos outros), o saque e evacuação da cidade, os comícios e a publicação de jornais nessa cidade. A passagem por Amarante e grande parte do interior do Estado. Em Amarante permaneceram por vários dias; houve saque, evacuação e tumultos e também a presença dos principais líderes revolucionários. As lutas, batalhas e entendimentos, em



Teresina. Esses episódios foram registrados no importante depoimento histórico de Lourenço Moreira Lima, em seu livro: "A Coluna Prestes, Marchas e Combates", da Editora Alfa-Ômega, de São Paulo, 1979.

Os movimentos revolucionários ocorridos no Piauí: comunistas, integralistas, anarquistas, democráticos e outros, também merecem estudo aprofundado. Houve um episódio histórico-político, em que um cabo do exército foi Chefe do Governo, por alguns dias. As lutas políticas, as campanhas memoráveis, o lendário e comentado período da administração do Interventor Landri Sales. O governo do Interventor Leônidas de Castro Melo, no período do Estado Novo, muito criticado pela oposição da época mas que foi de muito progresso para o Piauí.

Também o ambiente cultural e intelectual do Piauí, em décadas passadas, principalmente entre as décadas de quarenta a sessenta, merecem referência e estudo histórico, notadamente em Teresina e Parnaíba.

professor. Era professor de Direito, Literatura Brasileira e Português e foi membro da Academia Piauiense de Letras. Foi um dos homens cultos do Piauí, na sua época. O professor Antonio de Castro (Tonhã) destacava-se como filólogo: tinha conhecimento profundo de latim, português, gramática histórica, língua tupi-guarani, dialetos africanos e história geral. O professor João Soares, um dos melhores professores de português e gramática histórica que o Piauí teve. O professor Cláudio Ferreira distinguia-se como estudioso do latim, português, francês, espanhol e outras línguas; era humanista e filósofo. Amandino Nunes; inteligente, culto, idealista político, orador, advogado brilhante, professor; revelava-se como um dos intelectuais de sua geração. Luís Mendes Ribeiro Gonçalves; engenheiro, político, orador, homem de letras e possuidor de vasta cultura geral.

Na oratória política, na década de quarenta, destacavam-se os nomes de Arimathéa Tito (Pai), Simplício Mendes, Mirocles Campos Veras (de Parnaíba), Leônidas Melo, Joaquim Lustosa, Valdemar Leal, Luis Mendes Ribeiro Gonçalves e muitos outros.

A revista "Voz do Estudante", do Ateneu Piauiense, depois Ginásio Leão XIII — Grêmio Literário Da Costa e Silva — e a revista "Zodíaco", do Colégio Demóstenes Avelino, devem ser lembradas como órgãos de estímulo e incentivo à cultura piauiense.

FELINTO MOREIRA

DEDICAÇÃO E AMOR AO TRABALHO

A 15 km de Amarante existe um povoado por nome TUCANO onde a área, em quase toda sua extensão, pertence ao sr. Felinto Moreira. Falei com a Sônia Cunha e Silva sobre a possibilidade de fazermos uma reportagem enfocando a vida dos trabalhadores da cana que residem na propriedade. O que me fez pensar nessa reportagem foi a perseverança, a resistência e dedicação do sr. Felinto Moreira, um dos poucos na região que ainda acredita no resultado de um trabalho de destilaria (fabrico de aguardente). Felinto Moreira Ramos, casado com Celestinda de Carvalho Ramos, tem 78 anos e é pai de nove filhos — sendo dois homens e sete mulheres. Só três moram fora do Estado: Luís Moreira Ramos que é gerente de um Banco na cidade de Ingá (Paraíba), Maria Zélia Moreira, enfermeira, residente em Belo Horizonte e Eduardo Moreira (geólogo), residente em Natal-RN. "O último mencionado, foi uma homenagem ao Brigadeiro Eduardo Gomes por quem sempre nutri uma grande admiração". Disse sorrindo o Sr. Felinto. O início das atividades foi em 1930, quando a firma era Moreira E. T. C. Irmãos. Hoje a firma é TUCANO AGROINDUSTRIAL LTDA. "Antigamente nós fabricávamos mais rapadura, a cachaça era apenas para aproveitar o resto da moagem. Naquele tempo, na década de 30 e 40, praticamente não existia açúcar em Amarante e muito menos café moído.

As pessoas compravam a rapadura, torrava o café, pilava no pilão. O café era forte! A saída da rapadura era uma coisa formidável! Aqui perto existiam vários sítios que foram à falência quando apareceu o açúcar refinado. Eu lutei alguns anos e desisti dessa produção, passando para a cachaça. Todos os meus filhos foram educados com o lucro obtido das atividades do sítio. Nunca precisei vender uma rês para pagar os estudos deles. Os meus filhos

eram ótimos alunos! Não estudavam para passar e sim para tirar o primeiro lugar. Um exemplo é a Dr^a Deusa Moreira, bastante conhecida em seu trabalho como pediatra. Certa vez recebi, ao mesmo tempo, três cartas de filhos pedindo dinheiro. Eu já tinha pago os trabalhadores e liquidado outros débitos, de forma que eu me encontrava sem dinheiro algum. Minha mulher era muito preocupada: "Felinto e agora?". Eu disse que Deus dava um jeito. Era preciso me dispor de algum

animal, vender qualquer coisa. Eu não queria, mas era o jeito. Quando eu estava imaginando, ouvi ao longe um chocalho. Mulher, o dinheiro vem vindo! Tratava-se de Amaro Paçoca, comprador de cachaça. Naquele tempo se transportava cachaça em ancorêtas, nos lombos dos animais. O meu maior comprador de aguardente, atualmente, é um filho do Amaro Paçoca. Era um homem decente, comprou, pagou, eu enviei o dinheiro para os meninos e ainda

sobrou". Com uma produção diária de 400 a 480 litros, o sr. Felinto deseja chegar a 1.000. Para isso ele está investindo em novos equipamentos. Ainda é uma coisa meio artesanal, mas já se sente o progresso, principalmente em se sabendo que antigamente (até bem pouco tempo) o trabalho de moagem era realizado pela força animal (Engenho de Madeira puchado por bois). Além dos 50 hectares de cana-de-açúcar (antes era 100), existe o extrativismo vegetal e a agricultura. Sendo que da última o produto que se sobressai é o arroz que atinge os 1000 kg anualmente. O babaçu, conforme "seu Felinto", é mais aproveitado pelos agregados. "Eles colhem e me vendem com um abatimento de 20%. As vezes, alguns, nem isso fazem. Pegam o coco, quebram e vendem em Amarante ou Regeneração. Tenho vinte e dois agregados trabalhando livremente, sem pagar renda de forma alguma. Talvez, por isso, a maioria deseja trabalhar na base da diária. Eu só tenho dois trabalhadores ganhando por mês e utilizo quinze na destilaria. Tem gente que chegou menino e hoje está aposentado. Certa vez um morador saiu depois de trabalhar muito tempo. Ele me perguntou quanto me devia... que queria pagar e viajar imediatamente para Parnarama. Eu disse que ele não devia nada e ainda lhe dei 200.000 réis. Depois de uns quatro anos, eu ia chegando no sítio e vi aquela pessoa sentada. Como vai rapaz? O quê deseja?

Era o morador que tinha saído. "Seu Felinto, eu vim saber se o senhor ainda me quer?" Eu lhe respondi que a casa ainda estava do jeito que ele deixou. Eu sabia que ele voltava (riu-se). Eu acho que um morador é como um filho, ele não deve ter medo do patrão. Sempre fui contra o regime de opressão.

Antigamente aqui na vizinhança, os empregados eram tidos como escravos ou bicho bruto. Os proprietários maltravam bastante, por qualquer coisa. Certa vez, um morador que vivia sendo espancado pelo Benedito Gramoza e era meu afilhado, conseguiu fugir e me

pediu ajuda. Eu não queria me envolver, mas, depois de ver os maltratos, resolvi ficar do lado do pobre moço. Pouco depois chegou o Benedito com dois capangas. "Felinto, eu vim buscar o homem!"

Eu disse que o homem não estava com vontade de ir e que também não iria à força.

"Então você me paga o que ele me deve". Pago desde que a conta seja certa. Agora você vai ter que pagar todo esse tempo que ele trabalhou na sua terra. Se esse homem não tem nada é porque nada você deu pra ele. Então vamos fazer as contas, saber quem está devendo! Ele virou o cavalo e foi embora. Eu trato bem a todos. Arranjo até trator para transportar a mandioca no tempo da farinhada. Isso sem receber nada em troca.

Dinheiro, eu empresto sempre. E tem uma coisa: Eu não guardo conta de um ano para outro. Se o meu agregado não conseguiu liquidar o seu débito naquele ano, eu perdoo a dívida".

Perguntamos aos moradores do povoado Tucano sobre o depoimento do Sr.

Felinto, eles confirmaram tudo. Joaquim, agregado antigo, disse que Felinto Moreira é uma espécie de pai. "Tudo que precisamos ele ajuda. Não penso em sair daqui tão cedo". O sr. Felinto, em sua luta, tem uma companheira forte — Jardilina Moreira, agrônoma, filha caçula, que mora no sítio e é responsável em grande parte pelo sucesso do empreendimento.

Depoimento a Odílio Queiroz
Amarante - PI

TEATRO PIAUIENSE: A HORA DA GRANDE CENA.



Cena da peça *Auto do Corisco*
de Aci Campelo

Aci Campelo

Foram muitos anos na batalha. Uma luta lenta, gradual, firme e persistente, em busca de uma freche de luz que iluminasse a grande cena. Tempo também de porra-louquice, burros n'água, muitos erros e muitas desistências, mas, também, tempo de construir curtindo a argamassa e sedimentando tijolo a tijolo, tendo plena convicção, uma certeza absoluta, de que o pano a qualquer momento abriria e cada artista estaria com sua cabeça,

seu personagem e seu texto pronto para enfrentar a distinta platéia de qualquer teatro ou espaço cênico do nosso imenso país. Tanto ufanismo assim torna-se necessário uma pergunta: O Brasil descobriu o teatro piauiense ou o teatro do Piauí descobriu o Brasil?

Na verdade essa coisa de ir e vir a tantos Estados, participando de tantos congressos, tantos seminários e tantos festivais de teatro é uma

prática não nova na classe teatral do Piauí. Rapidamente é quase impossível enumerar quantos eventos se tem comparado, termina-se esquecendo algum, mas é bem verdade que agora viajar não se trata apenas do Piauí está presente ou de se querer foliar ou reencontrar a turma em algum lugar do Brasil, pois está caro viajar. Agora seleciona-se, prepara-se, recebe-se convites e vai-se. Também, não se trata mas ir, mostrar e voltar com o rabo entre as pernas, agora é ir, mostrar, questionar, inquirir e, se possível, vencer. É assim que está acontecendo, por que também durante todo esse tempo de recolhimento, de suposta humildade para alguns, de um silêncio irritante para outros, era tudo aprendizagem constante, numa revolução interior muito grande, corpo a corpo com os pares tentando a organização, a disciplina e a confiança, e tudo num autodidatismo de roer entranhas. Nada caiu das nuvens, o mérito é de cada artista, cada grupo, que ousou lançar-se de peito erguido em busca de seu objetivo.

Não sabemos o quanto se pode delimitar um tempo para a arrancada. O certo é que foi a partir da Mostra de Teatro-85 que as coisas começaram a andar a passos largos. A Mostra-85, apesar de tudo, foi um referencial de espetáculos e de público, já que com o bom nível dos espetáculos apresentados o público compareceu em grande

número ao teatro, chegando a lotar várias vezes suas dependências. Na premiação da Mostra a descoberta de novos valores: diretores, autores, atores, atrizes, cenógrafos, etc. Logo em seguida veio a Semana "Chico Pereira" idealizada por Tarciso Prado, revelando a obra do grande dramaturgo piauiense até, então, desconhecida no próprio Estado. Foram duas peças montadas, "Raimunda Jovita Na Roleta da Vida" e "Os Dois Amores de Lampião Nunca Antes Revelados", exemplos da mais pura dramaturgia do mundo. Com os espetáculos revelados na Mostra e na Semana Chico Pereira os Grupos se lançaram com mais confiança rumo aos festivais nacionais.

O primeiro do novo tempo foi o Festival Nacional de Teatro, da cidade de São Mateus, no Espírito Santo, onde o Grupo de Teatro Pesquisa - GRUTEPE, com a peça "Itararé, A República dos Desvalidos", de Afonso Lima, arrebatou três prêmios: Melhor atriz - Eleonora Paiva; Melhor Diretor - José da Providência e Melhor Música - Raimundo Aurélio. Em seguida, o Grupo Raízes Cooperativa Artística apresenta-se no Festival Brasileiro de Teatro, realizado na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais. Com o espetáculo "Auto do Corisco", de Ací Campelo, levantando várias opiniões de críticos, autores e diretores

presentes, já que o Festival não tinha caráter competitivo. Na mesma época, isto é, julho próximo passado, a Companhia de Dramas e Comédias do Piauí levantara a platéia presente ao Festival Nacional de Teatro Amador de Campina Grande, Paraíba, com "Raimunda Jovita Na Roleta da Vida" e "Os Dois Amores", agora num só espetáculo. Neste festival Lary Sales ganhou o prêmio de melhor atriz.

É assim rapidamente as conquistas se sucediam e assim foi que se abriu espaço para a primeira temporada de um grupo de teatro do estado do Piauí em palcos do Rio de Janeiro, cabendo ao Grupo de Teatro Pesquisa - GRUTEPE fazer uma temporada no teatro Glaucê Rocha, do Instituto Nacional de Artes Cênicas, com a peça "Itararé, A República dos Desvalidos", de Afonso Lima. É apenas o começo, mas de uma importância fundamental para que outros Grupos também penetrem neste fechado mercado do eixo-Rio, pois no mesmo rasto o Instituto Nacional de Artes Cênicas convidou a Companhia de Dramas e Comédias do Piauí, com a peça "Raimunda Jovita" e "Dois Amores", ambas de Chico Pereira da Silva, para a temporada verão do Rio de Janeiro, janeiro, fevereiro e março do ano que vem. Um atestado, sem dúvida alguma, da maturidade de nosso teatro que na hora da grande cena está preparado a alçar qualquer voo.

PARA SEU CONTROLE
Destaque este canhoto e guarde

cheque nº
Banco
data ... / ... / ...

PRESENÇA

FUNDAÇÃO CULTURAL DO PIAUÍ
Pça. Marechal Deodoro, 860
Fone: 223 4657
CEP: 64.000 - Teresina - Piauí

PEDIDO DE ASSINATURA

PRESENÇA

SIM. Desejo fazer uma assinatura da revista **PRESENÇA** pelo período DE 1 ano no valor de Cz\$ 80,00

Anexo cheque nº
do Banco
a favor da FUNDAÇÃO CULTURAL DO PIAUÍ
Praça Marechal Deodoro 816-C
Fone: 223 4656 - R27 CEP: 64.000

Nome _____ CEP _____
Endereço _____
Cidade _____ Estado _____ Tel. _____
Ramo de atividade _____
Local _____ data _____ assinatura _____

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO PIAUÍ



ANA CLÉLIA CORREIA

O Estado do Piauí destaca-se dos demais estados brasileiros pela riqueza e extensão dos seus sítios Arqueológicos. Frequentemente são divulgadas notícias sobre descobertas de testemunhos de culturas pré-históricas em locais que vão desde o extremo

sul do Estado até o litoral. Essas evidências arqueológicas que normalmente estão situadas em locais com formações geológicas de rara beleza, são em forma de pintura rupestre, peças líticas e cerâmicas, sepultamento em urnas funerárias ou em fossas sepulcrais e pedras em peixes fossilizados, que geralmente são ob-

jetos de uma comercialização indiscriminada.

Esse imenso patrimônio tem sido alvo de estudos sistemáticos somente na região de São Raimundo Nonato e Sete Cidades no município de Piracuruca. Esses dois sítios foram transformados em Parques Nacionais, que embora carentes de maiores recursos já apresentam uma certa proteção.

As pesquisas desenvolvidas em São Raimundo Nonato estão a cargo da missão franco-brasileira desde 1973. Como resultados desses estudos, já foram descobertos mais de 200 sítios arqueológicos, em um dos quais foi obtida a datação de 32.500 anos. Esse fato coloca o Piauí em evidência perante todo o meio científico mundial, por possuir o mais importante conjunto de arte pré-histórica das Américas.

No entanto, excetuando os dois casos acima citados, nenhum dos demais sítios arqueológicos foi estudado cientificamente, existindo sobre eles apenas teorias sensacionalistas, lendas, sem a devida fundamentação científica.

Esses fatos atestam a necessidade de criar uma consciência da importância cultural e artística desse acervo, adotando medidas para a preservação e controle dos sítios, uma vez que se encontram em total estado de abandono e degradação, e que o patrimônio arqueológico se constitua no de maior riqueza.

O primeiro passo para a preservação desses sítios é conhecer sua extensão. Brevemente será executado um projeto visando a complementação do cadastramento e do mapeamento arqueológico. Para isto, uma equipe de arqueólogos visitará todos os municípios do Estado, contando com o apoio do Patrimônio Histórico Estadual, SPHAN e FUFPI. O resultado desse trabalho se constituirá em ponto de partida para ações específicas de proteção, divulgação e novas pesquisas científicas.

Um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras. Nasceu em Barras (Pi), a 24 de novembro de 1887. Funcionário da Chefia de Polícia do Piauí. Faleceu em Teresina (29-06-1950). Poeta, Jornalista, conferencista, cronista.

Obras: "Almas Irmãs", poesia, de colaboração com Antônio Chaves e Zito Baptista (1907); "Flor Incógnita", versos (1912); "Poesias", edição da Academia Piauiense de Letras (1939). Ficaram inéditos: "Gardênias", prosa (fantasia), e "Trapos de jornal" (discursos, conferências e artigos literários).

Crítica

O soneto é o poema de predileção: fá-lo diariamente, dois ou três por dia; durante quarenta anos, que começou a versejar ainda criança: conta-os aos milhares, publicados e colecionados: é por isso o maior sonetista piauiense, milionário no verso (Edison Cunha)

Já Celso Pinheiro, cuja linguagem tinha a espontaneidade das quedas d'água, expelia dos subterrâneos enigmáticos da alma, pelo veículo da palavra, suas idéias que a crítica, dissecando o vate num gabinete de biologia, tachou-as de materialista, quando material era apenas o sentido filosófico de sua poética. (J. Miguel de Matos).

Sensibilidade requintada, foi jornalista, magnífico na crônica leve e na conferência rica de imagens. Mas foi sobretudo poeta, poeta dos sonetos abundantes a transfigurar, em símbolos, as riquezas da imaginação. Filiou-se ao movimento de **libertação espiritual**, nascido ante à ilusão desfeita de os homens poderem equiparar suas deficientes realizações com as aspirações da humanidade. (Monsenhor Antônio Sampaio).

... versejador emérito.

CELSONO PINHEIRO

depois de muito vagar pelo simbolismo, pelo **spleen** (título que deu a uma de suas copiosas coleções de sonetos, em que só se fala em dor, tédio, tormento, miséria, sofrimento, desespero e morte)... (João cabral).

... rico de imaginação, escrevia versos com abundância e grande facilidade. Era um encanto de homem e de poeta. De homem, pela nobreza moral, pela independência de caráter. De poeta, pela sensibilidade (Cristino Castelo Branco).

... a nota mais característica na musa do poeta não era a do

lirismo amoroso, mas a do desencanto, a do desalento, a do pessimismo. (Múcio Leão).

- O ritmo macabro que quase dá uma uniformidade integral à sua obra, como em Augusto dos Anjos, Poe e Baudelaire, levou-o a produzir uma poesia difícil de se enquadrar nessa ou naquela escola. Não é parnasiano, nem chega mesmo a ser simbolista. É um poeta que explora a própria personalidade e do interior de sua angústia extrai a temática de seus cantos. (Herculano Moraes).

Gerais



Fachada principal da casa do
Dep. Milton Brandão

MEMORIAL TERTULIANO BRANDÃO FILHO

SARAH MOURAO BENICIO

Qualquer visitante que chegue a Pedro II, ao entrar no coração da cidade, tem a sua visão primeira voltada para o majestoso solar do Deputado Milton Brandão, que se alevanta num enlevo estético de rara beleza como um bastião de glória sobre as efemeridades do tempo.

O belo palacete solarengo conta a epopéia de um tempo histórico e de um tempo mítico, das memoráveis lutas divididas em ciclos que vão das décadas de 20 a 30 e de 40 a 80, quando sob os seus umbrais, grandes decisões sociais e políticas foram tomadas e fizeram a saga de uma família. Seus pórticos

engalanados celebram a heráldica, o estilo e o esplendor de uma época, a época dos Coronéis: seus porões patinados guardam segredos e suas salas enormes desenhadas em estuque, guardam nas fisionomias hieráticas e ancestrais, o mistério do passado/presente fixado nas "daguerres" emolduradas em ouro velho, traços que se repetem nas gerações presentes da linhagem dos Brandão-Mourão. — retratos são registros carregados de representatividade estética, social, histórica e afetiva, são fragmentos de vida retidos e guardados para a posteridade, na incessante busca de

eternidade do homem, daí porque, as velhas "daguerres" nos lembram tanto os versos de Tennyson: "Oh death in life, the days that are no more".

A menina Marphisa de cabelos cacheados que morreu aos cinco anos; o bisavô, Papai Terto, com a sua barba aparada e angulosa, primeiro intendente de Pedro II; minha bisavó, Mãe Mariazinha no seu ar solene, decidido e determinado, meu tio Hamilton, posando de magistrado e, por fim, meu tio Tertuliano, o dono da casa. Eram vários os seus retratos e em todos eles, a mesma postura: fronte nobre, traços aristocráticos, o vestir requintado, colarinho alto

impecavelmente engomado, dizem que por artes da minha avó, sua irmã. Todos eles singularmente eram um mistério na minha mente de criança, talvez porque não cheguei a conhecê-los, senão através daqueles retratos e das conversas caseiras.

Observando-os, de repente eu podia reconstituir suas vidas.

A "Casa Grande" era festiva e pelo seu estilo amplo, limpo e

superior ao resto da casa, fora construído com requintes de privacidade, projetado na medida exata daqueles que se davam ao gosto da meditação e do silêncio. Suas janelas internas eram como dois mirantes que descortinavam as serras azuis atrás do Sobradinho e do Sítio Bananeira, naquele deslumbre de paisagem, verde, florida e amada.

«O tempo passou, passaram



Porta do Interior da casa

resolvido, se prestava a todo tipo de comemoração. As palmeiras imperiais, as tamareiras trazidas do Pará, as pitombeiras, os sapotizeiros, o Jamim Caiena, compunham um cenário interno bem escolhido e harmonioso, num misto de jardim-quintal tão característico das antigas moradas. Observe-se que o quarto-escritório que pertencera ao Cel. Terto, ao final dos outros aposentos e em nível

as pessoas, três gerações de Tertulianos, familiares, criados, amigos, mas a velha casa dos Terto permaneceu, contando estórias e fazendo histórias. Nela, de todo aquele esplendor de verdes, só o velho sapotizeiro do jardim de baixo e a velha tamareira perdida no quintal imenso continuam de pé. Distante, ela às vezes aparece carregada de vermelhas tâmaras, refazendo ciclos, como se

mostrasse que a vida continua. Só eles resistiram heroicamente ao Tempo e o Vento de Pedro II.

— Quis o Deputado Milton que esta casa para sempre guardasse a memória da sua família e fosse portanto preservada como um bem público, destinado a contar às gerações mais novas, parte da história de Pedro II.

Incorporou-se assim ao Patrimônio Cultural do Piauí.

Foi certa a destinação. Ela é um repositório de lembranças, um relicário, algo que envelheceu com a dignidade estética e histórica das coisas feitas para ficar. Intocada, na sua silhueta fidalga e apolínea, ela registra nas suas paredes sólidas, no seu piso gasto as marcas do tempo, e toda a arte de um estilo de época.

Keats num êxtase poético contemplando uma Urna Grega na sua forma Ática, no desenho perfeito, celebrou o valor das coisas eternas porque belas, que o tempo e os homens não ousam tocar ou destruir. Só a Arte tem a perenidade das coisas verdadeiras; e cantou nos seus mais belos versos: "Beauty is cruth, truth beauty. That is all ye know on Earth, and all we need to know".

HISTÓRICO

No ano de 1922, o então Deputado Tertuliano Brandão Filho deu início em frente à Praça da Independência, em Pedro II, à construção de uma casa em linhas neoclássicas para sua residência. Conhecedor de medidas e proporções, homem estudioso, exigente, dotado de senso estético e de boa fortuna, trouxe para isto mestres de obra e artesãos cearenses de Sobral e Ipu, grandes centros de comércio no Ceará daquela época. Mandou vir entre outros artífices, Luiz Nunes e João Umbelino, nomes respeitados e já conhecidos na arte da construção das casas do Cel. Alexandre Soares em Ipu, e do Cel. Antônio Mont'Alverne em Sobral, aos quais o Cel. Terto se ligava por laços de fraterna amizade — e foi em nome dessa amizade que sua primeira filha chamou-se "Marphisa" e esse nome estava gravado até bem pouco tempo no portão de entrada lateral de sua casa.

A porta central interna, que se abre acima da escadaria, é uma obra de arte de uma riqueza singela e encantadora, recortada em motivos florais e pássaros acasalados. Também nela o nome do Senhor da Casa pode ser lido. As paredes externas como as internas são todas revestidas em estuque desenhado. — Àquela época, à falta de azulejos portugueses difíceis de importar, usava-se o estuque, massa obtida da mistura de gesso, água e cola. Por sua resistência e impermeabilidade, o estuque era muito usado em revestimento de paredes externas, substituindo, com vantagem e efeito estético, o mármore e o azulejo. — Por outro lado, as construções "Art-Nouveau" floresciam, dispensando assim o uso do azulejo nas salas e dependências internas, para aderir ao uso do papel parede como revestimento. Mas duplamente o estuque continuava a ser a preferência: prático, durável, imitava bem o papel importado, e, conforme fossem os desenhos, geométricos, florais ou marmóreos era também uma variante da "Trompe-L'Œil", tipo de pintura muito usado em paredes imitando a realidade, dentro dos padrões do francesismo vigente.

A construção ficou terminada em meados de 1925 e o registro disso se faz no frontão da casa, onde juntamente com as iniciais T.B.F. pode ser lida em algarismos romanos a inscrição **CMXXV**, em harmonia com o rendilhado mourisco que ajuda a compor a cimalha.

No Piauí, as influências e os estilos eram sempre tardios e mesclados, marcados apenas por uma predominância de traços. E isso deve ter ocorrido no Brasil inteiro, nas épocas que antecederam os modernos meios de transporte e comunicação. Pietro Maria Bardi melhor explica: "No século XIX a construção civil guiou-se pela diretriz, do neoclassicismo, permeando-se, entretanto, de hibridismos e instruções de outros estilos, não sendo raras porém as aportações locais".

Observe-se que a arquitetura Vitoriana só apareceu em Teresina por volta dos anos 40.

Pedro II, 1925 — Estava pronta e ambientada com todo requinte de jardins, mobiliário de



Tertuliano Brandão Filho

época, peças de arte, a casa do Cel. Terto. Lâmpadas Belgas iluminavam as salas com predominância de mobiliário francês em estilo

"Art-Nouveau": consoles, marquises, cadeiras austríacas "Thonet" se distribuíam em grupos harmônicos. Nos dormitórios, as camas de dossel, as cômodas de tampos de mármore, serviços de lavado em porcelana, "psychés" e sua escrivaninha que curiosamente emitia sons musicais quando se lhe abriam as gavetas. Belas peças de arte em motivos florais muito ao gosto da época, "cache-pots", estatuetas em formas dançantes ao estilo "Liberty", vasos de opalina azul bordados, "fotomobiles" (tipos de candeeiros) em porcelana francesa, juntavam-se aos belos serviços de mesa em cristal "Baccarat", porcelana de Limoges e faiança inglesa em conjuntos vários.

— Pedro II vivia os seus anos de glória que foram inegavelmente dos anos 20 aos anos 50. Era considerada a "Suíça do Piauí", escolhida para as temporadas de veraneio das autoridades e das pessoas de bom gosto, pelo seu clima ameno de serra, pelo seu artesanato de belíssimas redes que então se iniciava e se afirmava, também, pela variedade de frutas lá existentes. Como esquecer as laranjas e tangerinas douradas, mangas selecionadas e abacates do Sítio Bananeira? — A visão panorâmica de Pedro II era a de um imenso pomar.

Data também daí, uma grande mudança na paisagem arquitetônica da cidade. Lá faziam temporadas de veraneio o jovem e mais tarde Senador José Cândido Ferraz, o

Interventor Leônidas de Castro Mello, o Dr. Sigefredo Pacheco, o Dr. Mathias Olímpio, o Cel. Costa Araújo, o Cel. Francisco Alves, de Campo Maior, o Des. Hamilton Mourão, de Manaus e o Dr. Francisco Cordeiro, da Bahia, Thomaz Area Leão Filho, dentre outros, com as suas respectivas famílias. O Padre Lindolpho Uchoa reunia em saraus literários e temporadas artísticas, amigos, intelectuais como Ercínio Fortes e o Major Coriolano de Castro Lima, com a sua flauta. A casa de Domingos Mourão também se afirmava na arte de receber. Em sistemáticas temporadas, o Governador Joca Pires permanecia em Pedro II, em casa pertencente ao Cel. Clemente Pires, diagonalmente oposta à casa do Cel. Terto, como opostos eram os seus donos. A

eles se ligava o grupo político de Lauro Cordeiro. Naquela casa está hoje sediada o Clube 11 de Agosto.

Em 10 de setembro de 1932 desaparecia o Cel. Terto, Deputado estadual em várias legislaturas e assim, a casa que lhe servira de morada com a família, passou a pertencer ao seu filho mais velho, Tertuliano Milton Brandão, que logo em seguida atingia maioridade e seria nomeado, bem jovem, Prefeito Municipal de Pedro II, por decreto do Interventor Leônidas Mello.

Lá viveu e exerceu política juntamente com o seu primo Domingos Mourão Filho, tornando-se mais tarde Deputado Estadual, Vice-Governador e Deputado Federal. Foi parlamentar por quase 50 anos, até desaparecer em 1º de junho de 1985, aos primeiros acordes

da Nova República. A construção de Boa Esperança foi o seu sonho concretizado.

— Pouco antes da sua morte em Brasília, manifestou e legou através de instrumento público de testamento e por expresso desejo, aquela casa para que fosse destinada a um Memorial com o nome de seu pai para abrigar a memória da família. E de conformidade com o que foi proposto, Pedro II terá na "Casa Grande" do Deputado Milton Brandão o seu primeiro Centro de Cultura — O "Memorial Tertuliano Brandão Filho".

FONTES DE PESQUISAS:

— Este trabalho contou com dados fornecidos por Raimundo Nonato Brandão, irmão de Milton Brandão; D. Maria do Carmo Mourão Brandão (Viúva do Ex-Deputado Tertuliano Solon Brandão; Procurador da Justiça do D.F. José Lourenço Mourão e Raimundo Paulino Galvão.

MATERIAL BIBLIOGRÁFICO:

— Jornais, cartas (Acervo da Família de Tertuliano Solon Brandão, Arquivo da Família de Domingos Mourão Filho; Arquivo Público e Prefeitura Municipal de Pedro II).

- 1) Tennyson — Alfred Lord "Tears, Idle Tears" (Poems)
- 2) Keats — John — "Ode on a Grecian Urn" (Adventures in English Literature)
- 3) Bardi — Pietro Maria — "História da Arte Brasileira" — Melhoramentos
- 4) "Arte do Brasil" — Abril Cultural Volumes 1 e 2

SARAH MARIA MOURÃO BENÍCIO é Professora Adjunto de Língua e Literatura Inglesa e Americana da FUFPI.

* - TENNYSON — Poeta Inglês do período Vitoriano
— O "morte em vida, os dias que já não mais são!!!"

* KEATS — John — Poeta Inglês do período Romântico
"Beleza é Verdade, Verdade é Beleza. E eis tudo que se sabe na terra e que é necessário saber."

Colaboração
Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo
Fundação Cultural do Piauí

CONSTITUIÇÃO E CONSTITUINTE



ANTONIO M. BORGES

À medida em que se aproxima o dia de eleição dos constituintes, que terão como tarefa redigir uma nova Constituição para o Brasil, aumenta a curiosidade do povo brasileiro acerca desse acontecimento. Percebe-se, para grande número de pessoas, é ainda nebuloso e informe o conhecimento de Constituição e de Poder Constituinte.

O vocábulo **constituição**, empregado no sentido amplo do verbo **constituir**, derivado do prefixo **cum** e do verbo **stituto**, **stituire**, dá a idéia de composição ou organização. Neste sentido, tudo tem a sua constituição. Evidente que, também neste sentido, é inconcebível a existência de um Estado que não tenha a sua constituição. Do ponto de vista técnico-jurídico, todavia, no sentido de lei fundamental de um povo, dispendo sobre o processo de racionalização e planificação da vida estatal, Constituição é criação relativamente recente. Surgiu apenas no século dezoito.

Logicamente, é neste sentido técnico-jurídico que a palavra constituição será aqui empregada.

A Constituição é essencialmente um instrumento de controle do poder. Com efeito, não se pode esperar que o detentor ou detentores do poder, de forma voluntária, se eximam do trágico abuso do poder. Com o tempo, o povo — destinatário e detentor supremo do poder — aprendeu que uma sociedade justa, que lhe outorgue e garanta os seus direitos individuais, depende da existência de normas fixas, objetivando limitar o exercício do poder político.

No correr da história, contudo, ao crescerem as atribuições do Estado, foi-se ampliando o conteúdo das Constituições, que é variável no tempo e no espaço. A despeito da diversidade doutrinária quanto ao número e caracterização dos elementos fundamentais de uma autêntica Constituição, consideram-se como indispensáveis os que: a) regulam a estrutura do Estado e

do poder. b) definem as diversas tarefas estatais e especificam os órgãos encarregados de executá-las, a fim de evitar a concentração de poder nas mãos de um único e autocrático detentor do poder;

c) reconhecem os direitos e liberdades individuais e estatuem as suas respectivas garantias; e d) estabelecem método racional de reforma constitucional, ensejando adaptação pacífica da ordem

É mister lembrar que, não devendo, embora, a Constituição atribuir demasiada força ao poder público — posto que o autoritarismo é fonte de corrupção e injustiças —, deve, no entanto, conceder-lhe meios de deter a dominação econômica. Deve, pois, a Constituição impor limites jurídicos ao poder econômico — entendido este no seu sentido lato, abrangendo grupos econômicos privados, nacionais, estrangeiros ou multinacionais —, disciplinando a obtenção, a acumulação e o uso da riqueza, em função dos interesses maiores dos indivíduos e da sociedade.

A Constituição, como lei suprema do Estado, é a base de toda a ordem jurídica e a fonte de sua validade. Qualquer ato jurídico que com ela colidir não é válido. Essa supremacia da Constituição decorre exatamente de sua origem, dado provir de um poder que constitui todos os demais e que por isso mesmo é denominado de **Poder Constituinte**.

É geralmente aceita a distinção muito difundida que se faz entre Poder Constituinte originário e Poder Constituinte derivado. Trata-se de classificação inútil e imperfeita, pois o poder de revisão ou de emenda definitivamente não é constituinte. As reformas constitucionais, visando a atender a novas necessidades ou a novos impulsos, são feitas de acordo com o que estatui a própria Constituição.

O titular do Poder Constituinte é o povo, não se confundindo com o seu agente, que é o homem ou o grupo de homens que, em nome do primeiro, estabelece a Constituição. É patente, pois, que a obra editada pelo agente do Poder Constituinte somente



vale como Constituição se for aceita pelo titular. Esta aceitação não é fácil de ser aferida. Destacam-se, como maneiras menos imperfeitas de sua constatação, a que é feita expressa e diretamente **a posteriori** pelo titular (**referendum**), e a presumida, quando o agente é designado pelo titular, o que ocorre quando uma Assembleia Constituinte é eleita pelo povo.

O **referendum**, ainda que elogiável do ponto de vista teórico na prática goza de especial predileção nas ditaduras, considerando que o seu resultado pode ser dirigido — ou mesmo falsificado — com maior facilidade que as decisões de uma Assembleia Constituinte, na qual não pode ser excluída por completo uma certa honradez pública, com a finalidade pelo menos de manter as aparências.

Relativamente ao Poder Constituinte, deve ele ser legítimo, para que a Constituição também o seja; vale dizer, para que guarde correspondência entre o que nela for consubstanciado e o que for

admitido e consentido pelo povo. Ao se cogitar dessa sua legitimidade, deve distinguir-se a legitimidade do título do poder, da legitimidade do exercício do poder. A primeira diz respeito fundamentalmente ao processo de escolha dos constituintes, e a última, à forma com que exercem o seu trabalho. Claro está, investidos dessa função, devem praticar virtude de pouca experiência no Brasil, que é a de auscultar os anseios do povo e tomar deliberações de acordo com eles.

Do quanto foi dito acerca de Constituição e de Poder Constituinte, pode tirar-se algumas conclusões concernentes ao momento político atual brasileiro.

A atual Constituição brasileira, promulgada em 1967, para institucionalizar definitivamente o regime implantado no país em 1964, é ilegítima por origem, espírito e conteúdo, não passando, assim, de um mito. Pela Emenda nº 1, de 1969, ela recebeu nova redação em quase todo o seu texto, o que justifica o fato de muitos se referirem a dita Emenda como a Constituição de 1969. Essa Emenda acentuou mais ainda a tendência autoritária que já se encontrava presente no texto primitivo.

Por diversas vezes, o povo brasileiro teve a oportunidade de manifestar o seu repúdio ao regime autoritário instaurado em 1964, e de reclamar a formulação de uma nova filosofia de governo, de organização social e política. Assim é que, com a eleição de um Presidente civil, egresso de um partido de oposição, foi aprovada Emenda à Constituição convocando uma Assembleia Nacional Constituinte, a ser eleita em 15 de novembro próximo e instalada no início de 1987. Essa Assembleia se caracterizará por não ter sido deflagrada por uma Revolução, afastando-se do modelo latino da Constituinte revolucionária. Em mensagem dirigida ao Congresso Nacional, justificando a sua convocação, o Presidente da República lembrou a singularidade dessa iniciativa "pelo fato de estar em plena vigência uma ordem jurídica e suas instituições políticas e civis, cujo império se estenderá até o momento em que for promulgada

a nova Constituição."

Em que pese a natural ansiedade do povo brasileiro por uma nova Constituição, a Emenda n° 26/86, que convoca a Assembléia Nacional Constituinte, configura caso típico de lei ilegítima. Dispõe o seu art. 1° que "Os membros da Câmara dos Deputados e do Senado Federal reunir-se-ão, unicameralmente, em Assembléia Nacional Constituinte, livre e soberana, no dia 1° de fevereiro de 1987, na sede do Congresso Nacional". Tal Emenda, na realidade, não faz uma convocação, mas apenas prescreve a conversão do Congresso Nacional em Assembléia Constituinte, violentando a razão jurídica e ferindo a consciência nacional. É injustificável o funcionamento conjunto desses dois órgãos, um só corpo com funções distintas.

Quando o povo elege seus representantes para a Assembléia Constituinte, designa legisladores incumbidos de elaborar tão-somente a Constituição, findo o que dita Assembléia será extinta. Quando porém os elege para o Congresso Nacional, designa deputados e senadores para as atividades próprias do Poder Legislativo, entre as quais sobressai a de elaborar as leis ordinárias. A competência que se exige de uns e de outros representantes do povo é bem diversa. Ademais, os senadores não são representantes do povo mas dos Estados-membros. Se a Assembléia Constituinte é soberana, podendo até extinguir a própria Federação, é inconcebível que dela possam participar representantes não do povo, mas dos Estados-membros.

Suspeita-se que a futura Constituição do Brasil não será a Constituição que se quer, pois, dos motivos arrolados, outros ainda existem, como, principalmente, o fato de os constituintes serem eleitos dentre candidatos inscritos por partidos políticos — expressão do constituído, ou seja, do que aí já está —, aos quais devem fidelidade. Apesar de tudo isso, espera-se que ela permita que se construam instituições estáveis, a serviço do desenvolvimento do país e do bem estar do povo.

Secretaria de Cultura,
Desportos e Turismo

PROJETO PETRÔNIO PORTELLA

Agora você pode tirar da gaveta aquele livro que escreveu e não tinha como publicar. O Governo Hugo Napoleão, no sentido de estimular a produção literária, criou o Projeto Petrônio Portella para editar livros que reflitam o Piauí, seu povo, sua cultura.



**PROJETO
PETRÔNIO
PORTELLA**

FUNDAÇÃO CULTURAL DO PIAUÍ / ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
PREFEITURA DE TERESINA / BEP / CEPISA / AGESPISA
COHAB / EMATER / CIDAPI / COMDEPI
COMEP / CODIPI / PIEMTUR / CEPRO / FUSEPI
CEPA / IAPEP / INTERPI / EMOPPI / LOTEPI
PROCED / RADITEPI / RIMO / DETRAN / DER / IPAM.

"QUINTETO EM MI(M)" OU A LÍRICA DO REAL ANTOLOGIA (1975-1985)

Francisco Miguel de Moura

QUINTETO EM MI(m)



É preciso que se leia com cuidado para compenetrar-se do valor da poesia deste poeta pequenino no corpo e forte no espírito - Francisco Miguel de Moura. **Quinteto em mi(m)** é a sua quinta sinfonia. E com ela comemora seus vinte anos de escritor. Pois foi em 1966 que numa edição particular arrojada de 500 exemplares, saiu da tipografia do Pe. Delfino, em Timon, o livro de versos denominado simplesmente "**Areias**". Com prefácio de Fontes Ibiapina, num tempo em que as musas andavam em silêncio no Piauí, o livro de Chico Miguel de Moura fez o sucesso limitado a que toda publicação provinciana está fadada, por melhor e mais bem impressa que seja.

"**Areias**" influenciou e estimulou, não obstante a crítica maliciosa e pedante do jornalista Pompílio Santos, ao tempo atuando no jornal "O Dia". No Piauí, em Teresina, onde sofremos do mal do analfabetismo dos que sabem ler, além de outras misérias.

Ainda assim a poesia tem vingado. Medra. Floresce às vezes, numa pequena elite cultural acadêmica, às vezes entre funcionários públicos que sonham com um emprego maior

nas Secretarias do Governo ou com a sorte grande em loteria que se preze.

Mas há exceções. É o caso de Francisco Miguel de Moura, sonhando com um olho e olhando a realidade em sua crueza com o outro. Filho de pais pobres, vindo do interior mais pobre do Piauí - Francisco Santos - chega à cidade maior, à Capital, na sua madureza de vida e de poesia. Faz-se cidadão, porque o poeta já conduzia consigo desde os mais ásperos caminhos, nos gestos e nas entranhas. Vai publicando. Desenvolve uma intensa atividade, quase febril, em muitas áreas, desde a carteira de funcionário do Banco do Brasil ao Conselho de Cultura e à União Brasileira de Escritores (do Piauí).

Na festa dos seus vinte anos de poesia, que coisa melhor havia de oferecer senão este **Quinteto em mi(m)**? Uma bela coleção de poemas peneirados no espaço de dez anos, incluídos em cinco antologias que circularam por aí afora (de São Paulo ao Piauí). Cerca de trinta por cento deles são inéditos em livro, quase todos já passados, entretanto, pelo crivo da imprensa (jornais e revistas), exceto algumas surpresas que o poeta guardou no bolso do seu culote para nós.

"**A Casa**", poema que abre o livro, é uma delas. Eis alguns versos:
"A casa era por dentro de mim
quando o projeto se fez homem
e a luz se aproximou."

Os ventos da noite vieram
vindo... E as pessoas
bem vestidas
da cidade levaram
as telhas de cor,
o vidro de espelho,
as portas partidas;
— janelas do mundo
em minha busca.

Meu tempo de voar se foi:
— caminho para
dentro até o fundo
como quem caminha

ao sol-posto".

No prefácio, que é um circunstanciado e valorativo estudo, Benedicto Luz e Silva afirma:

"Ao longo de sua obra, Francisco Miguel de Moura nos habituou a vê-lo como um poeta do nosso tempo. Áspero na forma, contundente na expressão. Em síntese, um lírico realista, porque voltado para a vida em cujo concretude o homem se perde. Neste **Quinteto em mi(m)** a mesma coerência de sua poética outra vez se desenvolve".

Mas não é só. Talvez porque a música seja estranha a quem não se afina com ela, ou porque haja um refinado pessimismo em sua mensagem, Chico Miguel não facilita nada. Quem quiser conhecê-lo que o procure como ele se procurou e ainda está em busca. Sentencioso às vezes, diz:

"O poeta precisa é de não encontrar ninguém, ser ele mesmo. Depois de **Universo das Águas** (1979), posso dizer que Drummund de Andrade já era. Aliás, a crítica disse, os leitores disseram. Não tenho dado divulgação ao material crítico sobre minha poesia. Desconfiança de crítica ou de mim próprio? No dia em que eu fundar um estilo, uma poética, me matarei. E acho que o poeta Chico Miguel não deve morrer tão cedo..."

No soneto que fica na contracapa, comemorativo dos cinqüentanos, há premonição e há fidelidade às suas raízes de menino sofrido. De fraternidade com o sofredor/homem: universaliza-se.

"Aos cinqüenta bebidos,
me apeteço
porque a vida floresce-me
de espinhos,
flores poucas,
encantos mitigados.
Em em todo passo
a busca de sentidos.
Feliz por ser fidel
no que me arrimo:
São secretas conquistas,
muito humanas.
Sorrio ao que me
passa e vai no vento:
— Eu sou vagar, sou
tempo e não me canso.

Meu corpo alcança o
corpo mais cansado,

Livros

minha alma inflama
a irmão insubmissa,
sem barulhar a paz
que me guerreia.

Semeio amor. Na dúvida campeão
o que me arma de força e decisão.
E vou seguindo.
E sei que vou ficando".

Observamos mais. Em todo o
trabalho há uma simbologia do
número 5 e seus múltiplos.
Cabalístico? Não sabemos.
Deverá ser descoberto o que
isto importa por catadores de
imagens, metáforas e miudezas
desse tipo, que não cabem
nesta apresentação. A crítica
tem em mão uma obra rica,
trabalhada com esmero,
temperada com amor e suor.
Obra quase toda já vista,
e assim mesmo nova. A música
é boa, o ritmo pessoal precisa
de certa iniciação para produzir
efeito duradouro. O poeta não
se imita, não se repete.
Se arrepende. Desligou-se dos
mestres com respeito, mas sem
piedade, para trabalhar os seus
próprios achados e perdidos,
garimpar uma linguagem não
usada ainda. Mesmo quando
tenta alguma experiência
meio-praxista ou meio-concreta.

Sim, o poeta ficará e sua
poesia, como disse no soneto dos
cinquantanos — peça
circunstancial que ultrapassa
as barreiras da circunstância
e inscreve-se entre os melhores
poemas do nosso tempo.
Como, aliás, acontece à maioria
dos poemas de **Quinteto em mi(m)**.

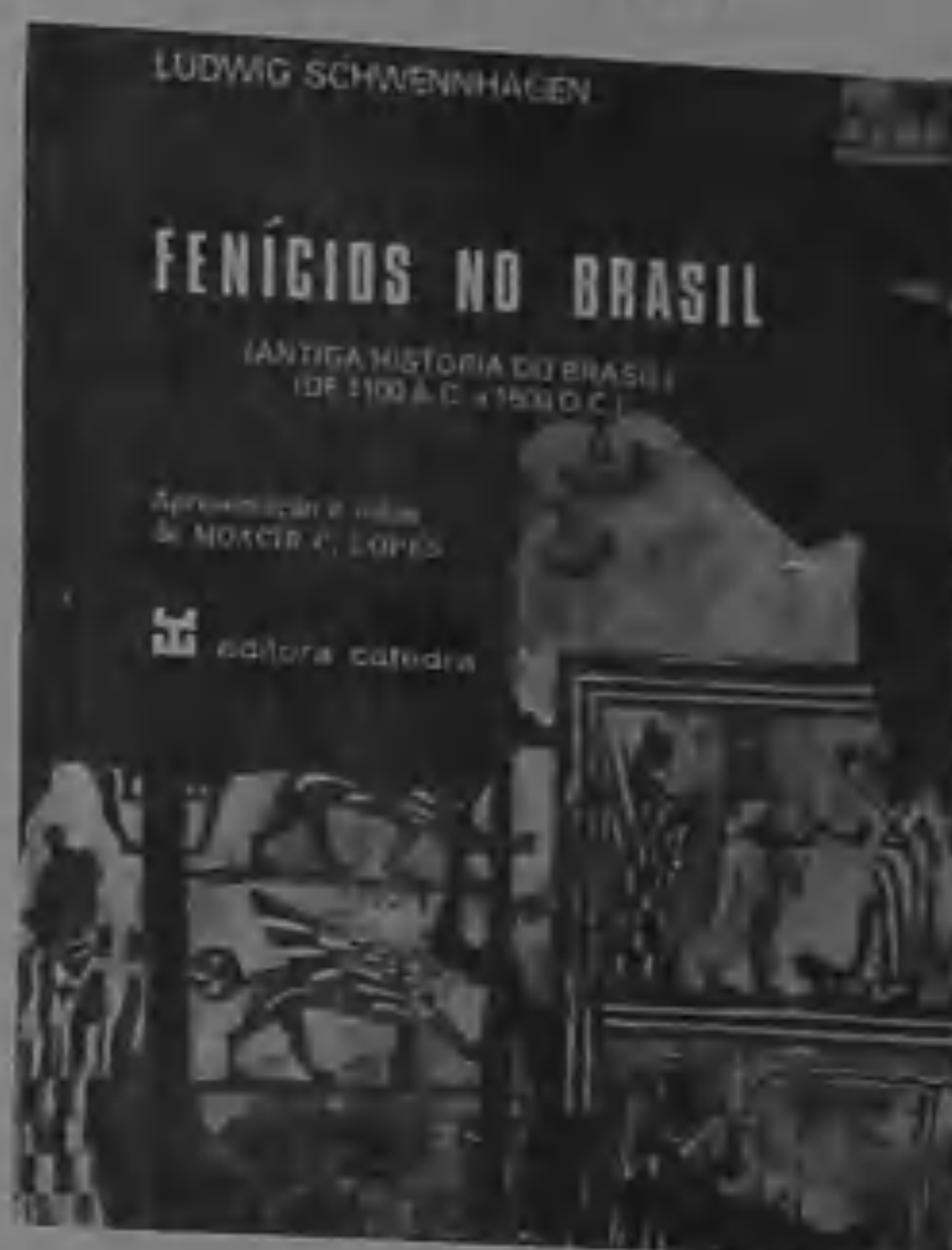
Francisco Miguel de Moura

QUINTETO EM MI(m)



Outros Contos Piauienses -
Projeto Petrônio Portella/
Secretaria de Cultura, Desportos
e Turismo, apoio MINC. Capa de
Paulo Moura; 1ª edição, 144
páginas. Impressão, Gráfica
Júnior - Teresina - Piauí - 86.

O livro reúne os contistas
classificados no IV e V Concurso
de Contos "João Pinheiro",
além de outros, por sugestão dos
escritores Magalhães da Costa e
Francisco Miguel de Moura.
Os autores classificados
representam a nova safra
de escritores piauienses.



"Fenícios no Brasil" (Antiga
História do Brasil, de 1100 a.C a
1500 d.C.), do alemão Ludwig
Schwennhagen, em sua 4ª edição
pela Editora Cátedra, com 149
páginas. Notas e apresentação
de Moacyr C. Lopes, Projeto
Petrônio Portella/Secretaria
de Cultura, Desportos e Turismo.
A primeira edição foi composta
e impressa pela Imprensa Oficial
de Teresina, em 1928, com o
título de "Antiga História do
Brasil". Ludwig Schwennhagen,
por muitos anos viveu no Brasil,
inclusive no Piauí, pesquisando e
estudando nossos antepassados,
para reafirmar em sua obra
citada serem os "pré-egípcios
originários da América do Sul,
como também que aqui se
iniciou a civilização européia.
Nesta obra o autor ainda afirma
que os fenícios foram os
primeiros habitantes do Piauí.
Obra de grande importância
para pesquisadores,
historiadores e professores.
A leitura prende o leitor do
começo ao fim.
É ler para conferir".

OUTROS CONTOS PIAUIENSES

Fatos da História do Piauí, de
Hugo Napoleão do Rego Neto;
Projeto Petrônio Portella/
Secretaria de Cultura, Desportos
e Turismo. 2ª edição, prefácio de
Deolindo Couto, com 129
páginas, impresso na Gráfica
Júnior, Teresina-Piauí.

A obra relata, como afirma
o autor, o ponto de partida das
atividades empreendidas desde
o primeiro donatário das terras
que correspondem ao atual
Estado da Federação, passando
pela fase das capitânias
hereditárias, governos gerais, do
Vice-Reino de Portugal,
do Império e República.

A tese desenvolvida em
"Fatos da História do Piauí" tem
por objetivo a síntese, e, tanto
possível, dar informação.

Assim sendo, o autor afirma
ser Domingos Jorge Velho o
pioneiro a conquistar terras
piauienses. Mas foi de fato
Mafrense a quem coube o
papel de conquistador, fixador
do território do Piauí.

Também afirma Hugo
Napoleão ser a Batalha do
Jenipapo o início do fim da
carreira do bravo militar
português Fidié,
em terras piauienses.

III CONGRESSO DE ESPORTES PARA TODOS

O III Congresso Brasileiro de Esportes Para Todos, realizado no período de 16 a 20 de julho, teve como sede a cidade de Campo Grande (MS). Conforme o Prof. Valter Soares, participante do Congresso, o evento foi coberto de êxito — pois conseguiu reunir mais de 10.000 pessoas que discutiram nos mínimos detalhes os seguintes temas: EPT E A SAÚDE; EPT PARA DEFICIENTES; TECNOLOGIA POPULAR NO EPT; EPT NAS ESCOLAS DE 1º, 2º, 3º GRAUS; COMUNICAÇÃO E MARKETING NO EPT; CRÍTICA, REVISÃO CONTEXTUAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA; EPT-RURAL; INTERIORIZAÇÃO DO EPT; EPT E A 3ª IDADE; EPT INSTITUIÇÃO; ATIVIDADES EPT; DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO; EPT E A EDUCAÇÃO PERMANENTE; EPT E AS MUNICIPALIDADES. O representante da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí, no Congresso, Prof. Valter Soares que defendeu dentro destes temas as seguintes teses: Ideologia, filosofia e metodologia do Ept, responsáveis pela área esportiva, que dêem uma maior atenção ao esporte amador de uma forma geral pois, atualmente, só o futebol vem merecendo destaque.

CINEMA DE ARTE

Possuindo apenas dois cinemas comerciais, o teresinense terá mais uma opção — trata-se do Projeto Cinema de Arte. O cineasta Valderi Duarte, um dos coordenadores do Grupo Mel de Abelha, é o responsável direto pela implantação do Projeto que deverá funcionar no Auditório Herbert Parentes Fortes. O local, conforme Valderi, é ideal pois tem uma capacidade para 150 pessoas, dotado de sistema de ar-condicionado central e piso em declive.

TOMA POSSE A NOVA DIRETORIA DA UBE

Em Assembléia realizada na Livraria do Escritor, no dia 19 de junho, foi aclamado como Presidente da União Brasileira de Escritores — Seção do Piauí, o Poeta Francisco Miguel de Moura. Para Chico Miguel a entidade tem que assumir o papel dela perante a sociedade piauiense, incentivando, publicando e divulgando a cultura do nosso Estado, através de palestras, seminários, cursos e editoração de livros.

SALÃO DE ARTES PLÁSTICAS

Com toda a pompa de um grande evento, será realizado no mês de dezembro o Salão de Artes Plásticas do Piauí, interrompido há dois anos. Este ano o Salão completará seu décimo aniversário.

O diretor de Assuntos Culturais da Fundação Cultural do Piauí, Nonato Oliveira, abrirá um concurso para a escolha do cartaz do Salão, tornando-o assim um evento que terá participação do público a composição final da já famosa mostra. O diretor de Assuntos Culturais pretende editar um catálogo com os melhores trabalhos, através do Projeto Petrônio Portella, da SECTUR.

Se você estiver interessado em participar do concurso que escolherá o cartaz do Salão de Artes Plásticas, procure maiores informações no DAC (Divisão de Assuntos Culturais), Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, Pça. Marechal Deodoro, 816 — Centro — Teresina, até o dia 31 de agosto.

MOSTRA DE ARQUITETURA PORTUGUESA

Numa promoção da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, Fundação Cultural do Piauí e FUFPI, realizada no Museu do Piauí, a exposição fotográfica sobre monumentos históricos de Portugal, com fotos cedidas pela Embaixada Portuguesa.

USINA MARIA BONITA SERÁ CENTRO CULTURAL

A Usina Maria Bonita, em Floriano, será transformada no Centro Cultural da cidade. O Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Pe. Solon Aragão, acompanhado do Presidente da Fundação Cultural do Piauí, José Elias Arêa Leão e do Diretor Administrativo da SECTUR, Edilson de Araújo Albuquerque, estiveram em visita às obras de restauração da Usina, por ocasião das festividades comemorativas do 89º aniversário de Floriano.

CORISCO FIRMA CONVÊNIO COM FUNDAÇÃO CULTURAL

Com a finalidade de abrir o Projeto Editorial da Livraria e Editora Corisco, a Fundação Cultural do Piauí firmou convênio para editoração de maior quantidade de livros de autores piauienses. Até o momento, a Corisco editou livros de poemas com a Coleção Folhetim, que já lançou 14 poetas.

ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS GANHA SEDE PRÓPRIA

A Academia Piauiense de Letras que tem como Presidente o escritor A. Tito Filho, inaugurou no dia 29 de abril último, a sua sede própria, na Av. Miguel Rosa nº 300 - Sul, que recebeu por doação do Governo do Estado como demonstração de apreço que nutre pelos intelectuais piauienses e o reconhecimento dos seus trabalhos em benefício da cultura do nosso Estado.

XII FESTIVAL DE VIOLEIROS

Na passagem dos 134º aniversário de Teresina, em agosto, será realizado o XII Festival de Violeiros do Norte/Nordeste que terá a participação de mais de cem repentistas, entre os quais, Moacyr Laurentino, Sebastião da Silva, Pedro Bandeira, Severino Ferreira, Lauro Branco, João Fuiba,

Sebastião Dias, João Paraibano e Ivanildo Vilanova. O Festival de Violeiros do Norte/Nordeste já é uma tradição em Teresina, conforme afirma o poeta e presidente da Associação dos Violeiros e Poetas Populares do Piauí, Pedro Mendes Ribeiro.

SECRETÁRIO DE CULTURA BUSCA LIBERAÇÃO DE RECURSOS

O Secretário de Cultura Desportos e Turismo, Pe. Solon Aragão e o Presidente da Fundação Cultural do Piauí, José Elias Arêa Leão, conseguiram junto aos órgãos ligados ao Ministério da Cultura, em Brasília, a liberação de recursos para a agilização de Projetos Culturais no Piauí.

CONCURSO DE CONTOS "JOÃO PINHEIRO"

Sucesso absoluto nos anos anteriores, o Concurso de Contos "JOÃO PINHEIRO", instituído pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo/Fundação Cultural do Piauí, está com as inscrições abertas até o dia 30 de novembro/86. Cada autor concorrerá com apenas um trabalho, inédito. Os trabalhos deverão ser apresentados em laudas datilografadas, somente no verso, papel ofício espaço dois.

Serão conferidos os prêmios de 3, 2 e 1 mil cruzados, respectivamente, aos três primeiros classificados. Os contos vencedores e outros dez indicados pela comissão julgadora serão publicados pelo Projeto Petrônio Portella.

PRÊMIO "FONTES IBIAPINA"

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo criou o prêmio "Fontes Ibiapina" (Cz\$ 10 mil cruzados) a ser atribuído ao romance que, pela abordagem de assuntos piauienses, for julgado o melhor do ano. As inscrições vão até o dia 29 de agosto/86. Os trabalhos devem ser inéditos, datilografados em espaço dois, em quatro vias. Deverão ser

acompanhados de envelope lacrado, contendo o título da obra, pseudônimo e nome completo do autor, endereço e número da cédula de identidade.

O julgamento ficará a cargo de comissão de três membros, designada pelo presidente da Fundação Cultural do Piauí. O Projeto Petrônio Portella editará o trabalho premiado.

III CONCURSO DE TEATRO "JÔNATAS BATISTA"

Na Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e Fundação Cultural do Piauí, estão abertas as inscrições do III Concurso de Teatro "Jônatas Batista", até o dia 30 de novembro/86. O concurso tem por objetivo principal descobrir novos talentos e divulgar as melhores produções dos autores do Estado. Para se inscrever o candidato tem que ser piauiense ou radicado aqui há três anos.

O autor poderá concorrer com texto inédito, que permita um espetáculo com duração mínima de 30 minutos. Maiores informações na SECTUR/Fundação Cultural do Piauí — Praça Marechal Deodoro, 816 — Centro.

I EXPOSIÇÃO DE ARTE

Será realizado no período de 07 a 29 de agosto a I Exposição de Arte do Projeto

Clarival do Prado Valladares, na Biblioteca Estadual — Cromwell de Carvalho. O Projeto doou à Biblioteca mais de 200 obras, entre livros, revistas e jornais que estarão à disposição do público. O evento tem a promoção da FUNARTE/SECTUR (Fundação Cultural/Biblioteca Estadual).

INAUGURADO CENTRO CULTURAL DE CORRENTE

No dia 18 de julho, em Corrente, foi inaugurado o Centro Cultural da cidade, que abrigará museu, biblioteca e dispõe de auditório. Presentes ao ato inaugural o Governador José Raimundo Bona Medeiros, o Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Pe. Solon Correia de Aragão, e o Presidente da Fundação Cultural do Piauí, Dr. José Elias Martins Arêa Leão.

MANUEL TUBINO

O Presidente do Conselho Nacional de Desportos, Prof. Manuel Tubino, em conferência no Palácio da Cultura, falou sobre a reforma do desporto no País. Para o Coordenador de Esportes da SECTUR, Valter Soares, a vinda de Manuel Tubino ao nosso Estado foi muito importante, visto que inteirou a todos das modificações que serão introduzidas no desporto nacional.



Fachada do Centro Cultural de Corrente

Fatos & Notícias

III TORNEIO DE FUTEBOL DE CAMPO

A Coordenação de Esportes da SECTUR realizou no dia 13 de julho último, sob a coordenação do Agente EPT em Bom Jesus, o III TORNEIO DO INTERIOR DE FUTEBOL DE CAMPO. Equipes participantes: Projeto Brascarne, Piripiri, Novo Horizonte, Currais, Benfica, Presídio, Piaçava, Alto da Cruz, Cerâmica Burity, Creoli, Sapé e Palestra.



As Pastorinhas

X ENCONTRO DE FOLGUEDOS DO PIAUÍ

Com um público estimado em 150 mil pessoas, foi realizado na Praínha, nos dias 26, 27 e 28 de junho, o X Encontro de Folguedos do Piauí, repetindo o êxito dos anos anteriores. É, sem dúvida, a mais importante festa popular do Estado. O evento teve a participação de grupos folclóricos da capital e do interior, com a apresentação de Cavalo Piancó, Pagode do Mimbó, Dança Portuguesa (Amarante), Marujada (Campo Maior), Bumba-meu-boi (vários grupos), Tambor de Crioula, Reisado do Piauí, Violeiros, Festival de Quadrilhas, Brincadeiras como: Pau de Sebo, Pote, Adivinhação, Forró Maria Isabé, Barracas de Artesanato, Comidas e Bebidas típicas, Balões, Parques de Diversões, Jogos Infantis. O X Encontro de Folguedos do Piauí é uma promoção da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo/Fundação Cultural do Piauí.



Reisado do Piauí



Tambor de Crioula



Marujada de Campo Maior

VISITE O MUSEU DO PIAUÍ Praça Marechal Deodoro

*Fatos e
Notícias*

PROGRAMA ALBERGUES DA JUVENTUDE

A PIEMTUR e FAGEP celebraram convênio para apoiar no Piauí o Programa de Albergues da Juventude, lançado em âmbito nacional pela EMBRATUR. Com essa iniciativa, a Associação de Albergues da Juventude, a ser criada em nosso Estado, poderá oferecer acolhida a membros das demais congêneres do País, em espaços que serão cedidos no Estádio Verdão, pertencente à Fundação Geral de Assistência aos Desportos no Piauí — FAGEP. Esse programa integra o esforço governamental para dinamização do turismo social.

CLUBE DA TERCEIRA IDADE

Dentro da programação da EMBRATUR para desenvolver o turismo social, serão criados Clubes da Terceira Idade em todos os Estados da Federação. No Piauí, a PIEMTUR deu início a articulação para constituir o Clube da Terceira Idade em Teresina, que estimulará programas e roteiros especiais de férias e excursões a preços especiais para os associados da entidade que em breve funcionará.

CONGRESSO DA COTAL

O Piauí esteve presente ao

Congresso da Confederação de Órgãos de Turismo da América Latina — COTAL, ocorrido em Recife, no período de 11 a 17 de maio/86, onde compareceram, além dos executivos da PIEMTUR, diversos empresários piauienses do setor de turismo. O evento alcançou pleno êxito, oferecendo uma visão do produto turístico nacional aos profissionais estrangeiros, particularmente da região Nordeste, ainda pouco conhecida desses empresários.

OUTROS EVENTOS

A PIEMTUR se fez presente, também, por intermédio de seus executivos no trimestre — abril, maio e junho, nos eventos especializados: Salão de Turismo em São Paulo, promovido pela ABAV - Nacional; Congresso das Empresas Organizadoras de Congressos, em Fortaleza e Seminário de Jornalistas de Esportes e Turismo da América Latina, em São Paulo, promovido pela Associação de Jornalistas de Turismo de São Paulo - JOTESP.

I ENCONTRO NORTE- NORDESTE DE SKAL CLUBES — ENESC

Teresina foi sede do I ENCONTRO NORTE-NORDESTE DE SKAL CLUBES, realizado no período de 27 a 29 de junho, com o objetivo de dinamizar as ações desse Clube Internacional, nas regiões Norte-Nordeste.

O evento, promovido pelo SKAL CLUBE DE TERESINA, contou com o apoio do Governo do Estado do Piauí, da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, da Empresa de Turismo do Piauí — PIEMTUR, além de entidades do setor privado. A Associação Brasileira da Indústria Hoteleira do Piauí — ABIH teve intervenção significativa no acontecimento, ao conceder tarifas especiais para os participantes e, também, a Cia. de Bebidas Antártica do Piauí que brindou os encontristas, com um almoço na sua fábrica, em Teresina.

O I ENESC alcançou grande repercussão nos meios profissionais do turismo, pois conseguiu atrair a presença de membros dos Clubes de Manaus, São Luís, Fortaleza, Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro.

O Presidente da Associação Nacional de SKAL Clubes do Brasil, Ricardo Roman e o Conselheiro Internacional, Paulo Polimeno, também, compareceram. Ao Clube do Rio cabe o destaque da presença de Júlio Chinelli, um dos palestrantes, que discorreu sobre o tema: O MOVIMENTO SKAL NA ATUALIDADE.

Diversas proposições e projetos analisados no Encontro de Teresina serão encaminhados ao Congresso Nacional, que ocorrerá em Vitória-ES, no próximo mês de setembro.

No encerramento do ENESC, foi aprovada a realização do próximo Encontro, para Manaus no mês de maio de 1987.

PASSAPORTE BRASIL

A EMBRATUR apresentou aos Órgãos Oficiais de Turismo, em reunião no Rio de Janeiro dia 24/05, o Projeto Passaporte Brasil. Trata-se de iniciativa promocional de grande alcance, destinada a estimular o turismo interno nos períodos de baixa estação. A PIEMTUR enviou representante ao encontro e ofereceu total apoio ao Projeto, comprometendo-se a apoiar a sua execução no Piauí.

ASSINE

PRESENÇA

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

Conto

DEVIA SER TUDO NOITE



FRANCISCO MIGUEL DE MOURA

Escritor, Poeta, Crítico
Literário, Presidente da U.B.E
(Secção do Piauí)

Foi a forma em que me perdi depois do caso dos santinhos que a gente roubava da igreja e ia vendendo aos cristãos que passavam. e até a gente saiu uma vez de casa em casa, na horas que as pessoas iam chegando do trabalho. na praça era melhor de noite, na frente do cinema e quando as pessoas iam pegar os jornais, ou tomar sorvete. mas a praça não é mais e nunca foi do povo, veja o tanto de outras gentes que ficam por lá ou passam nos espiando... cada qual mais bem vestido. não será só deles, nem sua nem minha exclusiva: de nós, nem quadrada, nem redonda, nem comprida: é uma praça quente com rumor de passos vivos. a gente estava como todo mundo: passando. não bem assim, que as vezes a gente sentava, as pernas doíam e a cabeça rodava. pra melhorar um pouco, eles passavam mais do que ficavam: cheirando a perfume, fedendo a suor ou desodorante. ficava um montão de gente vendo tevê no meio da praça, e mais adiante uma roda discutindo futebol, besteira! aqueles mais calados falando de amor que eu sei. desavergonhados, eu sei. todo mundo falando, falando... este menino pesava no braço, e chorando uns gritinhos finos de assustar. era até bom porque chamava a atenção. tem horas que eu tenho raiva dos que passam, mas eu quero chamar mesmo muito a atenção. ia levando meu filho. tinha tomado uma cachacinha no boteco com você, e o menino podia se perder de nós se deixasse solto: ele já dá uns passos. não pense que ele não é seu: é e não é. depois que nós passamos a viver juntos, em qualquer lugar, é. pois não é que eu pensei que estava só, naquele dia, e foi quando você me aparece e me dá uma força danada. não sabe como você é importante nessas horas. o menino esquelava. já dei um nome pra ele: gregório. o menino esquelava. não é meu nem é seu, tudo quites. mas não conta nada pra eles não, cara. só vai nos atrapalhar mais ainda, não viu naquele dia (semana passada? e faz diferença?) que a dona nos

enxotou a pau da casa dela? não era da casa nem nada. era dum alpendre velho que tinha lá pra trás, nem os porcos estavam querendo de tão sujo. nem as galinhas. também tinham cagado tudo. a gente se encostou por causa da chuva e fomos ficando... "vão embora, vagabundos. não quero vocês nem mais um instante aqui. me desapareçam ou mando chamar a polícia." falava fino e redobrava em esforço pra sair grosso e alto. lembra? depois a gente riu baixinho e mais longe demos gargalhadas: ah, ah, ah, ah!... não foi assim, seu zê? não foi? "foi". foi. "teu nome é tão bonito, ô quenga, que até tenho pena de chamar: alice! porra! isto é lá nome de gente da nossa espécie." você dizia com uma convicção que eu até penso que você já morreu. não diz mais nada, homem? não calou mesmo? mas isto de nome é nada pra nós, passa como o vento e é como se não tivesse. lembro mesmo é da praça. só fumar da tua bagana podia me dar tanta coragem. eu estava doidinha da cabeça não sei por quê. não corri, não corri mesmo. gosto de fazer raiva. eu, alice, ia correr? nunca. "você não pode ficar aí, desse jeito. leve a criança pra casa, essa exibição não é permitida. o povo fica



falando, toda hora um vai e me chama: absurdo! e lhe aponta." vai pra porra, eu lhe dizia. ninguém me tira daqui. "pois, me dá a criança" - não dou, eu gritava bem alto, depois ficava parada, vendo o soldado aflito. eu sou boba? ora se isto me incomoda. "mas deixa eu te dizer uma coisa que me engasgou aqui?" e apontava com o dedo bem no gogó. eu não parava, não deixando ninguém falar. estava com o cão nos couros, puta-merda! sim, na praça, eu e você, perdidos no meio dos índios, como se não achasse onde sentar o pé com medo de cobra. daí veio de novo o soldado, armado de revólver e cassetete, com uma de me tirar da praça, por isto e aquilo. dizia: "você não entende, eu sou mandado." aí eu abri o berreiro: não mexa com meu filho, senão, senão eu passo a mão em você, nojento! e ele sem jeito e se ajeitando. é, comigo, tem que ser assim mesmo, que é que você está pensando? não deu jeito de continuar e zê da silva entrou: "mas eu tou me lembrando é de quando tu trabalhava praquela besta de teu patrão vendedor de fumo de rolo e cigarro brabo e de que quase te matava quando tu me dava um, unzinho. não era? teve um dia que ele entrou feito uma fera - ah, bom tempo em que tu tinha uns olhos fortes (sem precisar beber, nem... psiu!) e pidões, olhando pros fregueses e eu morrendo de inveja, ciúme e sei mais o quê. também não podia dizer nada, a gente tinha um pacto - e te mandou calar a boca e me enxotou de dentro pra fora, proibindo, dizendo que eu não pisasse mais os pés outra vez naquela casa senão me mandava capar. será que ele estava pensando que tu não era de maior e que nós dois só estava ali pra se olhar um pro outro? que cara mais do fora! mesmo procurando me perder como frequê, antes de a gente se tornar no tornado e cortar o cabelo e usar essas roupas ruins e não ligar pra tomar banho nem pra nada nem pra ninguém disto que chamam de sociedade. não me perdi como frequê, você

sabe, nem como rolo de fumo, pois minha cor não dava, havia uma quantidade grande de gente me perseguindo, umas vezes eu saí correndo desabalado, você sabe," por que quis, eu disse, e ele não desmanchava a merenda, que falar também alimenta, a gente foi acostumado assim desde cedo, mas como aconteceram tantas coisas, muitos dias dá de a gente ficar mudo, mudo e surdo, escutem o zé: "uma ova! eu não quis nada daquilo, eu queria era o bem-bom, um bichão daqueles em cima de ti, hem? não quero pensar nada, que eu ficava mais doido do que sou, ficava, ele, teu patrão, não sabia que eu não era nem nunca fui motorista — coisa nenhuma, ele é que era um trouxa me ouvindo de olhos arregalados daquele jeito e me suportando há quanto tempo, nunca lhe dei meu nome nem vou dar nome nenhum a ninguém, você fez mal em chamar o menino de gregório: vão pensar que eu sou também gregório, pior é agora, você saiu levando aquele dinheirinho, que pensassem que eu era desempregado, quando meu emprego era exatamente tu, começou como um pretexto e depois foi se formando entre nós aquela amizade sem fim, grude danado de bom que me dava vontade de te convidar pra morar comigo, morar comigo? como? eu tinha sido expulso de casa e ficava zanzando o dia inteiro pela rua, sem saber o que fazer, de noite, era melhor, a gente se juntava e no escuro ninguém nos via, a velha me almalençoou, minha irmã, também, sabia? então não te contei? que pena, eu não sabia levar nada a sério, como ainda hoje, como se pode levar a vida a sério? hem? todo dia gente se matando para outros desfrutarem, e ainda tem quem se meta com rico ou com quem leva tudo no sério mesmo estando do lado de cá, sem saber, pensa besteiras, depois, pum! pum! pum! na caixa dos miolos, e os que meteram merda na cabeça dele ficam gozando do coitado que se foi, mas tem horas que a gente se bagunça mesmo e dá

vontade, dá vontade..." mas, ô meu deus, eu ia lhe dizendo outra coisa e você me interrompe, não é, seu cretino, quando aquele soldado chato voltou, começou a me seguir, me perseguindo, até batendo, e aí você falou grosso, de longe um pouco fazendo cena, tinha que falar mesmo pra ele se espantar: desafiou, "você viu?" se vi? nem me fale, nem me fale, outra coisa que eu nunca falei direito foi que nunca mais pisei o pé na loja nem em sonho, nem de brincadeira, que pena ter que não trabalhar duro! nos primeiros dias a gente fica querendo voltar, pois dá uma tristeza de lascar o cano, eu era competente, distribuía sorrisos por toda a loja, os lábios chiando de batom vermelho e os olhos brilhantes que nem sapato de verniz, fazia o meu trabalho, ficava cansada e a renda pouca era distribuída em casa e com você, aí eu sei que amava você e você não sabia, que cobrança besta! faz já muito tempo, bicho, a coisa não era como agora que a gente tem de trabalhar junto, e eu me amava também, era o que eles diziam, mas a coisa começou a despencar: o cabelo caindo, e aquela doença desgraçada que você me pegou, fiquei boa,



mas nunca consertei o sorriso, forte, mas era amargo, e isto eles não admitiam, deixa pra lá o que aconteceu, o passado não engorda ninguém, o problema que nós arranjamos foi esta criança, que vai fazer com o gregório? deixar por aí? você me disse: "bem, vamos pensar no caso," gente como nós não pensa, pensa? age logo ou não age nunca, me lembro, zé silvinha, que de longe você me acenava o que eu devia ir dizendo: "vai devagar, agora"; ou então: "vai fundo"; e depois aprovava: "foi uma boa, deu dentro", tudo na nossa linguagem de dedos e de gestos, tinha que decidir logo: se ia com o soldado, para onde ele nos queria levar, aqui; ou se a gente fugia, porque ele talvez estivesse mesmo fazendo média, fugindo, depois ficar "boiando", até a noite, e o bebê (dois anos?) era dar para alguma madame condoída, que não era fácil encontrar, isto a gente pensava, até que por mim eu o deixaria por aí, mas você tem bom coração e isto tem nos machucado, silvinha (tenho raiva do seu nome porque não é burguês como o meu, pra ficar igual, por que não mudo o meu pra maroca, pedrina ou inácia? por falar em burguês, senti um ódio central daquele... daquele bonzinho que chegava perto de você e dizia: "olhe, que ele te leva também," e pra mim: "venha cá, eu te dou um dinheirinho pra evitar escândalo, você está no meio da praça," estirou uma notaça: barão, bem que ele podia ter dado cinco ou dez, mas eu faria o escândalo do mesmo jeito, se é disto que têm medo, vão ver, nestes dias tiro a roupa e mostro o xíbiu pra todo mundo que passa, ao vivo: homens, mulheres, crianças, o meu é do mesmo jeito que o daquelas atrizes de televisão, só me lembro que deixei aquele emprego — seria sonho, sonho mau? — mas não sei por quê, uma das coisas que me pergunto, ele não me ofendeu, eu já estava ofendida quando aceitei: pequeno salário, muito serviço, só era gostoso por causa que a gente ficava muito olhada, parecia uma



boneca, um brinquedo que todo mundo queria ver e ter. um dia eu pensei até em ser misse. como? você estava do outro lado e a gente tinha que ficar juntos de um lado só, eu pensava muito nisto. depois, fumamos e bebemos. acho que foi por isto. "foi por isto, foi?" bem, bem, eu tinha cara de balconista como você dizia irônico? que grande mocinha eu era! e balconista tem cara diferente para você me ofender, tem? "e motorista tem cara diferente também?" mas você nunca foi motorista nem nada e aí estava a grande diferença. pois não é que ele caiu na tolice de me perguntar o que você fazia, não foi? e o seu nome, não foi? e o que você fazia aqui, todo dia? aí ele teve o que queria: minha recusa. daí também não me ouviu mais nada: era como se eu tivesse morrido, meus olhos não valiam, meu riso faceiro acabou. eu dava até o rabo pra não sair, se fosse como antes. mas foi tarde. e ainda dizem que não lutei. porra! "e você não deu?" interessa? vê se me defende agora desses caras que são muito mais da pesada e vão me lascar. como se arranja pra sair daqui, hem? "pois toma este menino e dá um giro por aí, que os caras manjaram qual é a nossa, entende? deixa o coitado aí. esconde na cesta, enquanto o tira vai cuidar da puta-que-o-pariu. faz a coisa direito. ora, ora, não venha me ensinar mais do que já me ensinou, seu tarado. logo agora, quando já não há luz nenhuma? você vê alguma coisa? sinto, ainda sinto: é uma merda. não precisa luz. agora tenho dúvidas se o cara que meteu um tiro na cabeça não estava certo. mas cadê o revólver? deita aqui, tá tudo escuro e a manhã vai amanhecer sem soldados e a praça sem donos. e aí nós vamos pra lá você ouviu, porra! amanhã vamos tomar de conta da praça, botar ordem naquela zorra. não, não, não creio. devia ser tudo noite, noite escura de meter o dedo no olho e não sentir. a noite da noite. deve ser o fim. que escândalo!

Xoemads

DA SÉRIE "ORIGEM E POESIA"

I

para Mariano da Silva Neto

Minha terra não é feita de concreto e aço
mas principalmente de uma essência rara.
Suas formas onduladas entre rochas areníticas
é minha cidade o coração de um poeta
que canta, embala ao suave sopro dos ventos
a harmonia da música de Vó Zabel.

A canção se faz de história e mito
e é tão fértil o seu aroma que ali
passaram os revoltosos e não ousaram tocá-la.
Os portugueses percorreram o leito de seu único rio
tombaram diante a fúria dos Deuses.

Diante tantos jenipapos sua geografia se fez
nomenclatura e verbo divino
onde a cultura de seu solo
associada a criação de gado
contemplou riquezas, construiu a face
urbana e rural de sua arquitetura.

Seus filhos, concretude e obstinação
percorrem as árduas estradas da vida
como pássaros em busca de seu vôo.
A beleza de sua aura reflete o horizonte
arco-íris dos olhos na retina.
Quem a visita, não a esquece
volta sempre aos afagos de seus inesquecíveis abraços.

Wilton Santos



CAMINHANDO NA CAMINHADA

Nesse abraço
somos suores e desejos
minha cidade sou eu
seu abandono
é o abandono do ser meu
causa mesma.
Minha cidade é
do tamanho do meu bem querer
mesmo que persiga a mim
vez em quando
crua má querença
bate em mim
avassala a mim
sôfregas ondas de esperanças,
de curtida crença

Carlos Alberto Gramoza
Amarante, 30 de julho de 1986

O DIA DO OUTRO

Nós outros
teremos a nossa vez.
Um segundo qualquer de um mês.

Será a recompensa
pelo cansaço dos braços
no balanço dos sprays.
Pelas pastilhas mordidas
na vã esperança
de gritar mais forte.

Nós outros
teremos a nossa vez.
será, ainda, antes da morte.

Durvalino Leal

A PONTE NA MEMÓRIA

Elmar Carvalho

O vento passavoante
pássaro voante
sob o arco-da-velha
sob o arco da ponte.
Baloíça os pés de oitis,
joga confete com suas folhas
e empurra o casario antigo
com suas: arcadas dóricas
volutas jônicas
ogivas góticas
sacadas exóticas
com suas parábolas e abóbadas.
O vento passalígero passalísio
e empurra o casario antigo
que navega parado
no tempo que navega
como um mar que navegasse
sob um navio ancorado
que se deixasse navegar.
Meu sonho de malas prontas
é passageiro e tripulação
do casario (navio que navega
ao se deixar navegar).



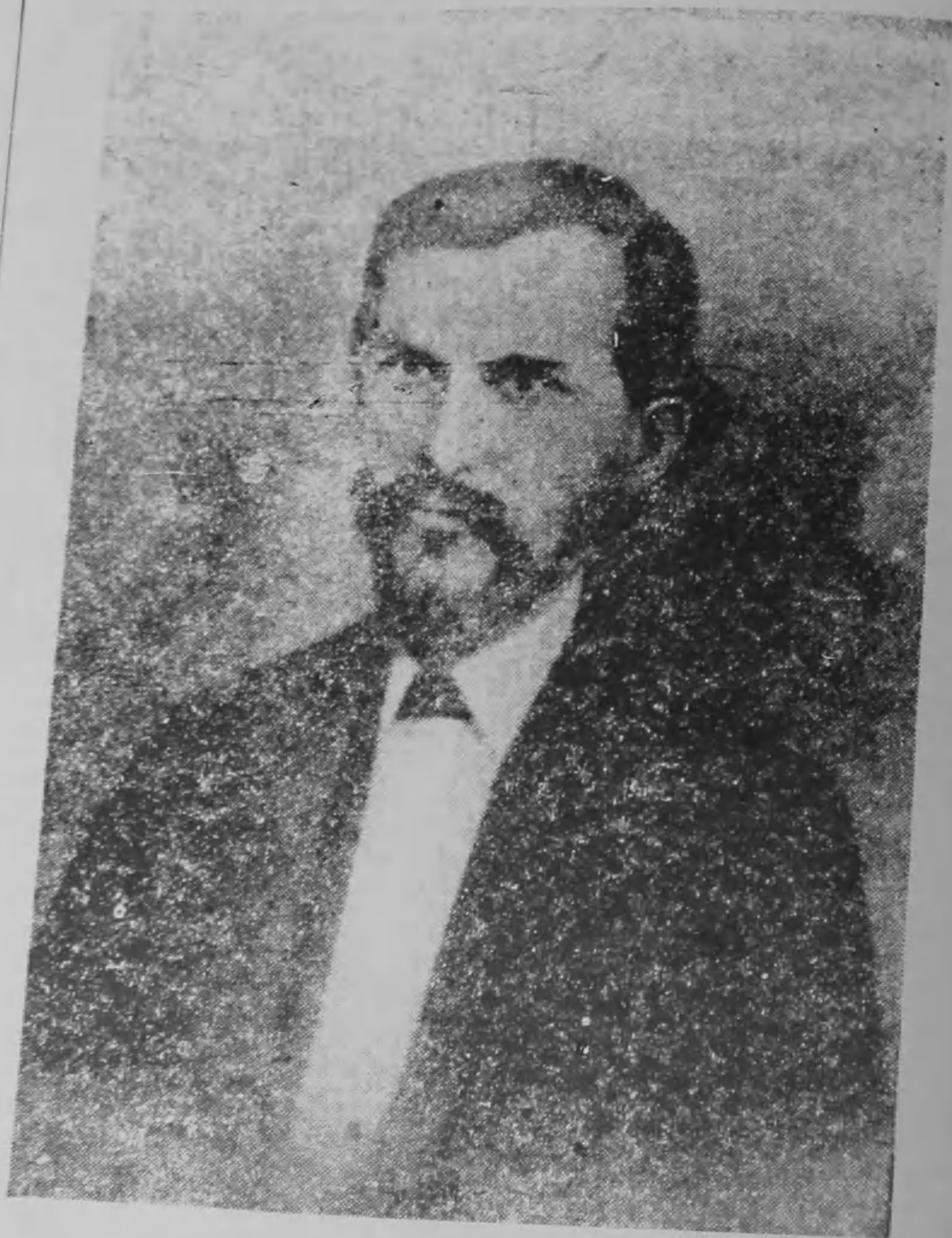
DIÁLISE

Necessito urgentemente de uma música suave
que me fale de coisas bonitas
como o despertar de manhã
o toque de encontro com a vida.
Preciso me fazer pássaro a longa data
rapidamente trocar a vestimenta do dia
anterior
com a inscrição numérica — 86196719.
Rasgar toda e qualquer torta concepção de moral
existente aqui ou em outra parte
composta em quadriláteros e medida em KM2
sem, contudo, ficar aprisionado a um espaço
de alcova, que meça 0,2mm e não me dê espaço
para movimentar meus braços ou minhas pernas.
Necessito para logo uma revolução em mim
que acorde o mais secreto pedaço do eu.
É importante uma diacormática no
vice-versa para toda poesia que eu for
escrever agora ou no ano que vem
evitar rimas e regras que possam
me trazer complicações ortográficas.
Necessito urgentemente escrever um poema de amor.

Francisco Rodrigues

História

A HISTÓRIA DA IMPRENSA PIAUIENSE



CUNHA E SILVA

A História da Imprensa do Piauí não é, de fato, das mais ricas do Brasil, mas também não é das mais pobres. Tem razão até de não ser mesmo das mais ricas, porque não tem dois séculos de existência. O primeiro jornal que apareceu no Piauí foi em 1832, com o nome de "O Piauiense", em Oeiras, então Capital da Província.

A imprensa, em meio pobre e atrasado, só pode ser pobre e atrasada. Em meio rico e adiantado, ela é também rica e adiantada. A imprensa é produto do meio natural em que opera. No começo do século passado, a cultura do Piauí era atrasadíssima, a cultura das letras era diminuta, restringindo-se a um número reduzidíssimo de letrados, de cultivadores da Língua Portuguesa e do Latim. Nosso primeiro jornal era essencialmente político, mas tratava também de assuntos diversos da vida social. Por esse tempo a instrução pública deu os primeiros passos com a criação da primeira escola pública, em Oeiras, em 1822, e a primeira escola particular foi aberta em Jaicós, no mesmo ano graças ao devotamento ao ensino do ilustrado Pe. Marcos.

A História da Imprensa Piauiense — descrita com mais pormenores e ilustrações — foi obra do saudoso Celso Pinheiro Filho, publicado em 1973, em Teresina. O autor cometeu omissões, mas o seu trabalho foi valioso e bem recebido pela crítica aqui do Piauí. No período da Monarquia, no Piauí, relativamente foram poucos os jornais que circularam, quase todos de duração efêmera, destacando-se já no fim do regime monárquico, o jornal de Davi Pereira Caldas, o "Oitenta e Nove", no qual o vibrante patriota e jornalista profetizou a data da implantação da República em nosso País. Com a formação dos dois partidos políticos — o Liberal e o Conservador — de cunho nacional e com o desenvolvimento, embora lento, da nossa cultura, outros jornais surgiram no Piauí, como o "Telégrafo", em 1832, sustentado pelo Visconde da



Parnaíba em defesa do seu atribulado governo. Nessa época obscurantista realçava o caciquismo político dele, manter

um jornal era tarefa difícil e penosa, a não ser que fosse subsidiado pelo Governo, como ainda hoje se vê.

De forma que não havia clima para a existência de jornal de oposição ao Governo do Visconde da Parnaíba, que não admitia críticas a ele, pelo que os seus opositores, que eram muitos, como não podiam ter jornal, imprimiam boletins em Caxias do Maranhão, combatendo o Visconde e esclarecendo ao público o que se passava no Piauí, sobretudo fatos relacionados com a Guerra dos Balaaios, então assolando os sertões do Maranhão e do Piauí. Depois da queda do Visconde da Parnaíba, em 1845, circulou outro jornal

"O Liberal Piauiense", de feição política, redigido por Lívio Lopes Castelo Branco e Silva, um dos heróis mais autênticos da Guerra dos Balaaios, participando dela de maneira brilhante, não empunhando a arma senão a arma da pena. Por isso Lívio Castelo Branco foi considerado, com justa razão, o maior jornalista da época; só, mais tarde, Tibério César Burlamaqui foi o competidor dele nas lides da imprensa-modesta, naqueles tempos distanciados de atraso e de incultura. Lívio Castelo Branco, anos mais tarde, com a mesma veemência e combatividade, dirigiu e redigiu os jornais "Aucapura", em 1850, o "Argos Piauiense" e o "Conciliador Piauiense", em 1857. Lívio Lopes Castelo Branco e Silva era, então, homem extraordinário, corajoso e patriota, era filho de Leonardo de N. S. das Dores



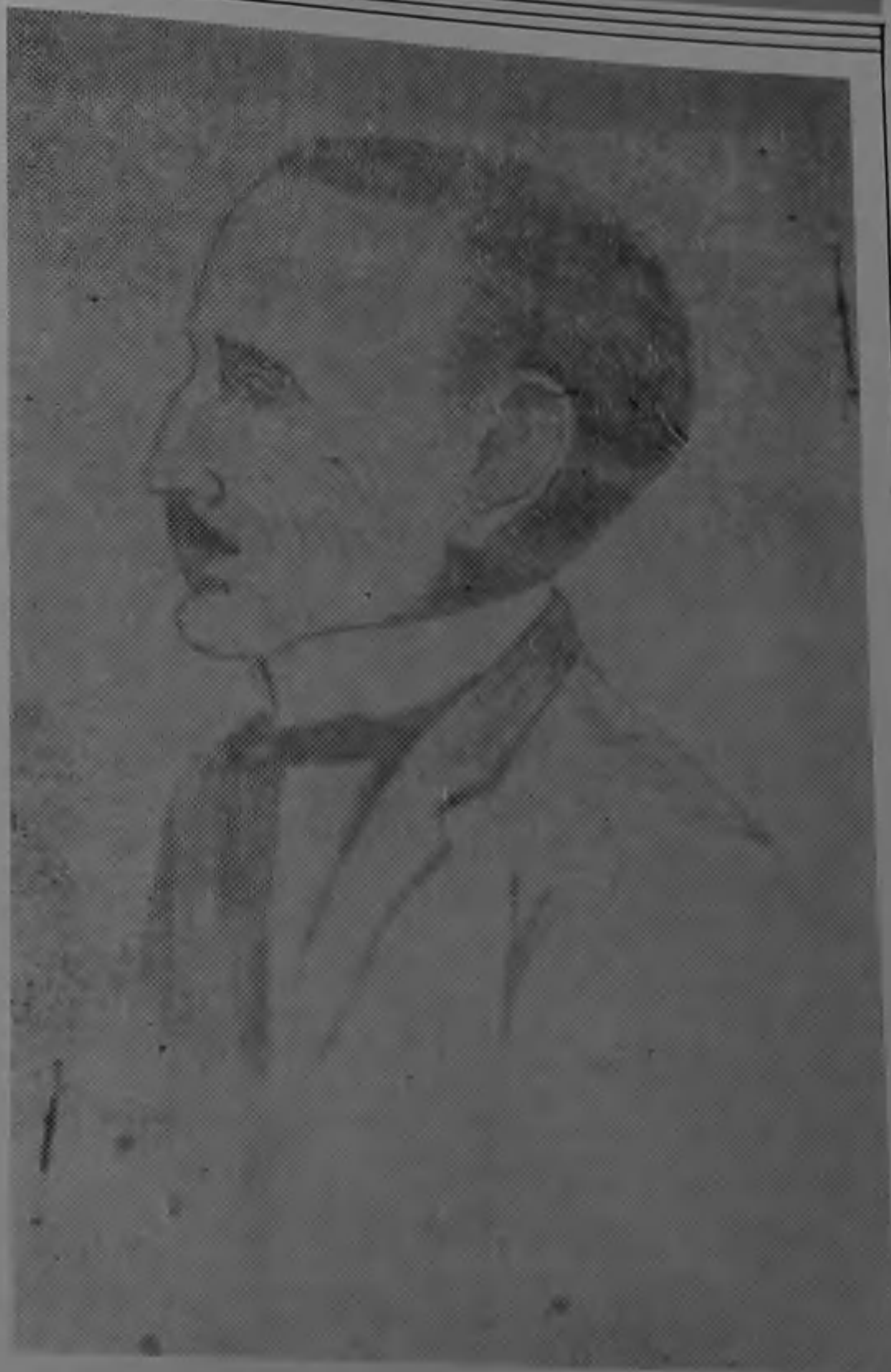
Castelo Branco. Figura de notável capacidade de trabalho, Lívio Lopes Castelo Branco foi uma das glórias da imprensa do Piauí. Tibério César Burlamaqui era também jornalista de valor, foi diretor e redator do jornal "O Eco Liberal", em 1844. Era líder do Partido Liberal e se empenhou em luta terrível contra o Conselheiro José Antônio Saraiva, Governador do Piauí, porque foi contra a mudança da Capital da Província de Oeiras para Teresina, como muitos de Oeiras o eram. Com a mudança da Capital, o jornal dele fechou-se, e os demais jornais de então não tiveram mais ação em torno do assunto que empolgava a opinião pública do Piauí. Logo após a transferência da Capital, Oeiras teve outro jornal "O Oeirense", redigido por Morais Sarmiento e

Manoel Pereira da Silva. As atividades políticas passaram, então, para Teresina e, ao mesmo tempo, circulou o jornal "A Ordem", em 1853, composto da Tipografia Constitucional de José da Silva Leite, cujo impressor foi José da Costa Vieira, avô de Abdias Neves. O redator do jornal era o jornalista José Martins Pereira de Alencastre, jovem baiano, talentoso e culto, que veio para o Piauí com o Governador José Antônio Saraiva e, em Teresina, publicou livros, entre os quais "História e Geografia da Província do Piauí". O jornal dele "A Ordem" apresentou a primeira feição gráfica e era bem redigido, demonstrando tendência de franca independência na apreciação dos atos do Poder Público. Dissertava também sobre temas de interesse público.

Em 1858, mais um jornal saiu "O Conciliador Piauiense", de curta duração, mas contundente em suas censuras, cujos redatores foram Deolindo Moura e Lívio Lopes. Esteve afastado, por algum tempo, das refregas da imprensa. Deolindo Moura ressurgiu depois com outro jornal "Liga e Progresso", de cuja redação fazia parte o grande David Caldas e, em 1864, fecha o jornal e a sociedade "O Progresso", cujo saldo aplicou na fundação da primeira Biblioteca Pública do Piauí. Em 1865, veio outro jornal "A Imprensa" — o jornal de maior duração da época, vivendo até o fim do Império bragantino. Chegou a vez de David Caldas entrar em cena na política nacional e do Piauí, publicando o jornal "O Amigo do Povo", tal como Marat, na "Revolução Francesa", fundando "Cami du Peuple" (O Amigo do Povo), defendendo o ideal republicano e os princípios liberais, sem os quais não existem república e democracia. David Caldas distribuía o jornal aos pobres, gratuitamente. O nome do jornal foi substituído por "Oitenta e Nove", em 1873, trazendo artigo de fundo, da autoria dele, anunciando a Proclamação da República em 1889. Entre 1879 e 1882, tivemos o "Almanaque Piauiense", de Miguel de Sousa Borges Castelo Branco. Outra revista tivemos, a "Revista Mensal de Literatura", discorrendo sobre ciências e artes, editada por Leônidas Benício de Mariz e Nascimento Filho, tendo, como redatores, Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e Lucurgo de Paiva, em 1877. Mas outro jornal saiu em 1878, "A Época", cujos redatores foram Teodoro Alves Pacheco, Raimundo de Arêa Leão, Simplício Coelho de Resende e Higino Cunha. Tivemos mais outro jornal "O Telefone", de 1883 a 1889, de propriedade de Joaquim Diniz, defendia os interesses do Partido Liberal e teve a idéia feliz de acolher a colaboração dos intelectuais da época. Outro jornal foi "A Reforma" em 1887, de propriedade de Mariano Gil Castelo Branco (Barão de Castelo

Branco), tendo, como redatores, Clodoaldo Freitas e Antônio Rubim. O jornal defendia os ideais abolicionistas com tendências republicanas. Estampava belos artigos doutrinários a respeito de princípios filosóficos, políticos e sociológicos. Foi esta a fase mais tensa da campanha abolicionista. Os liberais estavam divididos. Uns queriam a libertação dos escravos de maneira gradual, aos poucos; já outros a queriam de forma integral, **in totum**. Os dias da Monarquia estavam contados com o surgimento do Partido Republicano, em 1870, com a **Questão Militar** — o dissídio entre o Governo e o Exército e, por fim, com a abolição do cativeiro. As agitações na Corte repercutiam nas Províncias. Os senhores de escravos, os escravocratas tremiam de medo com o avanço do abolicionismo. Os monarquistas rubros ficaram sobressaltados com o alastramento dos ideais republicanos, infiltrando-se na Escola Militar e nos quartéis. A animosidade entre o Visconde de Ouro Preto e o Marechal Deodoro da Fonseca precipitou os acontecimentos em prejuízo da causa monárquica. O Piauí não escapou de tais agitações, com reflexos na imprensa e nos bastidores dos Partidos Políticos — o Liberal e o Conservador. O raiar da República não tardava a despontar.

O aparecimento de jornais, no Piauí, não cessou, quer nos últimos estertores da monarquia, quer nos albores da República. Em 1879, foi posto em circulação o "Almanaque Piauiense" de propriedade e redação de Miguel de Sousa Borges Castelo Branco. O Almanaque anotava dados estatísticos e notícias várias e circunstanciadas do interesse da Província de 1882 a 1889 circulou o "O Telefone", de propriedade de Antônio Diniz. Em 1889 já na República, o jornal foi transformado em "Estado do Piauí", tornando-se órgão republicano. Anteriormente, em 1887, entrou em circulação "A Reforma" — periódico político, noticioso e literário, redatado por Clodoaldo



Freitas e Antônio Rubim. O jornal era abolicionista, tendente para as idéias republicanas já se espalhando por todo o País. Em 1904, divulgou-se o "Pasquim" — jornal ferino, com ataques pessoais, sem respeitar o recesso das famílias, era distribuído às horas altas da noite. O linguajar dele agradava às consciências levianas da época. Em 1905, veio à publicidade "O Monitor" — jornal anticlerical, mas bem escrito por Higino Cunha, Matias Olímpio e Bonifácio de Carvalho. Eram redatores ateus ou livres

— pensadores, mas foram rebatidos por jornalistas católicos, como Elias Martins, e por sacerdotes ilustrados, como o Pe. Cícero Portella Nunes, mais tarde, Cônego e Monsehor, fundador e diretor do conceituado Colégio "Bento XV" do qual fui aluno interno três anos. Em 1906, circulou "O Operário", jornal noticioso e literário. Era semanário, tendo, como redatores, intelectuais de valor, como Jônatas Batista, J. Saraiva de Lemos, Zito Batista, Celso Pinheiro e Da Costa e Silva.

veio a outra fase de "O Pirralho", de propriedade de Alberoni Lemos, de saudosa memória, com a colaboração dos mesmos jornalistas da primeira fase, todos de grande talento. Em 1958 tivemos o "Jornal do Comércio", de propriedade e direção do saudoso Bento Clarindo Bastos, mas fundado por seu pai João Bastos, já falecido, homem público de rara competência e capacidade de trabalho. Nele colaboraram Cunha e Silva e outros jornalistas da nossa terra. Em 1951, outro jornalzinho "A Cidade", dirigido por João Mendes Olímpio de Melo, teve curta circulação em Teresina. Existiram em Floriano, mais jornais: "A Luta", de Osvaldo Costa e Silva; "O Popular", de José Pires Ferreira, e o "Floriano", com colaboração de Osvaldo da Costa e Silva, Cunha e Silva e João Cavalcante. Em 1951, o saudoso homem público Antônio de Almendra Freitas criou o "Jornal do Piauí" — órgão do Partido Social Democrático, é o mais antigo jornal do Piauí com circulação ininterrupta, atualmente de propriedade e direção da Exma. Sra. Dona Maria Eunice Vieira Chaves, tendo, como colaboradores Cunha e Silva, A. Tito Filho, Francisco Heitor Leão da Rocha, Zé Valter, Ramsés Ramos, Edmundo Moreira, Weyden Cunha, José Patrício Franco, Sérvulo Carvalho, Paulo Chaves Diniz, Paulo José, F. Marinho, Herculano Moraes.

Em 1953, foi publicado o Órgão da Associação Profissional dos Jornalistas do Piauí, sob a direção de A. Tito Filho. Em 1958, foi fundada a "Folha da Manhã" por Marcos Parente. Grande jornal diário, dos melhores do Piauí, possuindo corpo redacional de primeira ordem.

Em 1959, o pranteado confrade Raimundo Ramos fundou e dirigiu "Cidade de Teresina", e, em 1962, o mesmo jornal ressurgiu, sob a direção do mesmo jornalista. Em 1958, Matias Melo Filho, já falecido, fundou e dirigiu "Imprensa do Povo" — jornal de boa aceitação popular. Em 1962, apareceu o

diário "Folha do Nordeste", de propriedade de João Clímaco de Almeida, ex-governador do Estado e proveito homem público. Em 1964, "Voz do Piauí" foi outro jornal surgido e fundado por Raimundo Leão Monteiro, já falecido. Em 1968, a jornalista, Maria Edite de Anunciação Carvalho, talentosa e brilhante, fundou "O Liberal" — jornal de muito conceito em nosso meio pela nobreza de suas campanhas em defesa do povo. Tem bons colaboradores. Cunha e Silva é o mais assíduo deles. Em 1969, começou a brilhar na constelação dos grandes jornais do Piauí "O Estado", fundado por Venelouis Xavier Pereira e, atualmente dirigido por Helder Feitosa — jornalista dos mais autênticos da nossa terra. "O Estado", honra a imprensa do Nordeste. Os jornalistas, que compõem este matutino são: Chico Viana, Pedro Alcântara, Elvira Raulino, Clímério Lima, Ral. Iracema Santos Rocha, Josias Clarence Carneiro da Silva.

Em 1970, tivemos "Opinião" — de propriedade e direção de José Camilo Filho e redatado por Evandro Cunha e Silva. Seus colaboradores foram Cunha e Silva, Torquato Neto, Paulo José Cunha e Durvalino Couto. Em Picos, existe "O Jornal de Picos".

Em 1971, começou a ser editada "A Hora" — jornal diário muito bem feito e já teve como primeiro Diretor Luís Nodqi Noqueira; como último Diretor, Paulo Henrique de Araújo Lima; como Editor Wilson Fernandes do Rêgo; como Chefe de Redação, Paulo Augusto de Araújo Lima. Os jornais "O Tempo", dirigido e redigido por Cláudio Pacheco — jornalista, jurista e escritor de projeção nacional, e a "Gazeta", de propriedade e direção do imolvidável B. Lemos, homem extraordinário pela sua grandeza moral e espiritual. Nos dois jornais colaborei por muito tempo escrevi também, por vários anos, no "O Floriano", da cidade de Floriano, Jornal dos melhores que o Piauí já possuiu por causa da correção de linguagem com que eram redigidos quase todos os seus artigos de fundo de autoria do inesquecível José Messias Cavalcante — jornalista,

magistrado e jurista dos maiores do Piauí. A esses três mestres de jornalismo — José Messias Cavalcante, B. Lemos e Cláudio Pacheco — devo o amor e o devotamento que tenho ao jornal durante cinquenta e sete anos de atividade.

Em Parnaíba os jornais de maior penetração são: "A FOLHA DO LITORAL" e a "LIBERTAÇÃO".

Em 1945, Raimundo Leão Monteiro, já falecido, ressurgiu "O DIA", de Abidias Neves, contando a colaboração dos jornalistas, A. Tito Filho, Cunha e Silva, Crisipo de Aguiar, Camal Cury, Orisvaldo Bogyia Brito, os jornais "O DIA", como o "JORNAL DO PIAUÍ", são mais antigos da cidade em circulação.

Atualmente, o seu diretor-presidente, é o Cel. Octávio Miranda. O Corpo relacional é composto dos jornalistas, Leal, Mário Soares, José Lages dos Santos e Elvira Raulino e Thaís Bezerra.

O jornal "TRIBUNA DO POVO", foi fundado em abril de 1955, pela Editora Tribuna do Povo LTDA, redator — o falecido jornalista Rodrigues dos Santos. Passou um tempão desativado, ressurgiu com o jornalista e atual dep. estadual, Tomaz Teixeira, que fundado juntamente com o jornal "FOLHA DO PIAUÍ", fundado no final do ano de 1983 por Paulo Santos Rocha, combativo jornalista e dep. estadual, são os únicos jornais que fazem oposição. Circulam uma vez por semana. Entre os colaboradores, Paulo Santos Rocha, Cunha e Silva, Evandro Setúbal e Magno Pires.

No ano de 1979, por iniciativa do prestigiado empresário, José Elias Tajra, que é também, o seu diretor-presidente, foi fundado o "JORNAL DA MANHÃ", órgão político, noticioso e cultural. O "JORNAL DA MANHÃ", é o único jornal diário de Teresina, que mantém uma página cultural, editada pelo jornalista Kenard Kruel. O editor é o jornalista político, Pires de Sabóia, secretário é o jornalista, José Eduardo Pereira Filho. Colaboradores, Chico Castro, Carlos Said, Dídimo de Castro, Mauro Júnior, Cláudio Brtos, Heitor Leão da Rocha.

entre outros

Por último cito, os jornais "JORNAL DE SERVIÇO", fundado em 1984. Seminário de propriedade de Genésio Araújo que circula nas segundas-feiras, o jornal "CORREIO DO PIAUÍ" propriedade de Genésio Araújo, fundado em 1985

Colaboradores, Lena Rios, Gilmário Alves de Sousa, Nelito, Thaís Bezerra, Paulo José e Pedro Silva

A revista Presença, órgão da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, circulação trimestral, tem como editor, Pedro Ferrer e secretária Sônia Cunha e Silva.

Circula a nível nacional, divulgando a cultura piauiense. Fontes Consultadas: Arquivo Público, a História da Imprensa Piauiense de Celso Pinheiro, Arquivo particular do autor da matéria

"Cunha e Silva, jornalista político, escritor e membro da Academia Piauiense de Letras."



**Visite em Oeiras, o Museu
de Arte Sacra e o Centro Cultural
Sobrado Major Selemérico**